

**YARA PATRÍCIA GOMES DE PINA ZAU**

**PERSPETIVA DA SOCIEDADE PORTUGUESA  
RELATIVAMENTE AO ESPETÁCULO  
TAUROMÁQUICO**

**Orientador:** Prof. Doutor Manuel Pequito

**Orientador externo:** Prof. Doutor Gonçalo Da Graça Pereira

**Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias  
Faculdade de Medicina Veterinária**

**Lisboa**

**2017**

**YARA PATRÍCIA GOMES DE PINA ZAU**

**PERSPETIVA DA SOCIEDADE PORTUGUESA  
RELATIVAMENTE AO ESPETÁCULO  
TAUROMÁQUICO**

Dissertação defendida em provas públicas para a obtenção do Grau de Mestre em Medicina Veterinária no Curso de Mestrado Integrado em Medicina Veterinária conferido pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, no dia 07 de Dezembro de 2017, com o Despacho de Nomeação de Jurí nº 417/2017 de 20/11, com a seguinte composição:

**Constituição do Jurí:**

**Presidente:** Prof<sup>ª</sup>. Doutora Laurentina Pedroso

**Arguente:** Prof<sup>ª</sup>. Doutora Raquel Matos

**Orientador:** Prof<sup>ª</sup>. Doutor Manuel Pequito

**Vogal:** Prof<sup>ª</sup> Doutora Margarida Alves

**Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias**

**Faculdade de Medicina Veterinária**

**Lisboa**

**2017**

*Quanto mais as pessoas compreendem que os animais, especialmente mamíferos gregários com cérebros complexos, têm vida emocional e acima de tudo, são capazes de sofrer - tanto mentalmente como fisicamente - mais depressa poderemos conseguir mudar as formas inadequadas como milhões de animais são tratados.*

Jane Goodall

## **Dedicatória**

A todas as pessoas que, independentemente dos obstáculos que encontram pela frente, não desistem de lutar pelos seus sonhos,

“Tudo é considerado impossível até acontecer”.

[Nelson Mandela].

## Agradecimentos

- ✧ Ao prof. Doutor Gonçalo Da Graça Pereira, não tenho palavras para agradecer toda a disponibilidade e ajuda, não só em relação a este estudo, mas também no que respeita ao estágio curricular. Todo o seu apoio, adicionado à sua sapiência, foram fulcrais para a concretização desta dissertação. Não posso deixar de evidenciar a referência que foi para mim, na área do comportamento animal, a minha área de paixão. Sinto um enorme orgulho em ter sido sua estudante, o que incrementou os meus conhecimentos nesta área;
- ✧ Ao Prof. Doutor Manuel Pequito, por ter aceite ser meu orientador interno, sem qualquer hesitação. Agradeço toda a disponibilidade e apoio, que contribuíram para a finalização desta dissertação;
- ✧ À prof<sup>a</sup>. Doutora Inês Viegas, por toda a ajuda e disponibilidade essencialmente na análise estatística desta dissertação de mestrado, mas também por todos os conselhos e toda a força, que amistosamente me foi transmitindo. A sua colaboração a todos os níveis foi fundamental e imprescindível para a concretização deste estudo;
- ✧ À prof<sup>a</sup>. Doutora Sara Fragoso, que pela enorme simpatia e profissionalismo, sempre se mostrou disponível em ajudar nesta dissertação, contribuindo para o enriquecimento deste trabalho;
- ✧ À LPDA (Liga Portuguesa dos Direitos do Animal), onde passei a maior parte do meu estágio curricular e a toda a equipa, desde os médicos veterinários aos auxiliares e colegas de estágio. Quero, contudo, dirigir um especial e gigantesco agradecimento à Dra. Célia Palma (Diretora clínica da Clínica Veterinária de Carcavelos da LPDA), não só pela confiança depositada em mim, por todo o conhecimento médico-veterinário que me foi transmitindo, por todo o carinho e amizade. À Dra. Marta Passos, que me ajudou imenso profissionalmente, pela força cedida na conclusão desta dissertação e igualmente por todo o carinho e amizade, que me encorajou a continuar. Mas também agradeço à restante equipa que me recebeu de “braços abertos” e me fez sentir em “casa”: à Dra. Teresa Landeiro, à Patrícia Bengalinha e à Carla Hipólito;
- ✧ À minha família, em particular ao meu pai Filipe Zau, à minha mãe Maria Ermelinda Zau, à minha irmã Tânia Zau e cunhado Fernando Carvalho e claro aos meus queridos sobrinhos, Ana Carolina Carvalho e Nuno Carvalho. Obrigada pelo vosso apoio durante mais esta etapa da minha vida. Às minhas avós Maria de Pina Zau e Flora Pedreiro, que

sempre me apoiaram em tudo. O amor que sempre depositaram em mim, fez com que eu fosse a pessoa que hoje sou;

- ✧ A todos os meus amigos, que sem dúvida foram e continuam a ser a família, que não sendo de sangue, me apoia incondicionalmente. Começo por agradecer às amigas de longa data que me acompanharam durante a frequência na Licenciatura em Biologia na Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa e que me deram toda a força no ingresso deste Mestrado Integrado em Medicina Veterinária: Lwei Neto (Bada) e à Ana Margarida Matos (Boda). Não tenho palavras para agradecer tudo o que fizeram por mim.
- ✧ Agradeço ainda ao Helder Hurst (Pico), amigo incansável e à Andreia Barata (xuxu loiro). A vossa ajuda contribuiu para o trilha deste árduo caminho que foi a finalização desta etapa;
- ✧ Durante este curso tive oportunidade de conviver com colegas que se tornaram amigas para a vida. Deram-me a força e a coragem necessárias para não desistir e seguir sempre em frente. Por isso e por muito mais, agradeço à Inês Neto (Zália), à Olga David (Olguita), à Joana Martins (Joaninha), à Mafalda Santos (Porquita), à Joana Ripado, à Joana Santos (Polly) e à Natasha Lima;
- ✧ Por último, mas não menos importante, um enorme agradecimento à minha melhor amiga e companheira de 4 patas, Rebeca Pina Zau, que com quase 22 anos, acompanhou-me em todas as etapas importantes da minha vida. E porque estiveste sempre ao meu lado, nos bons e nos maus momentos, pressentindo sempre quando precisava de uma marradinha calorosa, o meu muito OBRIGADA.

## Resumo

Genericamente, a realização de espetáculos tauromáquicos é divulgada, quer para fins culturais e/ou beneficência, quer para ações turístico-comerciais. Se por um lado são reivindicados os direitos dos animais, por outro, o valor tradicional e cultural é alegado em primeira instância como justificativa para a manutenção das práticas tauromáquicas.

Com este estudo, pretendeu-se avaliar de um modo geral, a perspetiva e a posição da sociedade portuguesa face aos espetáculos tauromáquicos. Para tal, recorreu-se a um inquérito divulgado essencialmente em redes sociais e páginas *web*. Foram ainda distribuídos questionários em papel, nos concelhos de Braga, Porto, Aveiro, Lisboa, Cascais, Mafra (Ericeira), Caldas da Rainha, Montijo, Setúbal, Santarém, Vila Franca de Xira e Barrancos. Todos foram disponibilizados entre 29/12/2016 e 15/03/2017, tendo sido contabilizados 8377 questionários.

Verificou-se que a maior parte dos inquiridos no último ano, não assistiu/participou em algum tipo de espetáculo tauromáquico (71,2%, n=5965/8377), sendo a razão maioritária a preocupação com o bem-estar animal (76,6%, n=1206/1575). Mais de metade dos inquiridos consideram que a prática tauromáquica não deve ser mantida em Portugal (66,7%, n= 5584/8377). Dos que consideram que deve ser mantida (30,4%, n= 2548/8377), a maioria alega que faz parte da tradição portuguesa (96,8%, n= 1365/1410).

Sugere-se que de um modo geral, a sociedade portuguesa (nesta amostra), se posiciona contra a continuação dos espetáculos tauromáquicos em Portugal. Contudo, ainda há uma percentagem, que defende estes espetáculos, alegando sobretudo, valores culturais e tradicionais.

**Palavras chave:** Tauromaquia, Sociedade portuguesa, Tradição, Cultura, Direitos dos animais.

## Abstract

Generally, bullfights are advertised, either for cultural purposes and/or charity purposes, or for touristic and commercial actions. On one side, the animal rights are claimed, but on the other, the traditional and cultural values are firstly alleged as justification for maintaining bullfighting practices.

The present study was intended to evaluate, in a general way, the perspective and position of the Portuguese society towards bullfighting. For that purpose, an inquiry was used and disclosed mainly in social nets and web pages. There were also inquiries in paper form distributed in Braga, Porto, Aveiro, Lisboa, Cascais, Mafra (Ericeira), Caldas da Rainha, Montijo, Setúbal, Santarém, Vila Fraca de Xira e Barrancos. All were made available between 29/12/2016 and 15/03/2017, and 8377 inquiries were accounted for.

It was observed that the majority of the inquiry respondents did not watch/participated in any type of bullfights in the last year (71,2%, n=5965/8377), being the main reason for that the concern for the animal welfare (76,6%, n=1206/1575). More than half of the inquiry respondents consider that bullfighting should not be maintained in Portugal (66,7%, n= 5584/8377). Of those who consider that it should be maintained (30,4%, n= 2548/8377), most claim that it is part of Portuguese tradition (96,8%, n= 1365/1410).

It is suggested in a general way, that Portuguese society (in this sample), is against bullfights continuing in Portugal. However, there is still a percentage that defend these practices, mostly alleging cultural and traditional values.

**Key words:** Bullfighting, Portuguese society, tradition, culture, animal rights.



## **Lista de Abreviaturas, Símbolos e Acrónimos**

**CEE:** Comunidade Económica Europeia

**CIES IUL:** - Centro de investigação e estudos de sociologia, Instituto universitário de Lisboa

**DL:** Decreto Lei

**Et al.:** e outros

**IC 95% média:** Intervalo de confiança de 95% para a média

**I.G.A.C.:** Inspeção-Geral das Atividades Culturais

**INE:** Instituto Nacional de estatística

**LPDA:** Liga Portuguesa dos Direitos do Animal

**RET:** Regulamento de Espetáculos Tauromáquicos

**UNESCO:** Organização das Nações Unidas para a Educação, a ciência e a cultura

%: por cento

$\chi^2$ : chi-quadrado

$\bar{X}$  = Média aritmética

## Índice Geral

<b>Resumo.....</b>	<b>6</b>
<b>Abstract.....</b>	<b>7</b>
<b>Lista de Abreviaturas, Símbolos e Acrónimos.....</b>	<b>8</b>
<b>Índice Geral.....</b>	<b>9</b>
<b>Índice de Tabelas.....</b>	<b>11</b>
<b>Índice de Gráficos.....</b>	<b>12</b>
<b>I. DESCRIÇÃO DO ESTÁGIO CURRICULAR.....</b>	<b>16</b>
1. Casuística.....	16
<b>II. DISSERTAÇÃO DE MESTRADO.....</b>	<b>18</b>
<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>18</b>
1.1. Contextualização do estudo.....	18
<b>1.2. História da Tauromaquia.....</b>	<b>20</b>
1.2.1. Relação do homem com o touro.....	20
1.2.2. A origem do touro de lide.....	21
1.2.3. Simbologia e mitologia do touro.....	22
1.2.4. O Homem, as corridas e os "jogos" taurinos.....	26
1.2.5. A tauromaquia em Portugal.....	30
1.2.5.1. Os forcados e a pega.....	36
1.2.5.1.1. A origem dos forcados.....	36
1.2.5.1.2. A pega.....	37
1.2.5.2. O toureio a cavalo.....	37
1.2.5.3. O touro de lide.....	38
<b>1.3. A Tauromaquia nos dias de hoje.....</b>	<b>39</b>
1.3.1. Tradição e Tauromaquia.....	41
1.3.2. Religião e Tauromaquia.....	44
1.3.3. Socioeconomia e tauromaquia.....	45
<b>2. MATERIAIS E MÉTODOS.....</b>	<b>49</b>
2.1. Metodologia.....	49
2.2. Critérios de inclusão.....	49
2.3. Critérios de não inclusão.....	50
2.4. Critérios de exclusão.....	50
2.5. Tipo de estudo.....	50
2.6. Estrutura do questionário.....	50

2.7. Análise estatística.....	50
<b>3. RESULTADOS.....</b>	<b>52</b>
<b>3.1. Análise estatística descritiva.....</b>	<b>52</b>
3.1.1.Caracterização sociodemográfica.....	52
3.1.2.Caracterização da amostra quanto à participação/assistência em espetáculos tauromáquicos.....	55
3.1.3.Caracterização da amostra quanto à opinião pessoal e perceção de conhecimento relativamente a algumas características dos espetáculos tauromáquicos.....	58
<b>3.2. Análise estatística inferencial.....</b>	<b>64</b>
3.2.1.Relação entre a participação/assistência no último ano a algum tipo de espetáculo tauromáquico.....	64
3.2.2.Relação entre a opinião sobre se a prática tauromáquica deve ser mantida em Portugal.....	73
3.2.3.Caracterização relativas à senciência.....	82
<b>4. DISCUSSÃO.....</b>	<b>86</b>
<b>4.1.Limitações e relevância do estudo.....</b>	<b>86</b>
<b>5. CONCLUSÃO.....</b>	<b>101</b>
<b>6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>104</b>
<b>APÊNDICE - Inquérito.....</b>	<b>I</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>VIII</b>
Anexo I - Cartazes com divulgação de corridas em honra de Santos.....	VIII
Anexo II - Apoios financeiros públicos à tauromaquia por parte do governo dos Açores. ....	XI
Anexo III - Apoios financeiros públicos à tauromaquia por parte da Câmara Municipal de Vila Franca de Xira.....	XII

## Índice de Tabelas

<b>Tabela 1</b> - Dados referentes aos espetáculos tauromáquicos realizados e número de espetadores entre 2010 e 2016 em Portugal Continental.....	<b>41</b>
<b>Tabela 2</b> - Caracterização da amostra quanto ao motivo de concordância de atribuição de subsídios por parte do estado Português a espetáculos tauromáquicos .....	<b>61</b>
<b>Tabela 3</b> - Valores médios, desvio padrão e testes ANOVA de perceção da dor por animal e por preferência comparativamente à manutenção da tauromaquia em Portugal.....	<b>83</b>

## Índice de Gráficos

<b>Gráfico 1</b> - Caracterização da amostra relativamente à espécie.....	16
<b>Gráfico 2</b> - Caracterização da amostra por categoria e área de especialidade.....	17
<b>Gráfico 3</b> - Caracterização da amostra relativamente aos procedimentos clínicos e de enfermagem veterinária .....	17
<b>Gráfico 4</b> - Caracterização da amostra relativamente à idade.....	52
<b>Gráfico 5</b> - Caracterização da amostra relativamente à religião/crença.....	53
<b>Gráfico 6</b> - Caracterização da amostra residente em Portugal, por distrito ou região autónoma.....	54
<b>Gráfico 7</b> - Caracterização da amostra quanto ao nível de escolaridade.....	54
<b>Gráfico 8</b> - Caracterização da amostra quanto à participação/assistência em algum tipo de espetáculo tauromáquico no último ano.....	55
<b>Gráfico 9</b> - Caracterização da amostra quanto ao motivo de não assistir/participar no último ano em algum tipo de espetáculo tauromáquico.....	55
<b>Gráfico 10</b> - Caracterização da amostra que participou/assistiu em algum tipo de espetáculo tauromáquico no último ano, quanto à categoria.....	56
<b>Gráfico 11</b> - Caracterização da amostra quanto à motivação para assistir/participar em espetáculos tauromáquicos.....	56
<b>Gráfico 12</b> - Caracterização da amostra quanto à idade de início de assistência/participação em espetáculos tauromáquicos.....	57
<b>Gráfico 13</b> - Caracterização da amostra quanto à assistência/participação relativamente a uma possível substituição do touro nas práticas tauromáquicas por um robot.....	57
<b>Gráfico 14</b> - Caracterização da amostra quanto à assistência/participação relativamente a uma possível substituição do touro nas práticas tauromáquicas por outro animal, por exemplo um cão.....	57
<b>Gráfico 15</b> - Caracterização da amostra quanto à razão apontada para não assistência/participação em espetáculos tauromáquicos caso o touro fosse substituído por outro animal, por exemplo um cão. ....	58
<b>Gráfico 16</b> - Caracterização da amostra quanto à opinião sobre a perigosidade dos espetáculos tauromáquicos para animais, praticantes e/ou espetadores.....	58
<b>Gráfico 17</b> - Caracterização da amostra quanto à opinião sobre que elemento consideram estar mais exposto ao perigo nos espetáculos tauromáquicos.....	58
<b>Gráfico 18</b> - Caracterização da amostra quanto à opinião sobre a possibilidade de o touro sentir dor aquando da colocação das bandarilhas em corridas de touros.....	59
<b>Gráfico 19</b> - Caracterização da amostra quanto à opinião sobre a possibilidade de o cavalo sentir dor quando é ferido pelo touro em corridas de touros.....	59

<b>Gráfico 20</b> - Caracterização da amostra quanto à opinião sobre a extinção do touro bravo caso não existissem espetáculos tauromáquicos.....	<b>59</b>
<b>Gráfico 21</b> - Caracterização da amostra quanto à opinião de ligação de espetáculos tauromáquicos a festas religiosas.....	<b>60</b>
<b>Gráfico 22</b> - Caracterização da amostra que considera que os espetáculos tauromáquicos não estão ligados a festas religiosas.....	<b>60</b>
<b>Gráfico 23</b> - Caracterização da amostra quanto à opinião sobre o estado português apoiar através de subsídios os espetáculos tauromáquicos.....	<b>60</b>
<b>Gráfico 24</b> - Caracterização da amostra quanto à opinião sobre a importância da tauromaquia para a cultura.....	<b>61</b>
<b>Gráfico 25</b> - Caracterização da amostra quanto à opinião sobre a contribuição da tauromaquia para a economia.....	<b>61</b>
<b>Gráfico 26</b> - Caracterização da amostra quanto à opinião sobre a contribuição da tauromaquia para o turismo.....	<b>61</b>
<b>Gráfico 27</b> - Caracterização da amostra quanto à opinião sobre a imagem que Portugal adquire com as práticas tauromáquicas.....	<b>62</b>
<b>Gráfico 28</b> - Caracterização da amostra quanto à opinião sobre a continuação das práticas tauromáquicas em Portugal.....	<b>62</b>
<b>Gráfico 29</b> - Caracterização da amostra quanto à opinião sobre algumas tradições portuguesas.....	<b>63</b>
<b>Gráfico 30</b> - Caracterização da amostra quanto ao conhecimento sobre a utilização da maioria dos fundos adquiridos com os espetáculos tauromáquicos.....	<b>63</b>
<b>Gráfico 31</b> - Relação entre o género dos inquiridos e a assistência/participação no último ano em algum tipo de espetáculo tauromáquico.....	<b>64</b>
<b>Gráfico 32</b> - Relação entre a idade dos inquiridos e a assistência/ participação no último ano em algum tipo de espetáculo tauromáquico.....	<b>65</b>
<b>Gráfico 33</b> - Relação entre o meio de residência dos inquiridos e a assistência/participação no último ano em algum tipo de espetáculo tauromáquico.....	<b>65</b>
<b>Gráfico 34</b> - Relação entre a localidade e a assistência/participação no último ano em algum tipo de espetáculo tauromáquico.....	<b>66</b>
<b>Gráfico 35</b> - Relação entre a opinião sobre a perigosidade do espetáculo tauromáquico e a assistência/participação no último ano em algum tipo de espetáculo tauromáquico.....	<b>67</b>
<b>Gráfico 36</b> - Relação entre a opinião sobre a possibilidade do touro sentir dor aquando da colocação das bandarilhas e a assistência/participação no último ano em algum tipo de espetáculo tauromáquico.....	<b>67</b>
<b>Gráfico 37</b> - Relação entre a opinião sobre a possibilidade do cavalo sentir dor quando acidentalmente ferido e a assistência/participação no último ano em algum tipo de espetáculo tauromáquico.....	<b>68</b>

<b>Gráfico 38</b> - Relação entre a opinião sobre se as touradas não existissem se ocorreria a extinção do touro bravo e a assistência/ participação no último ano em algum tipo de espetáculo tauromáquico.....	<b>69</b>
<b>Gráfico 39</b> - Relação entre a opinião sobre se o estado português deve apoiar através de subsídios os espetáculos tauromáquicos e a assistência/participação no último ano em algum tipo de espetáculo tauromáquico.....	<b>69</b>
<b>Gráfico 40</b> - Relação entre a opinião sobre se a prática tauromáquica é importante para a cultura do País e a assistência/participação no último ano em algum tipo de espetáculo tauromáquico.....	<b>70</b>
<b>Gráfico 41</b> - Relação entre a opinião sobre se a prática tauromáquica em Portugal contribui para a economia e a assistência/participação no último ano em algum tipo de espetáculo tauromáquico .....	<b>71</b>
<b>Gráfico 42</b> - Relação entre a opinião sobre se a prática tauromáquica em Portugal contribui para o turismo e a assistência/participação no último ano em algum tipo de espetáculo tauromáquico...	<b>71</b>
<b>Gráfico 43</b> - Relação entre a opinião sobre se Portugal adquire uma conotação positiva com a prática tauromáquica e a assistência/participação no último ano em algum tipo de espetáculo tauromáquico.....	<b>72</b>
<b>Gráfico 44</b> - Relação entre a opinião sobre se a prática tauromáquica em Portugal deve ser mantida e a assistência/participação no último ano em algum tipo de espetáculo tauromáquico.....	<b>73</b>
<b>Gráfico 45</b> - Relação entre a idade e a opinião sobre a manutenção da prática tauromáquica em Portugal.....	<b>73</b>
<b>Gráfico 46</b> - Relação entre o género e a opinião sobre a manutenção da prática tauromáquica em Portugal.....	<b>74</b>
<b>Gráfico 47</b> - Relação com o nível de escolaridade e a opinião sobre a manutenção da prática tauromáquica em Portugal.....	<b>74</b>
<b>Gráfico 48</b> - Relação entre a opinião se o touro sente dor aquando da colocação das bandarilhas em corridas de touros e a opinião sobre a manutenção da prática tauromáquica em Portugal.....	<b>75</b>
<b>Gráfico 49</b> - Relação entre a opinião se o cavalo sente dor quando acidentalmente é ferido em corridas de touros e a opinião sobre a manutenção da prática tauromáquica em Portugal.....	<b>76</b>
<b>Gráfico 50</b> - Relação entre o motivo de ter deixado de assistir/participar em espetáculos tauromáquicos e a opinião sobre a manutenção da prática tauromáquica em Portugal.....	<b>76</b>
<b>Gráfico 51</b> - Relação entre a opinião se consideram a extinção do touro bravo caso as práticas tauromáquicas deixassem de existir e a opinião sobre a manutenção da prática tauromáquica em Portugal.....	<b>77</b>
<b>Gráfico 52</b> - Relação entre a opinião se consideram a existência de uma ligação entre os espetáculos tauromáquicos com festas religiosas e a opinião sobre a manutenção da prática tauromáquica em Portugal.....	<b>78</b>

<b>Gráfico 53</b> - Relação entre o conhecimento sobre a ordem de grandeza dos montantes anuais atribuídos aos espetáculos tauromáquicos e a opinião sobre a manutenção da prática tauromáquica em Portugal.....	<b>78</b>
<b>Gráfico 54</b> - Relação entre a opinião se o estado português deve apoiar através de subsídios os espetáculos tauromáquicos e a opinião sobre a manutenção da prática tauromáquica em Portugal. ....	<b>79</b>
<b>Gráfico 55</b> - Relação entre a opinião se a prática tauromáquica é importante para a cultura do país e a opinião sobre a manutenção da prática tauromáquica em Portugal.....	<b>80</b>
<b>Gráfico 56</b> - Relação entre a opinião se a prática tauromáquica em Portugal é importante para a economia e a opinião sobre a manutenção da prática tauromáquica em Portugal.....	<b>80</b>
<b>Gráfico 57</b> - Relação entre a opinião se a prática tauromáquica em Portugal é importante para o turismo e a opinião sobre a manutenção da prática tauromáquica em Portugal.....	<b>81</b>
<b>Gráfico 58</b> - Relação entre a opinião se Portugal adquire uma conotação positiva com a prática da tauromaquia e a opinião sobre a manutenção da prática tauromáquica em Portugal.....	<b>82</b>
<b>Gráfico 59</b> - Relação com familiar ligado diretamente à tauromaquia e a opinião sobre a manutenção da prática tauromáquica em Portugal.....	<b>82</b>
<b>Gráfico 60</b> - Valores médios de perceção da dor por preferência comparativamente à opinião sobre a manutenção da prática tauromaquia em Portugal e por animalValores médios de perceção da dor por preferência comparativamente à opinião sobre a manutenção da prática tauromaquia em Portugal e por animal.....	<b>85</b>



## I. DESCRIÇÃO DO ESTÁGIO CURRICULAR

O estágio curricular para obtenção do grau académico de Mestre em Medicina Veterinária, foi efetuado sob a orientação do Prof. Doutor Gonçalo Da Graça Pereira e decorreu nos períodos de 26 de Agosto a 29 de Novembro de 2016 e de 16 a 31 de Janeiro de 2017, totalizando 640 horas.

Foi realizado essencialmente na Clínica Veterinária da Liga Portuguesa dos Direitos do Animal, em Carcavelos, com o objetivo de aplicar os conhecimentos adquiridos durante a frequência no Mestrado integrado em Medicina Veterinária, da Faculdade de Medicina Veterinária da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias.

No referido estágio, foi possível fazer o acompanhamento de consultas em medicina interna, desde a anamnese ao plano terapêutico, assim como auxiliar em procedimentos clínicos e de enfermagem veterinária. Houve ainda oportunidade de assistir a consultas de medicina do comportamento animal no Centro para o Conhecimento Animal conduzidas pelo Prof. Doutor Gonçalo Da Graça Pereira.

Este estágio permitiu, enriquecer os meus conhecimentos médico-veterinários, que indubitavelmente contribuirão para a minha futura vida profissional.

### 1. Casuística

Durante o estágio foram observados um total de 1549 animais. O gráfico 1 elucida a distribuição de animais acompanhados nas consultas.

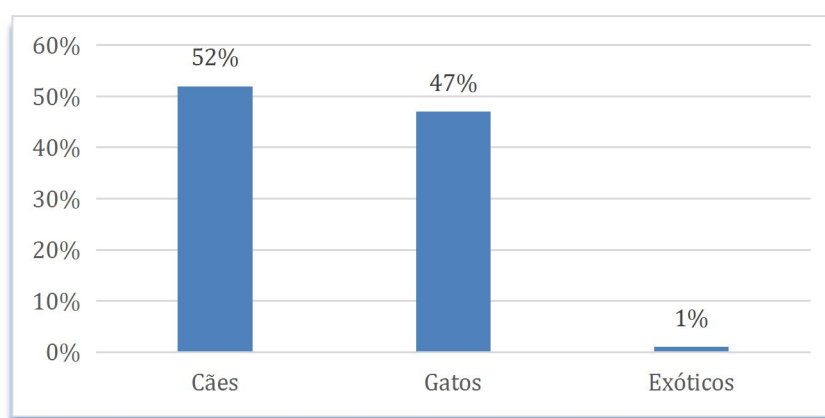


Gráfico 1: Caracterização da amostra relativamente à espécie (frequência relativa, n= 1549)

Relativamente à casuística registada por categoria e área de especialidade, encontra-se ilustrada no gráfico 2.

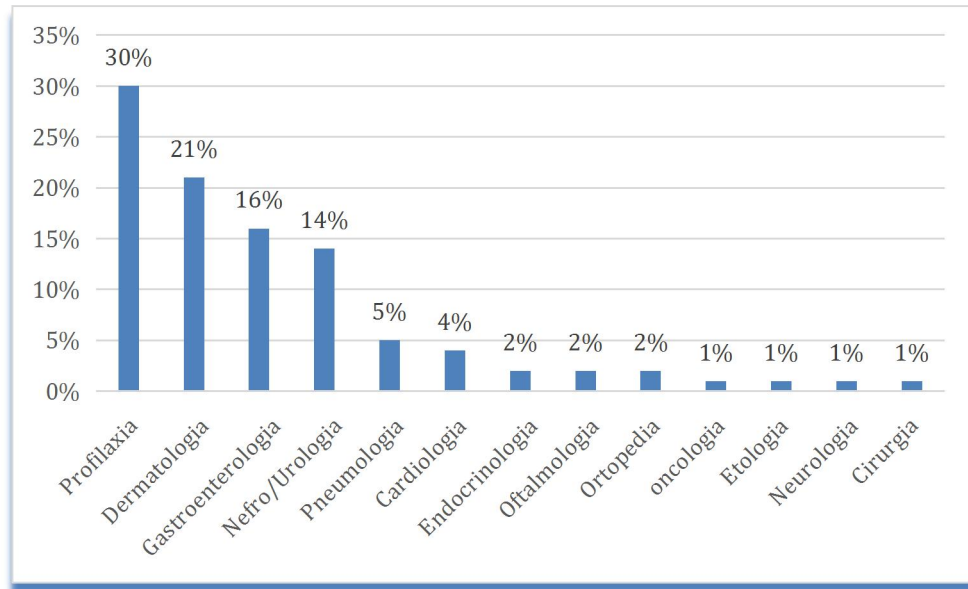


Gráfico 2: Caracterização da amostra por categoria e área de especialidade (frequência relativa, n= 1549)

A casuística relativa ao acompanhamento de procedimentos clínicos e de enfermagem veterinária, encontra-se ilustrada no gráfico 3.

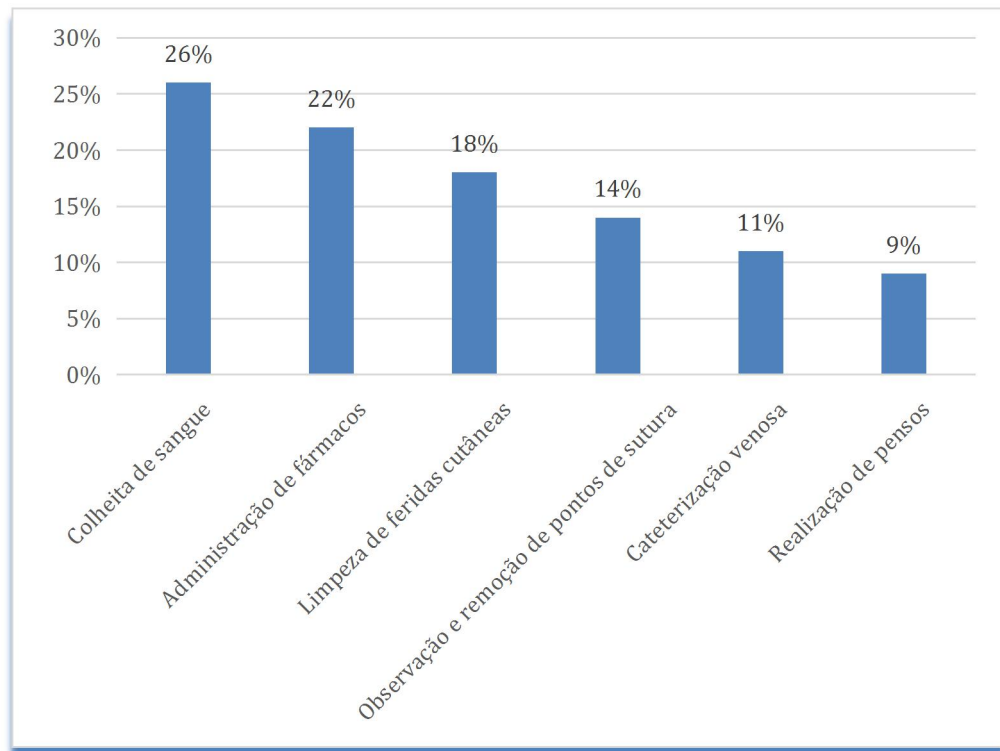


Gráfico 3: Caracterização da amostra relativamente aos procedimentos clínicos e de enfermagem veterinária (frequência relativa, n= 1549)

## II. DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

### 1. INTRODUÇÃO

#### 1.1. Contextualização do estudo

Ao longo da história da humanidade, sempre se fez sentir a convivência e a utilização dos animais, quer como companhia, quer para alimentação, vestuário, transporte e até experimentação, mas também como entretenimento em parques zoológicos ou em espetáculos como circos ou touradas (Broom & Fraser, 2010). A tauromaquia ocorreu um pouco por todo o mundo, sendo que a maioria dos países abandonou esta atividade por volta do século XVI e hoje<sup>1</sup> é praticada legalmente em poucos países como Portugal, Espanha, Sul de França, Peru, Venezuela, México, Colômbia e Equador (Penaguião, 2005). Apesar de séculos de história, os espetáculos tauromáquicos foram diversas vezes proibidos em Portugal, pelo que a sua prática nunca foi consensual na sociedade portuguesa, divergindo entre aficionados<sup>2</sup> e não aficionados (Almeida, 1953; Paniagua, 2008).

A ciência tem demonstrado que os animais são seres sencientes, com sensibilidade, inteligência e capacidade de sofrimento. Salienta-se que as semelhanças entre o sistema nervoso humano e o de muitas outras espécies não humanas, oferecem boas razões para crer que os animais dessas espécies, em especial os mamíferos e as aves, têm consciência (Galvão, 2011). Nessa conformidade, na atual conjuntura civilizacional, emerge em praticamente todo o mundo, um movimento cívico de proteção aos animais, fruto de valores a serem incorporados no âmbito do exercício pleno da cidadania mundial.

Foi sobretudo no século XX, a partir da criação das grandes instituições político-culturais como o Conselho da Europa, a Comunidade Económica Europeia - CEE, a Organização das Nações Unidas para a Educação, a ciência e a cultura - UNESCO e a consagração internacional dos Direitos do Homem, que o movimento pela proteção dos animais, adquiriu uma dinâmica internacional, fazendo parte da atual cultura ocidental. Assim, adicionado à proclamação em 1948 da Declaração Universal dos Direitos do Homem,

---

<sup>1</sup> Também referido no site [touradas.pt](http://touradas.pt) em <http://touradas.pt/tauromaquia/historia>.

<sup>2</sup> Aficionado é uma pessoa que mostra grande interesse pela tauromaquia. Aquele que aprecia o espetáculo tauromáquico.

foi promulgada a 15 de Outubro de 1978 na UNESCO, a declaração universal dos Direitos do Animal<sup>3</sup> e nestes instrumentos internacionais, tanto para o Homem como para os animais é clara a proibição absoluta da tortura (Penaguião, 2005), sendo conferido a todos os animais o direito à vida e à existência, à consideração e ao respeito, à cura e à proteção por parte do homem (Tuglio, 2014). Salienta-se o disposto na alínea a) e b), do artigo 10º da referida declaração que proclama respetivamente que: “nenhum animal deve ser explorado para entretenimento do homem” e “as exposições de animais e os espetáculos que se sirvam de animais, são incompatíveis com a dignidade do animal” (Declaração Universal dos Direitos do Animal, 1978)<sup>3</sup>.

O novo regulamento de espetáculos tauromáquicos publicado em Diário da República a 11 de Junho de 2014, aprovado pelo Decreto – Lei nº 89/2014, que surge como forma de ajustar à realidade atual, as normas que regulam a realização destes espetáculos, reconhece expressamente preocupações de bem-estar animal como princípio de interesse público, reconhecendo que podem ferir a suscetibilidade dos espetadores (Diário da República, 1ª Série - Nº 111 -11 de Junho de 2014).

Também a lei 8/2017 de 03 de março, estabelece um estatuto jurídico aos animais, alterando o código Civil aprovado pelo Decreto-Lei nº 47/344, de 25 de novembro de 1966, o código de Processo Civil, aprovado pela Lei nº 41/2013, de 26 de Junho e o código Penal, aprovado pelo Decreto-Lei nº 400/82, de 23 de setembro, reconhecendo os animais como seres vivos dotados de sensibilidade, deixando os animais de serem considerados como «coisas» (Diário da República, 1ª Série - nº 45 - 3 de março de 2017).

O presente estudo, torna-se assim relevante na medida em que é um tema bastante atual e polémico, onde os aspetos de ordem cultural, assentes numa tradição considerada de carácter identitário e imutável, encontram-se presentemente inseridos num quadro axiológico de referência, reconhecido cada vez mais por um maior número de direitos dos animais. Teve como objetivo principal averiguar a perspetiva e a posição da sociedade portuguesa<sup>4</sup>, face aos espetáculos tauromáquicos, através do preenchimento de um questionário. Como objetivos específicos, pretendeu-se averiguar a perspetiva da sociedade portuguesa sobre as condições de vida, proteção e bem-estar do touro de lide e do cavalo; averiguar a perceção do conhecimento por parte da sociedade portuguesa, sobre a existência de apoios públicos e os fins a que estes se destinam; averiguar a perceção da sociedade portuguesa quanto à relação

---

<sup>3</sup> Disponível em <http://www.lpda.pt/declaracao-universal-dos-direitos-animal/>

<sup>4</sup> Nesta dissertação quando se refere à sociedade portuguesa, entenda-se na ótica de uma amostra não representativa, tendo em conta que a representatividade significativa só seria possível com recurso a empresas especializadas.

dos espetáculos tauromáquicos com motivações de ordem religiosa, cultural, condição social ou de solidariedade; averiguar a existência de valores éticos associados à proteção animal, na relação da sociedade com a atividade tauromáquica e comparar a perceção entre aficionados e não aficionados relativamente aos espetáculos tauromáquicos.

## **1.2. História da Tauromaquia**

### **1.2.1. Relação do homem com o touro**

A relação inicial entre o homem pré-histórico e os animais, deve-se sobretudo ao impacto que estes tinham na vida das comunidades, fortemente dependentes da caça (Pereira, 2009). Efetivamente os primeiros confrontos entre o homem e o touro remontam ao período Paleolítico e são de carácter cinegético. O homem caçador-recoletor desenvolveu técnicas de luta, de domínio e de captura, já que as suas armas eram rudimentares e incapazes de matar o animal à distância. O contacto físico era inevitável e por isso pode ser considerada a primeira expressão de tauromaquia, tendo em conta o sentido etimológico da palavra – «luta com o touro» (Soares, 2008). Esta ligação é mesmo muito antiga, visível em artes rupestres do Paleolítico superior, com testemunhos deixados em Lascaux – França (15.000 – 13.000 a.C.), Altamira - Espanha (18.500 – 13.000 a.C), Foz Côa - Portugal (18.000 – 15.000 a.C.) e outros locais do Sudoeste Europeu. Salienta-se que em toda a Península Ibérica há registos de pinturas rupestres com representação do touro em grupo, caçados por homens armados com arcos e flechas, comprovando-se desta forma a atividade cinegética e especialmente a existência deste animal em grande número. Segundo Álvarez de Miranda (1962), citado por Grave & Romeiras (2008), e referido também por Teresa Soares (2008), parece haver uma concordância entre o número elevado de touros pintados nas grutas e a sua abundância na Península Ibérica, desde o fim do Paleolítico até ao Neolítico (Grave & Romeiras, 2008; Soares, 2008).

As representações do touro, eram sempre de um animal possante, cabeça altiva, aspeto agressivo e selvagem, que não conhece o medo e investe vitoriosamente contra todos os outros animais, não sendo surpreendente a comparação aos atributos divinos que lhe concediam. No antigo Egito, o touro era representado rodeado de uma auréola de prestígio, quer como animal nobre e valioso, quer como colaborador nas fainas agrícolas e até como elemento divino a que se dedicavam festejos e templos de extraordinário esplendor. Teria um carácter sagrado entre os Ibéricos, retratado em figuras desde o Centro e Sul da Península

(Almeida, 1953; Grave & Romeiras, 2008), em que os auroques<sup>5</sup> eram dos animais mais representados, nas gravuras rupestres ou pintadas no interior de grutas e abrigos, recorrendo a pigmentos retirados de plantas e minerais como o ocre (Pereira, 2009). Estas figuras, expressam a admiração e veneração do homem pelo touro (Teixeira & Barros, 1992).

Desde muito cedo que ocorriam diversões públicas, em que a luta do homem contra o homem e do homem contra a «fera», suscitava curiosidade e admiração. No tempo de Moisés, os Judeus e hebreus realizavam grandes festividades, quase sempre religiosas, usando animais em ação de graças a Deus. Os índios, entre danças, cânticos e música guerreira, sacrificavam animais e pessoas, com o intuito de festejarem algum acontecimento notável, muitas vezes acompanhados de procissões imponentes e iluminações feitas a seu modo (Jaleco, 1895).

Nos circos de Roma ocorriam as lutas mais sangrentas de que há memória entre gladiadores e animais, em que, independentemente do vencedor ou vencido, originavam sempre o aplauso efusivo do povo romano assistente. E, enquanto que em Roma e na Grécia se ufanavam ao ver as lutas mortais entre gladiadores e «feras», em Espanha o espetáculo preferido era a luta contra o touro, na qual os sacrificados eram os condenados ou escravos, que obtinham o seu perdão quando conseguissem vencer o seu adversário, demonstrando a sua força e destreza (Jaleco, 1895).

De acordo com Marquês de San Juan de Piedras Albas, citado por Álvarez de Miranda (1962) no livro «Forcado» de Grave & Romeiras (2008), a ligação do homem com o touro, terá iniciado com a arte venatória, seguindo-se os simples matadores, depois a luta taurina cavalheiresca e, por último, a luta taurina profissional (Grave & Romeiras, 2008).

### **1.2.2. A origem do touro de lide**

São várias as teorias sobre a origem do touro de lide, que como noutros animais, são o resultado da evolução de um ou de vários ancestrais. Apesar de não haver dúvidas da existência do bisonte, do auroque e do uro na Península Ibérica, como possíveis antecedentes do touro, alguns investigadores não consideraram o auroque e o bisonte, como espécies distintas. Outros mantiveram a afirmação inicial, baseando-se não só em diferenças de estrutura esquelética, mas também em determinados pormenores morfológicos individuais. No entanto, a tese defendida durante muito tempo, foi que qualquer um desses animais

---

<sup>5</sup> Ancestral do touro.

contribuiu para a constituição das raças bovinas peninsulares, chegando a admitir-se que poderá ter surgido do cruzamento entre eles. Mais tarde, provou-se a impossibilidade desta teoria, por fatores genéticos, uma vez que surgiriam descendentes estéreis e portanto, impossíveis de dar continuidade à espécie. Assim, através de estudos, chegou-se à conclusão de que apenas o auroque, *aur* – selvagem; *och* – touro, que até era o mais vulgar e numeroso, contribuiu para a existência do touro peninsular. Admite-se mesmo que o auroque, tão semelhante ao touro, dada a facilidade que tinha em cruzar-se com outros animais da mesma espécie, se tenha extinguido gradualmente por fusão nas atuais raças. O último indivíduo terá sido visto e caçado em 1627 na floresta de Jaktorowka, na Polónia (Ortega Y Gasset, 1989).

Alguns cientistas consideraram ainda dois grupos de *Bos taurus primigenius*: o *Bojani* e o *Hahni*, sendo o primeiro proveniente do Norte da Europa Asiática e o segundo do Sul da África. Distinguem-se essencialmente pelo formato da cabeça, posição dos cornos e cor da pele, e ambos originaram raças de bovinos muito mansas, facilmente domesticáveis e aptas para o trabalho agrícola. De acordo com esta linha de pensamento, acredita-se que do cruzamento destes dois grupos, terá surgido o gado bravo. Aquando das migrações destes animais, devidas às glaciações, o homem tomou sobre si a seleção dos caracteres desejáveis para a lide (D'Andrade, 1991).

Por outro lado, sabe-se ainda que os Celtas, ao estabelecerem-se na Península Ibérica por volta do Séc. VI a.C., trouxeram da Ásia grandes manadas de touros domesticados, pelo que dos cruzamentos entre eles com raças autóctones, terá dado origem a uma raça mansa peninsular, caracterizada por uma pelagem amarelo-avermelhada, cornos brancos, finos e muito desenvolvidos, regular corpulência, considerada uma ótima carne para a alimentação e fornecedor de bons produtos de leite. Mais tarde os Cartagineses, ao chegarem à Península Ibérica, trouxeram o touro egípcio, famoso pela sua bravura, já tradicional desde o tempo dos Faraós, que deu origem ao touro bravo, quer pela seleção natural pelas diferenças climatéricas, quer pelo cruzamento com o auroque (Almeida, 1953).

### **1.2.3. Simbologia e mitologia do touro**

Desde a Pré-História que o homem contemplava certos animais que se encontravam na natureza e viam-nos como manifestações de potências superiores, como é o caso do touro, visto como um animal poderoso e possuidor de características que deslumbravam o homem (Soares, 2008). O touro, foi assim considerado desde a mais remota antiguidade, como um símbolo de força, bravura, destreza, qualidades marcadas também em citações mitológicas,

inspirando grande respeito e adoração nos povos mais antigos (Noronha, 1900; Almeida, 1953).

Durante a era Neolítico-Calcolítico, que compreende sensivelmente o período entre 7000 a 2500 a.C., são vários os testemunhos arqueológicos, desde o Egeu ao Adriático e às nações do Norte como a Polónia, República Checa e Ucrânia, com ênfase à Deusa Terra, sob a forma de mulher fecunda, com papel central no culto genesíaco. Também é dado destaque ao elemento masculino, representado por variados símbolos, como os cilindros fálicos, as setas, ou como as efigies do homem fálico, representadas como máscaras de diferentes animais, das quais se destacam o touro e o macho caprino (Arroyuelo, 2000).

A descoberta de cabeças de touro em barro e cornos dispostos em determinadas posições na Turquia, provam a existência de rituais. Nesses locais foram ainda encontrados vestígios de outros animais que teriam sido sacrificados em prol do touro divino, considerado provavelmente um Deus superior. Já ao longo do segundo milénio a.C., os estudiosos encontram divindades representadas por touros, que se estende do Médio Oriente à costa ocidental Europeia (Teixeira, 1994). Um exemplo é *Baal*, da região da Fenícia e da Síria, Deus representado pelo sol ou por um touro, culto que se manteve durante muito tempo (Espírito-Santo, 1994). *Min*, outro Deus egípcio, era considerado o grande touro, o macho celeste que fecundava a terra mãe. Era uma divindade fálica, que personificava a força geradora da natureza e a reprodução sexual e por isso era classificado como um touro jovem e vigoroso, transmitindo aos seres humanos a sua capacidade de fecundação (Soares, 2008).

Para uns seria uma encarnação da divindade – o *mnevis* dos gregos; no Egito era uma manifestação de *Osiris*, o touro *Apis*, venerado como a imagem da energia reprodutora, nascido de uma vaca milagrosa, fecundada por um raio e continuando virgem depois de conceber (Noronha, 1900). Este touro, *Apis*, touro sagrado do Egito, não uma estátua, mas um animal vivo, tomando o lugar do próprio Deus por volta dos séculos V e IV a.C., era representado como tendo cor negra, com um triângulo branco no *testuz*, calçado de patas e possuidor de um nó na língua. Vivia no templo de *Ptah*, no baixo Nilo, numa espécie de capela, onde recebia o culto dos sacerdotes e a veneração dos devotos. Aquando da sua morte, ocorreria luto Nacional, embalsamavam-no e enterravam-no debaixo da grande pirâmide de *Saccarah*, no centro da grande necrópole *memphita*, em túmulo separado. Apenas era permitida a presença de mulheres, que se despiam até ficarem nuas, para realizarem alguns ritos e assim assegurar a capacidade de gerar filhos, o que constitui mais uma manifestação do poder fecundador atribuído ao touro. Este culto durou até aos últimos dias da civilização



Egípcia (Noronha, 1900; Araújo, 2006). Eram ainda realizadas cerimónias propícias à fertilidade, trazidas à presença de *Ápis* algumas vacas para serem fecundadas pelo animal, como um rito sagrado (Araújo, 2006). O culto táurico, remonta ao Egito a 5000 a.C e mantém-se até à época romana (Soares, 2008), prova de que os touros, tiveram mesmo um grande prestígio no Egito, havendo inúmeras representações destes animais (D'Andrade, 1991).

Assim, sendo considerado símbolo da fertilidade e da virilidade, o ato de enfrentar um touro seria uma forma do homem se apoderar dessas qualidades, manifestando-se nas mais diversas sociedades mediterrânicas e do Médio Oriente (Barreto, 1970). Também Ramón Brío (1999) relaciona o touro a poder sexual e afirma que a identificação simbólica entre o touro e o falo, representado por uma pedra erguida, é um facto constatado desde as mais antigas crenças religiosas, como atestam os legados arqueológicos. É o caso da religião egípcia, em que o touro se identifica com uma coluna que penetrava na terra e que chegava a ter forma de touro, representando o elemento fálico que penetrava nas entranhas da fêmea (Brío, 1999).

Na Índia, existia também o culto a um touro fecundador, *Parjanya*, o Deus da vida, que garantia a fecundidade dos homens, dos animais e da agricultura. A par deste, *Idra*, seria o Deus taurino fecundador, intimamente ligado aos elementos da natureza, em que a tempestade era o seu bramido, a chuva seria o sêmen que vivificava a terra e o relâmpago os seus cornos (Soares, 2008).

Assim, na Mesopotâmia desde a Índia ao Mediterrâneo, pelo forte misticismo que se instalou, começam a surgir formas de touros divinos como *Dyaus*, *Min*, *Ápis*, *Baal* entre outras, e nas civilizações clássicas *Zeus*, *Serapis* e o célebre *Mitra*, começando aqui a verdadeira identificação do touro com o poder (Teixeira & Barros, 1992). A simbologia de força e poder, estava relacionada com a necessidade de domesticação do touro e de o colocar em manada, mas também com os confrontos com o homem, que teria de o enfrentar pela astúcia (Teixeira, 1994). De referir ainda que no texto sumário de *Gilgamesh*, a primeira epopeia conhecida, o touro aparece igualmente como símbolo de força e bravura (Tamen, 1979).

Francisco Arroyuelo (2000), cita um estudo arqueológico de Marija Gimbuta sobre as esculturas antropomórficas que surgem relacionadas com o culto ao touro e que corroboram a importância que este animal tinha relativamente à sua força e virilidade (Arroyuelo, 2000). Estas esculturas eram representadas com uma cabeça humana num corpo

de touro, chegando ao auge do poder por simbiose. As formas antropomórficas predominam e influenciam mais tarde a cultura e a mitologia grega, sendo o Minotauro um exemplo do antropomorfismo da mitologia, um monstro que tinha o corpo de homem e a cabeça de touro, filho de *Pasífae*, mulher do rei *Minos*, filho de *Zeus* e de *Europa*, e de um touro – *Tauro* – que tinha sido enviado ao rei por *Posídon*, para ser sacrificado em sua honra (Arroyuelo, 2000; Soares, 2008).

Os monumentos das principais cidades da Grécia primitiva, estão repletos de imagens de touros. As pinturas das paredes de muitas construções e as taças de ouro de *Sparta*, representam caçadas de reses bravas. São várias as histórias mitológicas, algumas narradas com lutas entre o homem e o touro, de forma a impressionar a imaginação dos povos (Noronha, 1900).

Fazendo uma analogia entre as histórias mitológicas e os costumes dos povos primitivos, quanto às suas práticas religiosas, às cerimónias do seu culto, às suas crenças e ao poder sobrenatural que os domina, o touro representa uma exteriorização da divindade e, muitas vezes, vemos ser o animal escolhido para o sacrifício, a vítima ideal em benefício da Humanidade (Noronha, 1900). Os hebreus, os helenos e os latinos, derramavam de preferência o sangue desse animal para acalmar a ira dos deuses. Muitos touros pereceram nos holocaustos celebrados pelos grandes sacerdotes judaicos, nos jogos taurinos e nas tauróbolos de Roma. Os gauleses, que tinham um culto particular pelo zodíaco, degolavam um touro revestido com a estola sacerdotal e igualmente os francos, com a mesma adoração pelo touro. Os antigos reis da Ibéria sacrificavam um touro todos os anos a Hércules e ainda algumas tribos da Ásia, da América e da África, associavam presságios na maneira como o touro era ferido e caía, em algumas particularidades das suas entranhas, nos mugidos que soltavam e outros pormenores. Muitos outros povos e outras histórias, dos mais rudes aos mais civilizados, tiveram ligações ao touro (Noronha, 1900).

O filósofo Platão, descreve a caça ao touro, como um carácter ritual nos costumes dos habitantes da Atlântida. Assim, ao longo dos tempos, vão aumentando e diversificando, as evidências entre as relações homem/touro, tanto nas atividades relacionadas com a vida quotidiana, como também na relação mais mística (Soares, 2008). A imagem do touro passou a ser objeto de culto, não a imagem em si, mas as ideias que as qualidades do animal sugeriam, ou seja, os seus atributos (Espírito-Santo, 1994).

Na ilha de Malta, no complexo cultural de *Hal Tarxien*, apareceram em várias câmaras subterrâneas gravações que representam figuras de touros que são sacrificados ao

Deus Touro, com possível relação a rituais religiosos (Brío, 1999). Os deuses da sociedade perdedora são substituídos pelos da sociedade vencedora. O touro, cultuado no império romano, passou a ser considerado símbolo do demónio, em contraste com o carneiro, o animal sagrado do cristianismo e as festas tauromáquicas foram consideradas como festas pagãs (Capucha, 1990).

Também em algumas regiões portuguesas, aparecem provas arqueológicas da importância religiosa do touro, especialmente nas zonas onde existiram capitais romanas, como é o caso de Beja e Évora. Alberto Franco (2016) refere, que a marcante presença de bovinos nas Lezírias do Tejo, terá sido a base de uma relação especial e antiga entre o homem e o touro, que com a sua bravura o desafiava. Nesse lugar, mas também noutros da Península Ibérica, já as primitivas comunidades humanas se relacionavam com os touros, quer por necessidade, quer por gosto (Franco, 2016).

Conclui-se então que o touro chegou a alcançar uma alta consideração como animal doméstico, mas também, como animal de culto e veneração, com o conseqüente desenvolvimento das suas formas religiosas e cedo o homem pré-histórico reconheceu nele um manancial de abundância, por lhe fornecer alimentos, armas, vestuário e estrume para fertilizar as terras (Soares, 2008).

#### **1.2.4. O Homem, as corridas e os “jogos” taurinos**

Parece unânime a impossibilidade de estabelecer com exatidão, as origens das práticas tauromáquicas, assim como o local que lhe serviu de berço. Embora muitos autores considerem estas práticas como tendo origem Hispânica, com ligações venatórias, quer com o intuito de alimentação, quer como defesa, Jayme Duarte de Almeida (1953) afirma que a existência de espetáculos tauromáquicos é anterior à civilização Helénica e os bovinos não são exclusivamente peninsulares, não esquecendo as afinidades dos espetáculos da antiga Roma, às corridas de touros (Almeida, 1953).

Já referido, os jogos entre o homem e o touro tiveram a sua origem em práticas venatórias, anteriores a etapas pré-agrícolas (Grave & Romeiras, 2008). Mas o que começou como uma necessidade primitiva, essencialmente na agricultura e como treino de guerra, apenas na Idade Média é tida como desporto, como divertimento dos senhores Feudais, que se sucederam à queda do Império Romano e considerada pelos Gregos, o prazer dos Deuses (Almeida, 1953).

Cerca do ano de 1900, as escavações do arqueólogo inglês Evans mostraram ao mundo uma civilização pré-helénica, onde se prova que, em Creta, por volta do ano de 1.500 a.C., já se efetuavam espetáculos de natureza tauromáquica (Almeida, 1953).

Também é já conhecido, que os egípcios tinham igualmente uma adoração ao touro, atribuindo-lhe um poder divino. As ações de Hércules junto do touro de Creta e a morte do Minotauro, envolvem a ideia das lutas entre homens e touros. Assim, na ausência de argumentação contraditória é de aceitar que tenha sido em Creta o berço da tauromaquia e, até mesmo, da arte de tourear, sempre com um intuito artístico (Almeida, 1953).

As corridas de Creta baseavam-se numa crença mágica da virtude genesíaca do touro e na possibilidade de ser transmitida ao ser humano. Espetáculo público, que se celebrava numa espécie de teatro, quadrangular no exterior e com uma arena central em forma oval, em que os jovens se apresentavam diante do touro sem armas, recebendo as suas investidas e até fazendo acrobacias, com um ou mais saltos mortais sobre o dorso do animal (Soares, 2008). Tudo leva a crer, que estas e outras arriscadas cerimónias tivessem um carácter religioso (Pereira,1987). Contudo, as corridas sagradas de touros que os cretenses e gregos praticavam, foram transformadas pelo espírito pragmático e profano de Roma em espetáculo de força e de luta de combate e inteligência do gladiador com o instinto do touro, subtraindo o seu sentido religioso (Cobaleda, 2002).

Se para alguns historiadores, as festas com touros em Espanha foram importadas pelos romanos, para outros, seriam uma importação dos árabes, aquando da conquista da Península Hispânica. Nos velhos circos romanos que se faziam em Merida, Tarragona, Murviedo e Cordova e em outros pontos em Espanha, ocorriam lutas de homens com «feras», sendo os homens sacrificados e devorados, como atos de punição contra crimes e delitos ou também pelo facto de professarem uma religião diferente da do Império. Está provado que nessas lutas estavam presentes touros, pelo que em Roma existiria um circo intitulado «*Statilius Tauros*», em que as vítimas tentavam sobreviver às investidas dos touros, até onde podiam, sendo mais tarde proibidas por influência do alto Clero sobre os povos católicos (Jaleco,1895). A tourada era vista também como o desporto favorito dos nobres, que saíam para as lides animados, sem olhar ao perigo que corriam (Rodrigues, 1969). Para embelezar o espetáculo, era habitual verem-se raparigas quase despidas. A ausência documental na época de instrumentos de agressão ou de morte, sugere que a morte do touro não fazia parte do espetáculo cretense e embora pudessem haver feridos, o espetáculo era essencialmente artístico (Almeida, 1953).

Mais tarde, escritos em forma de poema, deixados pelos historiadores árabes do século IX ao XII, relatam corridas em campo aberto ou em arenas fechadas, para matarem os touros, com lanças ou dardos de arremesso (Grave & Romeiras, 2008). Sublinha-se, que o ataque ao touro era feito apenas a cavalo, utilizando uma lança pesada, sendo mais tarde substituída pelo rojão<sup>6</sup>, mais tarde pela vara<sup>7</sup> e depois pelos picadores<sup>8</sup> (Jaleco,1895).

Eram ainda comuns a prática das chamadas *Taurokathapsias*, uma espécie de mistura entre caça e luta, que consistia na perseguição dos touros, feita por cavaleiros, até que por cansaço o animal era dominado e derrubado (Almeida, 1953; Arroyuelo, 2000). Este exercício praticado pelos Gregos, foi segundo Plínio, trazido para Roma por Júlio César, que não resistiu à tentação de ele próprio o praticar, chegando mesmo a ser considerado, por alguns, como o primeiro picador de touros (Grave & Romeiras, 2008).

As arenas romanas foram palco de jogos de destreza entre animais e entre animais e gladiadores, que existiam em diversas formas (Soares, 2008), e nestas sacrificavam-se vidas (Almeida, 1953).

A veneração pela lide de touros, desencadeou a realização de corridas em campo fechado (Jaleco,1895), pelo que a estrutura dos tauródromos, deverá ter sido baseada nas linhas gerais dos circos romanos (Almeida, 1953). Eram usados os animais disponíveis para o divertimento, sendo o touro um dos prediletos por ser maior e feroz (Almeida, 1953). A fidalguia entusiasmada, cravava nos touros os ferros das suas lanças. Aquando de um acidente em que o cavalo era ferido ou morto pelo touro, de acordo com as normas estabelecidas para a lide, o cavaleiro tinha o dever de matar o touro com a sua espada. Quase sempre eram os escravos que arriscavam a vida, preparando o touro, para que o fidalgo pudesse dar a estocada. Noutras ocasiões, depois de verificada a sua debilidade por ter sofrido inúmeros golpes de lanças dos cavaleiros, era dado um sinal para que todos pudessem saltar para a arena e à paulada, golpes de chuços e outras armas, a multidão era autorizada a matar o touro. Com este tipo de «tourada» sem regras, estimou-se a morte de 19 cavaleiros e muitos plebeus em 1332 (Jaleco,1895).

Depois das cortesias eram lidados cerca de 20 touros que eram mortos à lança pelos cavaleiros, com o apoio dos capinhas, atuais peões de brega, e esporadicamente, intervinham

---

<sup>6</sup> vara de madeira com 1m50cm de comprimento, sendo de forma cónica até à altura de 30cm a contar do cabo e com o diâmetro de 7cm até ao ferro.

<sup>7</sup> pau bastante rijo, tendo na extremidade um bico de aço em forma triangular, bastante afiado. Definido como o instrumento para os picadores castigarem os touros, executando varias sortes.

<sup>8</sup> toureiro a cavalo que figura nas corridas à Espanhola, encarregado de picar os touros com a vara.

os matadores que matavam os touros a pé. A partir do século XVII, os forcados começam progressivamente a participar nas corridas (Jaleco,1895).

O touro nupcial, também denominada corrida de boda, marcou igualmente a história dos jogos taurinos. Estas começavam dois dias antes da boda, sendo que o noivo e amigos, retiravam um touro do matadouro, o mais bravo, pois era associado a hipergenitalismo. Era atado pelos cornos com uma corda forte e percorriam o touro pela aldeia, toureando-o com casacos, até chegar à casa da noiva, onde era morto, depois do noivo lhe colocar um par de bandarilhas previamente adornadas pela noiva (Grave & Romeiras, 2008). Os vestidos desta eram colocados em contacto com o animal de forma a transmitir magicamente a virtude do touro. De realçar o facto de este exemplo ter reminiscências na crença do poder fecundante do touro, necessário ao noivo que vai construir família (Grave & Romeiras, 2008; Soares, 2008). Também em Portugal, o touro era celebrado como Deus da fertilidade e antes dos casamentos, o ritual exigia que o noivo matasse um touro (Tinhorão, 1988).

Em 1770, surgiram as primeiras regras nas lides tauromáquicas por Pedro Romero com 16 anos, sendo considerado o organizador da arte de tourear. Juntamente com o seu irmão João Romero, estabeleceram em Espanha o matador ou espada, os picadores de vara larga, os capeadores e os bandarilheiros, que se fixaram definitivamente (Jaleco,1895).

As festas taurinas tiveram o seu auge durante o reinado de Filipe IV, mas com a subida ao trono de Filipe V, ocorreu um decréscimo destes espetáculos por reprovação do mesmo. Assim, em finais do século XVIII terminou o período aristocrático da história da tauromaquia em Espanha, começando o período popular. Os filhos do povo aplicaram-se então a tourear tanto a pé como a cavalo seguindo as pegadas dos nobres (Jaleco,1895).

Houve também um declínio da tauromaquia durante o reinado de José Bonaparte, voltando a crescer em 1813 com Fernando VII, instituindo oficialmente o ensino da arte de tourear (Jaleco,1895).

A corrida é o termo genérico para designar a luta do homem com o touro, na arena, sendo considerada desde sempre como a possibilidade de demonstração da bravura por parte do animal e da arte em relação ao toureiro. O nome terá surgido porque os touros corriam ao longo das ruas da povoação, na Idade Média, e realizava-se sob os mais variados pretextos. Uma boda ou um falecimento, davam origem a corridas de boda ou de nojo, respetivamente, mas a chegada de uma personalidade importante ou a festividade de um Santo eram outros motivos comuns (Barreto, 1970; Soares, 2008). Importa salientar que a expressão «corrida de touros» vem já das tradições medievais de cariz popular, em especial do touro nupcial –

«correr o touro». Em 1858 aparece a palavra tauromaquia, utilizada pelos escritores barrocos, aplicada às corridas cavaleirescas e em 1874 aparece a palavra tourada (Soares, 2008).

Pode-se então concluir que, o que começou a ser apenas necessidade de defesa, ou mesmo de subsistência, passou a ser exercício, depois recreio e logo espetáculo, considerada como arte com uma componente de tragédia, porque pressupõe sangue, valor e perigo. Assim, da luta do homem com a «fera» na Pré-história, puro recreio nos primórdios da Idade Média, passa a espetáculo na Idade Moderna (Aranha & Parreira, 2005).

### **1.2.5. A Tauromaquia em Portugal**

Em Portugal, as opiniões sobre a origem das práticas tauromáquicas são diversas, não sendo consensual a época em que principiaram as festas de lidar touros. Por muito que se tenha escrito e discutido sobre tauromaquia, ainda não foi possível afirmar com exatidão o seu início em Portugal, que antecede aos circos de Roma (Jaleco, 1895; Carmo, 1927). Desde a sua criação em Creta, encontra-se mesmo uma lacuna histórica, quanto ao aparecimento dos espetáculos taurinos na Península Ibérica (Almeida, 1953).

A primeira referência documental de jogos com touros em Portugal, encontra-se registado num escrito de Alexandre Herculano, como tendo início em 1258. A atração por estes jogos, para a população, estava ligada ao poder genésico, ao sentido permanente de luta, à resposta agressiva e ataque, à sua força e capacidade de destruição, tudo isto adicionado à fertilidade e à abundância. Estas características adicionadas à possibilidade de divertimento prévio à morte do touro, cativavam o interesse do homem (Teixeira & Barros, 1992; Grave & Romeiras, 2008).

No entanto, remontam ao reinado de D. Sancho II, no início do século XIII, como divertimento da nobreza, ato festivo e de demonstração da grandeza de posses, enquadrado entre os exercícios equestres estimulados pelo mito medieval, que ligava a imagem do nobre guerreiro à do cavaleiro armado de lança e espada. As inquirições de D. Afonso III referem que D. Sancho II lanceava touros<sup>9</sup>, no campo das Almoinhas em Lamego. Seriam espetáculos destinados a demonstrar a coragem e destreza de homens contra touros bravos, a pé ou a cavalo, começando por ser num espaço aberto e mais tarde viriam a ser circunscritos a uma área delimitada e cercada, destinadas a um público de arquibancada (Tinhorão, 1988).

---

<sup>9</sup> Matar touros com uma lança.

Afirma o historiador Martinho Vicente Rodrigues, o estudo da festa de touros no século XVII, prende-se direta e indiretamente com vários tipos de fatores, não apenas sociais e económicos, mas também culturais, morais e religiosos. Seria um espetáculo de origem aristocrática, apenas disponível às classes privilegiadas e acompanhavam os acontecimentos da época, como casamentos reais e de personalidades ilustres (Rodrigues, 2001).

Durante os séculos XVI e XVII, as touradas viriam a ser acompanhadas de música, danças e desfiles de carros alegóricos e, progressivamente, durante o século XVII, como espetáculos em massa, com entrada paga e organização profissional. Estes espetáculos ocorriam em datas solenes, como acontecimentos festivos, mas serviam de ostentação por parte dos nobres, como forma de demonstrações pessoais de grandeza, constituindo o grande divertimento da época (Luís, 1940; Tinhorão, 1988). Os reis e nobres fidalgos toureavam a cavalo servindo-se do rojão ou da espada. Os toureiros volantes ou capinhas, também atacavam o touro com espadas e auxiliavam com a capa as diferentes «sortes»<sup>10</sup>. De acordo com Jaleco (1895), a prática do toureio a pé, terá começado, antes de Espanha, em Portugal (Jaleco,1895). Antes da lide, o público era entretido com danças acompanhadas de música conduzida em carros armados, chamados os intervaleiros. Entretanto, o capitão da guarda real, mandava-os sair da praça, para dar início ao combate, na qual os touros eram sempre mortos à espada ou a rojão (Jaleco,1895; Teixeira & Barros, 1992). No século XVI, por toda a diocese de Leiria, durante as festas do Espírito Santo, eram corridos vários touros pelas ruas, que depois eram mortos, realizando-se um bodo popular (Espírito-Santo, 1994).

D. Sebastião, considerado o rei-toureiro, faz renascer o entusiasmo geral pelas lides taurinas em recinto fechado, existindo uma descrição da corrida efetuada em junho de 1578, numa Praça em Xabregas. Nessa corrida, atuaram como cavaleiros o próprio Rei D. Sebastião, D. Jaime de Bragança, D. Cristóvão de Távora e D. Luís de Menezes. Já se utilizava o rojão e se definia o *morrilo* do touro como o lugar em que devia ser colocado. Com o fim da Dinastia de Habsburgo e com a subida ao trono Espanhol de Filipe V, primeiro rei da dinastia dos Bourbons, nasce a arte portuguesa de lidar touros a cavalo (Teixeira & Barros, 1992).

Em consequência das formas medievais em que foi fundada a lide de touros peninsular, as características dos animais utilizados na lide e a evolução das regras de tourear, mantiveram-se tradicionalmente estáticas nas suas características mais representativas, mantendo uma expressão muito próxima, no que se referia aos aspetos bárbaros que inicialmente as caracterizava, afirma o historiador Martinho Vicente Rodrigues (Rodrigues,

---

<sup>10</sup> Manobra específica que leva o cavaleiro a deixar o ferro no touro.



2001). Prova disso é a descrição das corridas que tiveram lugar em Lisboa, no Terreiro do Paço em outubro de 1619, por ocasião das festas que assinalaram a visita de Filipe III de Espanha, em que foram lidados 36 touros, resultando na perda de quatro vidas humanas, alguns cavalos estripados e muitos feridos. É no último quartel do século XVII que se dão alguns sinais de mudança, com o aparecimento de verdadeiros tratados sobre a «arte» de tourear, que pouco a pouco vão atenuando os aspetos mais violentos da lide. D. Pedro II, por carta régia de 14 de setembro de 1646, ordenou que os touros só se lidassem com as hastes serradas e foi mais tarde reiterada pelo rei (Rodrigues, 2001).

Os touros eram provocados através de cores e saltos, como forma de atrair o touro, assemelhando-se o que constitui hoje a cite<sup>11</sup>. Aos participantes dos jogos taurinos, pela disputa entre o touro e o homem, era associado um carácter heroico (Grave & Romeiras, 2008).

Quando Portugal retoma a sua independência em 1640, as touradas reais voltam a Lisboa, em que se corriam vinte a trinta touros, precedidos de luxuosos cortejos de ofícios, cantos e bailes, finalizando com o desfile dos artistas acompanhados de pajens e lacaios e auxiliares da lide (Teixeira & Barros, 1992).

O número de locais tauromáquicos veio a crescer durante o século XVIII. Sob o pretexto de comemorar o vigésimo aniversário do casamento da princesa do Brasil, esposa do futuro rei D. José I, foi construído um anfiteatro na Junqueira, em 1738 - a primeira praça em formato circular e primeira praça de touros que existe em Lisboa; edificada uma praça de touros na Estrela ou Campo de Ourique, em 1763, onde já havia touradas desde 1746; no campo de Santana antes de 1767; e próximo à Rua do Salitre em 1790, local que viria a ser mais tarde a Av. da Liberdade. Não faltava riqueza e luxo na decoração da indumentária dos cavaleiros que se queriam evidenciar (Tinhorão, 1988; Bulhosa, 1996). As primeiras praças de touros, com características definitivas, ocorreram em Lisboa, sendo a praça do Salitre a que foi atribuída maior importância (Almeida, 1953). Assim, o início do profissionalismo deu-se com D. José I (1750), em que os números de corridas intensificam-se e começam a surgir os primeiros indícios de organização comercial. Com isto aparecem novos cavaleiros, capazes de ganharem um valor monetário em troca das suas exibições (Teixeira & Barros, 1992).

De Norte a Sul, foram ocorrendo touradas, quer em praças, quer em espaços improvisados, mas foi em Lisboa que as touradas começaram a ter maior expressão, quer pela

---

<sup>11</sup> Citar significa fazer movimentos ou empregar a voz para chamar o touro a fim de realizar qualquer sorte.

proximidade da maior parte das casas reais, quer pela proximidade ao Alentejo, local de fixação das grandes herdades de touros de lide do território Português (Almeida, 1953). Após o transporte, os touros são conduzidos até aos curros da praça, onde permanecem entre 4 muros todo o dia, até ao dia seguinte – o dia da corrida<sup>12</sup>. Estas iniciam-se pelas cortesias, ato que consiste no desfile dos intervenientes na lide do touro, saudando a autoridade e o público e que ocorre desde os séculos XVII e XVIII, recheado com todo o rigor da época (Barreto, 1970).

Durante toda a história tauromáquica, existiram opositores ou não aficionados do espetáculo tauromáquico e as touradas foram mesmo proibidas diversas vezes em Portugal, também em Espanha e outros Países com repercussão em todo o mundo, sendo o período histórico mais marcante durante o reinado de Carlos III e Carlos IV (Almeida, 1953; Paniagua, 2008). Em meados do séc. XVI, já o Papa Pio V, tinha condenado os festejos taurinos sob pena de excomunhão, acabando desde logo com a realização de touradas em Itália. No entanto, esta proibição foi retirada por influência do rei Filipe II sobre o Papa sucessor Gregório XII, não pelo gosto pela tauromaquia, mas sim, porque as festas com touros, apesar da proibição, continuavam a existir e assim evitaria a violência entre o povo (Paniagua, 2008). Também Filipe V de Espanha proíbe o toureio em Espanha, assim como D. Maria I em Portugal. A D. Maria I desagradava-lhe sobretudo as inúmeras barbaridades sem sentido durante os espetáculos. Desse modo, começam a desaparecer algumas práticas até então praticadas e consideradas divertimento, como o hábito de desjarretar os touros, cortando-lhes os tendões com uma espécie de afiadas meias luas, montadas em compridas varas e depois deixá-los à mercê de uma matilha de cães. São reminiscências medievais, em que o homem atacava e feria um animal que não se podia defender (Almeida, 1953).

Durante o reinado de D. Maria II, com o fim do absolutismo, foi decretada ordem em 1836, para a proibição de corridas de touros em todas as terras dessa comarca, mesmo que fossem de farpa, de cajado ou de cavalo, tendo sido revogado poucos meses depois, face à reação de nobres e plebeus unidos pelo direito à diferença. Igualmente no tempo de D. João VI, a tauromaquia regrediu, verificando-se mesmo uma paragem quase total da festa brava, pois este não era adepto de tal prática, que só veio a ser restaurada com D. Miguel I. Assim, com o regresso da corrida à portuguesa, firmou-se a nobreza de processos em relação ao combate, o traje do cavaleiro do século XVIII, os forcados, as cortesias, as regras da lide

---

<sup>12</sup> Atualmente com algumas alterações de acordo com o Regulamento de Espetáculos Tauromáquicos.

equestre, o aperfeiçoamento da doma de cavalos e o início do aparecimento de novas «sortes» (Teixeira & Barros, 1992).

No final do Séc. XVIII, Jovellanos (1790), citado por Cecilio Paniagua (2008), afirmou que a tourada era uma diversão sangrenta e bárbara (Paniagua, 2008). No reinado de D. Luís pelos inúmeros acidentes mortais ocorridos que vitimaram alguns forçados, o governo Civil de Lisboa decidiu proibir a pega de touros. Mas, mais uma vez, é alegado os costumes e tradições e, com a proliferação de cavaleiros profissionais, o entusiasmo competitivo e o desaparecimento total do touro de pontas, a festa portuguesa tauromáquica continuou (Teixeira & Barros, 1992).

Passos Manuel em 19 de Setembro de 1836, citado por José Hermano Saraiva e Maria Luísa Guerra, promulgou um Decreto proibindo as touradas em todo o país (Saraiva & Guerra, 1998):

“Considerando que as corridas de touros são um divertimento bárbaro e impróprio de Nações civilizadas, bem assim que semelhantes espetáculos servem unicamente para habituar os homens ao crime e à ferocidade, e desejando eu remover todas as causas que possam impedir ou retardar o aperfeiçoamento moral da Nação Portuguesa, hei por bem decretar que de hora em diante fiquem proibidas em todo o Reino as corridas de touros.” (Diário do Governo nº 229, de 1836).

Após a primeira guerra mundial (1914-1918), houve mais um declínio no interesse das touradas, restringindo-se à praça do Campo Pequeno em Lisboa, que tinha sido inaugurada já com o protesto de grandes nomes como Teófilo Braga (Tinhorão, 1988; Bulhosa, 1996).

O touro de morte, com ligação aos treinos bélicos e considerado a única razão de ser do espetáculo, surge como o auge do momento, numa luta com reminiscências naturais dos combates de circo, em que o touro seria o vencido e o homem sempre vencedor. A arma usada pelo toureiro para matar os touros na arena é o estoque<sup>13</sup> (Almeida, 1953) e embora a morte do touro na arena seja o símbolo do fim da lide nos Países em que se correm touros, em Portugal, desde 1837 que este ato deixou de existir, por decreto de 1836, presidido por Passos Manuel e sancionado pela rainha D. Maria II, embora ainda se tenha observado algumas dessas práticas. A partir de 1926, torna-se lei, por decreto nº 12:740 de 26 de novembro de 1926 e foram proibidas as touradas com touros de morte em todo o território português, sob pena dos proprietários dos touros ou novilhos perdê-los em favor da assistência pública, multa

---

<sup>13</sup> Arma exclusivamente tauromáquica.

para os empresários da praça onde se realizem as corridas, encerramento da praça e punição do matador com prisão correcional até três anos, agravada com multa (Almeida,1953).

Em 1973, com a morte de Manuel dos Santos, grande defensor do toureio a pé em Portugal, começou a dar-se o abandono progressivo dos cartéis mistos pela praça de Lisboa que mantinham o equilíbrio entre o toureiro a pé e o toureiro a cavalo, dando-se preferência ao toureiro a cavalo e a chamada corrida à portuguesa impôs-se gradualmente (Franco, 2016).

Com o 25 de Abril de 1974, o povo Português continuou a acorrer às praças de touros, mas do ponto de vista laboral, a fase pós-revolução foi muito conturbada pois todas as classes profissionais reivindicavam a melhoria das suas condições de trabalho, incluindo os toureiros. Visando defender a tauromaquia, o sindicato criou uma secção de controlo e defesa do touro e do cavalo, e em 1975 publicou um documento intitulado ‘Síntese do valor económico e social da raça bovina brava’ para demonstrar a importância da criação de touros e das corridas na economia nacional. Foi ainda reivindicado um novo regulamento que incluísse os touros de morte, mas o projeto não chegou a ser discutido na Assembleia da República. Apesar da proibição, os touros continuaram a ser mortos em alguns locais, nomeadamente Vila Franca de Xira, embora não viesse esse ato referido nos meios de divulgação. No livro sobre a vida tauromáquica de José Júlio, da autoria de Alberto Franco (2016), o mesmo confessa que chegou a esconder da polícia o acontecimento que iria ocorrer sobre a morte de touros na praça «Palha Blanco» em Vila Franca de Xira em 1975, pedindo para esconder o estoque de matar, da polícia. No final foram mortos 6 touros, cortadas sete orelhas e um rabo, que culminou com a prisão do próprio toureiro José Júlio, saindo no dia seguinte com coima e liberdade condicional. Em 1982 com a vinda do papa João Paulo II a Portugal, foram absolvidos os que praticaram ilegalmente a morte do touro na arena, com arquivamento do processo (Franco, 2016).

A morte do touro na arena é apenas simulada com colocação de uma bandarilha (Almeida,1953), pois de acordo com o Decreto Lei 19/2002 de 31 de Julho, são proibidas as touradas ou qualquer espetáculo, com touros de morte, bem como o ato de provocar a morte do touro na arena, com exceção de quando exista uma prática ininterrupta de 50 anos<sup>14</sup>, voltando a permitir que os touros pudessem ser mortos na arena (Decreto Lei 19/2002).

Como se pode constatar, a corrida à portuguesa resulta de séculos de transformações. No toureio em Portugal, os touros que saem para o cavaleiro são embolados e os que saem

---

<sup>14</sup> É o caso de Barrancos.

para o matador ou novilheiro a pé são «afeitados». A embolação é feita colocando uma proteção em couro, reforçada por um casquilho de ferro, que recobrendo a ponta do corno que se corta é fixada por cordéis à pala do corno e unidas uma à outra. O «afeitar», palavra Espanhola que significa barbear, é o ato de cortar a ponta do corno, a parte dura e afilada que poderia penetrar facilmente nos tecidos musculares do toureiro (D'Andrade, 1991). A corrida à portuguesa inclui a lide de seis touros, por três ou seis cavaleiros, cravando-lhe entre seis a oito farpas preferencialmente na região entre as escapulas, na cruz do *morillo*. No final da lide, o touro é pegado por um grupo de forcados amadores<sup>15</sup>, que poderá ser de caras, de cernelha, ou de volta, ao sopé e de costas (Teixeira & Barros, 1992).

### **1.2.5.1. Os forcados e a pega**

#### **1.2.5.1.1. A origem dos forcados**

A origem dos forcados portugueses não é totalmente conhecida, não sendo linear entre os vários autores, não existindo mesmo documentos que esclareçam com exatidão a época em que foi introduzida a pega na tauromaquia portuguesa (Grave & Romeiras, 2008). Na célebre Epopeia de Gilgamesh, do II milénio a.C. é remotamente descrita uma verdadeira pega. No entanto, de acordo com os principais tratados de tauromaquia e Sommer D'Andrade (1991), os forcados terão sido o resultado da evolução da presença na arena dos alabardeiros, que antigamente guarneciam e fechavam as vias de acesso às praças públicas, onde o espetáculo taurino decorria (D'Andrade, 1991). Posteriormente foram substituídos pelos monteiros da «choca»<sup>16</sup> (Grave & Romeiras, 2008).

Teresa Soares (2008) cita que a prática da atividade dos moços de forcados é referenciada desde o século XVII. Indica que foram várias as situações que contribuíram para o aparecimento desta modalidade, desde a atividade cinegética, as experiências nos trabalhos rurais, os cultos e os ritos ancestrais ou as festas e as romarias populares (Soares, 2008).

Consensual parece ser a ideia de que os forcados, constituem uma figura presente apenas no mundo da tauromaquia portuguesa (Almeida, 1953; Grave & Romeiras, 2008), não existindo em Espanha, nem em França e apenas é praticada de forma pontual, no México e na Califórnia, por ter sido levada por Portugueses (Soares, 2008).

---

<sup>15</sup> Grupo de jovens que, com a força de braços, têm por objetivo 'pegar' o touro e o imobilizar na arena.

<sup>16</sup> Grupo de homens armados com bastões, terminando em forquilha ou forcados que guardavam o acesso à escadaria do camarote real durante a corrida de touros.

#### 1.2.5.1.2. **A Pega**

Começou a ter uma maior presença a partir dos anos sessenta, tendo uma maior expressão nos últimos vinte anos. Enquadra-se modernamente numa tauromaquia específica que é a corrida de touros à portuguesa (Grave & Romeiras, 2008). Mas, segundo Jayme Duarte de Almeida (1951), citado por Grave & Romeiras (2008), a pega surge como desporto de elites, no segundo quartel do século XVII, em que o rei D. Afonso VI (1656-1683) e, mais tarde, o seu irmão, D. Pedro II (1683-1706), pegavam touros, tornando-se o seu *hobbie* preferido (Grave & Romeiras, 2008). A 14 de setembro de 1676, D. Pedro II decreta lei que obriga que os touros lidados têm que ter as pontas dos cornos cortadas para evitar a morte de homens e cavalos (Grave & Romeiras, 2008). Em 1880 decretou-se mesmo a proibição das pegas por ocorrência da morte de dois forcados numa tourada na praça de Santana, passando a ocorrer apenas 5 anos depois por ocasião de uma corrida em homenagem ao rei de Espanha D. Afonso XII (Grave & Romeiras, 2008). Esta modalidade foi mesmo considerada um espetáculo impróprio da capital, por um governador civil de Lisboa, durante o reinado de D. Luís I (Almeida, 1953).

A pega em público, formal e regular, teve a sua génese no século XIX, e a sua afirmação definitiva, com diferentes graus de estilização, no século XX, enquanto a pega de um modo mais avançado surge apenas no século XXI (Grave & Romeiras, 2008). Na atualidade, para executar a pega de touros maiores, em volume e peso, entram na arena oito homens, constroem uma fila, sendo o primeiro o que pega o touro de caras e os outros elementos correm à ajuda, sendo que um deles tem a função de segurar o rabo do touro, designado o rabejador. Desta forma conseguem atingir o objetivo final, ao provocar o seu desequilíbrio, que consiste em dominar o touro e pará-lo (Teixeira & Barros, 1992; Grave & Romeiras, 2008).

#### 1.2.5.2. **O toureio a cavalo**

Foi no séc. XVIII, que a equitação em Portugal, atingiu a sua época de maior esplendor, já pela fundação da coudelaria de Alter do Chão, ajudado pela necessidade de preparar o exército (Almeida, 1953). O toureio na sua expressão peninsular inicial, foi praticado a cavalo, quer como divertimento exclusivo dos fidalgos, como prática da caça, quer como treino para a guerra e, até mais tarde, como torneios que obedeciam a um código, com regulamentação severa a que todos teriam que obedecer (Almeida, 1953). A raça de cavalos mais utilizada pelo toureiro é a lusitana, mas não obrigatoriamente esta, pelas

características de docilidade, concentração e coragem. Começam a ser treinados aos 3 anos e meio para as corridas (Bulhosa, 1996).

A instabilidade política de várias ordens do séc. XIX, que originou a discrepâncias de ordem sociocultural, determinante de novas opções por parte das classes dominantes, fez com que o toureiro que até então fora um prazer lúdico exclusivo de amadores, se fosse profissionalizando pelos nobres, montando os seus próprios cavalos e dando lide e morte aos touros criados nas suas herdades (Aranha & Parreira, 2005).

### 1.2.5.3. **O touro de lide**

A raça bovina utilizada nas lides tauromáquicas (*Bos taurus primigenius*), é autóctone da Península Ibérica e terá surgido como resultado das alterações climáticas ocorridas durante as épocas glaciares e anti-glaciares nesse local (Areva, 1958; D'Andrade, 1991). Assim, quer tenha por ancestral o auroque ou o uro, o touro bravo peninsular, representado pelas raças bravas do Ribatejo e Andaluzia, é sobretudo o resultado da aclimação do touro egípcio, introduzido pelos Cartagineses, famosos pela sua bravura, desde os tempos faraónicos, como já referido. E foi a excepcional riqueza dos pastos, ricos em sais e o ambiente climático, extremamente favorável, que proporcionaram, como em nenhuma outra parte do mundo, condições únicas para o desenvolvimento destas raças e assim desenvolveram a prática do toureio (Rodrigues, 2001). Este touro peninsular é mesmo considerado o único com condições absolutas para a lide, com características particulares, dando origem às raças utilizadas no sul de França e Repúblicas da América Central (Almeida, 1953; D'Andrade, 1991).

Os ganadeiros selecionavam características comportamentais, favoráveis à lide, segundo eles, como agressividade, acometividade, nobreza, entre outras (Canón *et. al.*, 2005).

Os touros são retirados do ambiente onde são criados, em regime extensivo, com aproximadamente 4 anos (Barreto, 1970), “com o mínimo de contacto com o homem, para que a sua ingenuidade seja preservada”, assim o declara Fernando Sommer D'Andrade, em *O toureio equestre em Portugal* (1991) (D'Andrade, 1991, p.48). Descreve o touro, “como todo o herbívoro, é um animal gregário que vive em manada. Só quando impedido de fugir ou atacado o touro procura defender-se” (D'Andrade, 1991, p.23). Para Eduardo de Noronha (1900), o “boi é um animal essencialmente manso e domestico, escravizado pelo homem, paciente, de olhar apagado, com a cabeça pendida para a terra; é um ser livre, meio selvagem, varonil, que odeia o jogo” (Noronha, 1900, p.6). Assim, apesar das características

selecionadas, o touro, sendo um animal herbívoro, não ataca nenhuma espécie de animais, nem o próprio homem, reconhece El terrible Perez em ABC da tauromaquia (Pêrez, 1944). Acrescenta ainda que todos os bovinos possuem potentíssimas reações defensivas e são receosos e assustadiços. Por outro lado, relata Sanz Egana, citado por Pêres (1944), que o touro prefere a fuga como defesa, quando lhe é permitida, e aceita o combate quando é perseguido e cercado, utilizando as únicas armas de que dispõe – as hastes (Pêrez, 1944). Assim, o touro, como todo o herbívoro e animal gregário, só quando impedido de fugir ou atacado, procura defender-se fazendo uso dos seus cornos (D'Andrade, 1991).

E como reage o touro de lide moderno? Afirmo Fernando Sommer D'Andrade (1991) que:

“primeiro, procura na fuga o seu salvamento. Depois convencido de que o homem é o obstáculo à sua fuga, investe contra ele para o afastar da saída, até ao mais completo esgotamento físico e mental. (...) ao sair do touril escuro e apertado, onde se encontrava e onde só ansiava voltar à pastagem para se reunir de novo à manada, o touro é bruscamente atirado para uma arena batida pelo sol, circundada por uma multidão ululante e a sua primeira reação é fugir e percorre o redondel na esperança vã de uma brecha por onde escapar. O cavaleiro corre-lhe na frente, procurando que o touro se fixe nele e se resolva dar-lhe combate” (D'Andrade, 1991, p.25).

### **1.3. A tauromaquia nos dias de hoje**

Desde que o divertimento de correr touros deixou de ser prática espontânea, ou seja, luta entre o homem e o animal, e passou a chamar-se toureio, isto é a arte de tourear, que a diversão se transformou em festa brava. Esta adquiriu aspetos técnicos e começou a guiar-se por um conjunto de regras e preceitos fundamentais (Silveira, 1971). Tais regras, encontram-se no Decreto-Lei n.º 89/2014 de 11 de junho e constituem o intitulado Regulamento do Espetáculo Tauromáquico - RET. Atualmente, os espetáculos tauromáquicos são definidos como aqueles que consistem na lide de reses bravas, em recintos fixos ou ambulantes e a eles especialmente destinados, sendo divididos nos seguintes tipos: corridas de touros, corridas mistas, novilhadas, novilhadas populares, variedades taurinas e festivais tauromáquicos (DL 89/2014, Artigo 1º e 2º, Cap. I das disposições gerais)<sup>17</sup>.

---

<sup>17</sup> Em Portugal, os espetáculos tauromáquicos enquadram-se em legislação específica, abrangidos pelo D.L. n.º 89/2014 de 11 de Junho e inclui todos os espetáculos relativos à lide de reses bravas em recintos especificamente licenciados, nomeadamente para as corridas de touros, corridas mistas, novilhadas, novilhadas populares, variedades taurinas e festivais tauromáquicos (as definições encontram-se no referido DL). São excluídas do âmbito da aplicação do regulamento, a realização de espetáculos ou divertimentos públicos que envolvam a lide de reses bravas em recintos improvisados.



O espetáculo tauromáquico apenas é praticado de forma legal em poucos países como Portugal, Espanha, algumas cidades do Sul de França e Republicas Sul-americanas ou nos países que sofreram a influência Hispânica, nomeadamente Peru, Venezuela, México, Colômbia e Equador. Todas as tentativas de implantar noutros locais têm falhado (Bragança, 1978; Penaguião, 2005). Em Portugal, a denominada «festa brava», ocorre essencialmente no Centro e no Sul do País, sendo as cidades com maior importância Lisboa, essencialmente no Campo Pequeno, Vila Franca de Xira, Alcochete, Santarém, Moita, Coruche e Angra do Heroísmo (Albernaz, 2014).

Considerada uma transformação dos combates singulares da Idade Média, que provocavam a admiração nos espetadores e representando uma fase importante da vida social de alguns povos, já afirmava Zé-Jaleco (1895), que os espetáculos tauromáquicos que eram considerados um divertimento de excelência até ao Séc. XIX, foram perdendo cada vez mais espetadores (Jaleco, 1895).

Maria Dulce Penaguião (2005) também considerou que “o espetáculo está em decadência (...), ao ponto de os próprios críticos tauromáquicos reconhecerem que a assistência vai diminuindo de ano para ano” e para confirmar cita uma “sondagem do jornal ‘PÚBLICO’ de 26/08/2002 que revelou que a percentagem de portugueses que não gosta de touradas é de 74,5% contra 24% que ainda gosta” (Penaguião, 2005, p.11). Num estudo que decorreu entre 01/02/2007 e 28/07/2007, a pedido da associação ‘ANIMAL’<sup>18</sup>, realizado pelo Centro de Investigação e Estudos de Sociologia do Instituto Universitário de Lisboa, sobre os valores e atitudes face à proteção de animais em Portugal, verificou-se que 56,1% das pessoas inquiridas responderam ser a favor de uma proibição legal das touradas (Monteiro, Policarpo & Vieira Da Silva, 2007).

De acordo com o site ‘touradas’<sup>19</sup>, segundo dados Eurosondagem de 2011, 86,1% dos portugueses não defende quaisquer proibições das corridas de touros. O referido estudo de opinião, intitulado ‘Atividade taurina em Portugal’<sup>20</sup>, realizada para a ‘PRÓTOIRO’ - Federação Portuguesa das Associações Taurinas, nos dias 3, 4, 9, 10 e 11 de Março de 2011, reuniu 1133 entrevistas telefónicas, em que 56,5% dos inquiridos concordavam com a atual legislação do setor e 59,3% entendem que os espetáculos taurinos contribuem de forma positiva para a imagem do país. Tal sondagem, também refere que 32,7% dos inquiridos consideram-se aficionados, 32,8% não são aficionados, nem gostam, mas não concordam que

---

<sup>18</sup> Organização não-governamental de defesa dos direitos fundamentais dos animais não-humanos.

<sup>19</sup> Disponível em <http://touradas.pt/tauromaquia/mentiras>

<sup>20</sup> Este estudo encontra-se disponível em [https://issuu.com/protoiro/docs/estopinioao\\_protoiro\\_marco11](https://issuu.com/protoiro/docs/estopinioao_protoiro_marco11)

se tire a liberdade a quem gosta de assistir a atividades com touros, 20,6% são indiferentes à existência destas atividades, 11,0% são contra a realização de atividades com touros e 2,9% não respondem ou não sabem. É ainda referido que apenas 32,5% dos inquiridos gostavam que a televisão transmitisse mais touradas, contra 61,6 % que responderam que não gostavam que a televisão transmitisse mais touradas, sendo que 5,9% não têm opinião (touradas.pt).

Certo é que, de acordo com os dados divulgados pela Inspeção-Geral das Atividades Culturais - I.G.A.C, entre 2010 e 2016, o número de espetáculos realizados, onde se incluem as corridas de touros, festivais tauromáquicos, corridas mistas, novilhadas populares, variedades taurinas e novilhadas, quer em praças fixas ou praças ambulantes, assim como o número de espetadores dos referidos espetáculos, tem vindo a diminuir, conforme se verifica na tabela abaixo. É mesmo referida uma diminuição de 8,45% no número de espetadores entre 2015 e 2016.

Tabela 1 - Dados referentes aos espetáculos tauromáquicos realizados e número de espetadores entre 2010 e 2016, em Portugal continental.

(Dados oficiais da Inspeção-Geral das Atividades Culturais, adaptado do relatório da atividade tauromáquica 2016).

ANO	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016
Espetáculos realizados	301	274	254	241	221	207	191
Nº espetadores	681,140	609,052	479,560	441,551	422,597	395,463	362,057

Apesar da diminuição, os espetáculos tauromáquicos continuam a realizar-se todos anos, onde não faltam aficionados, ou seja, as pessoas que apreciam de forma especial e conhecem com detalhe os rituais associados (Solis, 1995). Mas, o que leva essas pessoas a manter com os touros essa «relação de culto» nos dias de hoje? Luís Capucha (2013) responde da seguinte forma: “Creio que há pessoas que se tornam aficionadas aos touros devido a algum acontecimento ou experiência que as marcou e as ligou afetiva e emocionalmente à ‘festa’. Mas provavelmente a grande maioria terá herdado essa qualidade na comunidade de origem ou de pertença” (Capucha, 2013, p.147).

### **1.3.1. Tradição e tauromaquia**

De acordo com o dicionário de conceitos históricos, a palavra tradição é definida como um produto do passado, que continua a ser aceite e atuante no presente. É um conjunto

de práticas e valores enraizados nos costumes de uma sociedade (Silva & Silva, 2009). O sociólogo americano Edward Shils (1981), assumindo uma definição mais ampla, considera a tradição como algo que é transmitido do passado para o presente, de geração em geração, através de ações humanas (Shils, 1981).

Numa perspetiva sociológica, a tradição tem a função de preservar para a sociedade costumes e práticas que já demonstraram ser eficazes no passado. Para Max Weber, pensador clássico da sociologia, os comportamentos tradicionais são atitudes que os indivíduos tomam em sociedade, orientadas pelo hábito, ou seja, pela noção de que sempre foi assim. Acrescenta ainda que nessa forma de ação, o indivíduo não pensa nas razões do seu comportamento. Numa visão da tradição nas ciências sociais, há uma dificuldade em acompanhar as mudanças da atualidade fruto da industrialização ocidental (Silva & Silva, 2009). Eric Hobsbawm, Historiador Marxista britânico, utiliza o conceito de tradições inventadas, para denominar o conjunto de práticas, de natureza ritual ou simbólica, regulado por regras aceites por todos, que tem como objetivo desenvolver na mente e na cultura, determinados valores e normas de comportamento, por meio de uma relação com o passado, feita pela repetição constante dessas práticas. Para este autor, as tradições inventadas estabelecem uma continuidade artificial com o passado, pela repetição quase obrigatória de um rito (Hobsbawm, 1997; Silva & Silva, 2009).

Para os sociólogos Tom Bottomore e William Duthwaite, o termo tradição deve ser empregue para as esferas mais importantes da vida humana, como a religião, o parentesco, a comunidade, e não para as esferas menores, como os ritos e costumes quotidianos. Defendem que as tradições não são necessariamente estáticas ou imóveis (Silva & Silva, 2009). Aliás, de acordo com Dominique Wolton, licenciado em Direito e Doutorado em Sociologia, as tradições evoluem e transformam-se com as novas necessidades de cada sociedade. Alega ainda que a tradição já não é vista pelas ciências sociais como uma coisa arcaica, mas como uma aprendizagem. Nessa conformidade, as tradições deverão suportar as mudanças sociais (Silva & Silva, 2009).

Já a palavra cultura, que importa aqui referir, por ser muitas vezes usada com tradição, aparece no fim do Séc. XI designada como um pedaço de terra trabalhada para produzir vegetais e torna-se sinónimo de agricultura - cultura alimentar, cultura forrageira, etc. Em meados do Séc. XVI, o sentido figurado de cultura começa a ser empregue pelos humanistas do renascimento. Mas é no Séc. XIX que a palavra cultura, «*Kultur*» em Alemão, foi usada para simbolizar aspetos espirituais de uma comunidade. Para os franceses, «*Civilization*» tinha uma conotação para as relações materiais de um povo. Mas ao passo que

Edward Tylor (1871) define a cultura através do desenvolvimento mental e organizacional das sociedades, como algo complexo que inclui os conhecimentos, as crenças religiosas, a arte, a moral, os costumes e hábitos que o homem adquire enquanto membro da sociedade, a antropologia cultural americana, sessenta anos mais tarde, realça o desenvolvimento material e técnico e a transmissão do património social (Laraia, 1986; Boudon, 1990).

Embora atualmente na Antropologia não haja um consenso sobre o que é cultura (Silva & Silva, 2009), para os culturalistas a cultura enquanto modo de vida de um povo é uma aquisição humana, relativamente estável, mas sujeita a mudanças contínuas que determina o curso das vidas humanas, sem se impor ao pensamento consciente (Boudon, 1990). Afirmo mesmo Roque de Barros Laraia (1986) que “os homens ao contrário das formigas, têm a capacidade de questionar os seus próprios hábitos e modificá-los”, para demonstrar que a cultura é um processo dinâmico (Laraia, 1986, p. 99).

Apesar de tudo o anteriormente exposto, nomeadamente o dinamismo, a aprendizagem e a mudança, de acordo com o Decreto-Lei nº 89/2014 de 19 de junho, refere-se uma aliança entre a tradição e cultura, ligadas à tauromaquia. Está redigido no mencionado Decreto-lei que a tauromaquia é nas suas diversas manifestações, parte integrante do património da cultura popular portuguesa e entre as várias expressões, práticas sociais, eventos festivos e rituais que compõem a tauromaquia, a importância dos espetáculos em praças de toiros está traduzida no número significativo de espetadores que assistem a este tipo de espetáculos (DL 89/2014). De acordo com Lady Selma Albernaz (2014), as touradas tornam-se tradições culturais que merecem receber o título de património local ou nacional (Albernaz, 2014). Joaquim Grave (2000) afirma que a tradição é importante na defesa da festa, nomeadamente no caso de Barrancos, mas não é o principal argumento e acrescenta que não se deverá defender a festa só porque é costume (Grave, 2000).

Sabido é que, há dois séculos, no Terreiro do Paço, a família real e o povo, divertiam-se aos domingos assistindo aos autos de fé, chegando a ser distribuídas pelo público canas compridas, com pontas em brasa, para que o povo pudesse utilizá-las para perfurar a face do condenado, que ia sendo consumido pelas chamas. Estes comportamentos eram considerados normais, assim como ainda nos dias de hoje é considerado normal em alguns países do Médio Oriente, lapidar a mulher infiel, enforcar e torturar os infiéis ou amputar as mãos aos ladrões. Contudo, houve uma revolução cultural que veio pôr em evidência a atitude perante o sofrimento primeiramente nos homens e depois nos animais (Penaguião, 2005).

Maria Dulce Penaguião (2005), cita:

“A tauromaquia, constitui um espetáculo em que o prazer que induz nos espetadores é consequência do sofrimento de um animal, que é perfurado sucessivamente por ferros, onde jorra o sangue em catadupas e a multidão aplaude vigorosamente e sadicamente a este espetáculo a que chamam tradição” (Penaguião, 2005, p.7).

A mesma investigadora realça ainda que as tradições devem ser mantidas exceto se violarem valores superiores da civilização. Os autos-de-fé, os enforcamentos públicos e a escravatura, foram durante muitos séculos, tradições fortemente implantadas em Portugal, que pela incompatibilidade com a cultura e os princípios éticos da atualidade, foram suprimidos. Enfatiza ainda, que a força da tradição não deverá sobrepor-se aos valores fundamentais da nossa civilização, como o da tortura de homens ou de animais (Penaguião, 2005).

### **1.3.2. Religião e tauromaquia**

A história indica-nos que maioritariamente a igreja católica, foi contra os espetáculos tauromáquicos e mesmo com ameaças de excomunhão a quem as praticasse, as touradas foram se mantendo (Capucha, 1990). O mais relevante foi a 01 de Novembro de 1567, em que o Papa Pio V publicou a bula «*De salute gregis dominici*», ainda em vigor, com o objetivo de pôr fim aos espetáculos taurinos, proibindo as corridas de touros e decretando pena de excomunhão imediata a qualquer católico que as permitisse ou participasse nessas atividades (Taurinorum, 1862; Fraile, 2001). Salienta-se que a referida bula Papal condena os espetáculos quer com touros, quer com outros animais (Taurinorum, 1862).

Inicialmente, a razão primeiramente apontada para a proibição das práticas taurinas, seria a perda de vidas humanas. No início do séc. XX, já é alegada a defesa e proteção dos direitos dos animais, em particular do touro e do cavalo, começando a aparecer associações de proteção animal. Em 1920 a presidente da Sociedade Protetora dos Animais de Toulon - França, envia uma carta dirigida ao papa Benedicto XV, solicitando esclarecimentos sobre a sua posição relativamente à corrida de touros, pelo que a resposta surge por parte do secretário de Estado do Vaticano, Cardeal Pietro Gasparri, condenando as corridas de touros e sublinhando a condenação de tais espetáculos por parte da igreja, que os apelida de “sangrentos e vergonhosos” (Fraile, 2001).

Apesar das condenações, os festejos taurinos iam ocorrendo e a igreja tinha um papel importante por estar ligada à criação de gado, fornecendo os animais para os festejos e dessa forma angariava a maior parte do lucro (Carta dos irmãos da Confraria de Nossa Senhora da Merciana, Corpo Cronológico, Parte I, mç. 95, n.o 87, Arquivo Nacional Torre do Tombo, ANTT).

O jornal 'PÚBLICO' divulga na edição eletrónica de 07/08/2000, por Cesaltina Pinto, que um bispo, uma freira, um frade e um padre, seguravam cartazes com ensinamentos bíblicos, dirigido às touradas como "Cristo não gosta disto", "O justo cuida bem dos seus animais, mas as entranhas dos ímpios são cruéis", "Aquele que mata um touro, também é capaz de matar um homem" e "Amai o próximo como a nós mesmos", respetivamente. Este acontecimento terá gerado polémica, tendo em conta a divulgação de uma corrida de touros pela Rádio Renascença, pertencente à Igreja Católica, contrariando a bula Papal contra as corridas de touros (Pinto, 07/08/2000; publico.pt).

Atualmente, algumas corridas são divulgadas e associadas a festas que honram Santos, particularmente às festas Marianas (Xavier, 2013), como o caso de Barrancos com as festas religiosas Cristãs em nome da Nossa Senhora da Conceição que ocorrem nos dias 28 a 31 de Agosto, em Vila de Mourão (Alentejo) com as festas em honra da Nossa Senhora das Candeias que decorrem de 24 de Janeiro a 04 de Fevereiro, em Couruche, com as festas em honra de Nossa Senhora do Castelo ou Caldas da Rainha com as festas em honra de Nossa Senhora do Pópulo (cartazes em anexo I).

### **1.3.3. Socioeconomia e tauromaquia**

A utilização de dinheiro público e apoios europeus na tauromaquia, continua a ser contraditória entre aficionados, não aficionados e público em geral. Divulgado na edição eletrónica do jornal 'PÚBLICO' por Bruno Castanheira em 29 de Outubro de 2015, de acordo com a 'PRÓTOIRO' "não existem apoios europeus destinados à Tauromaquia" (Castanheira, 29/10/2015; publico.pt). Além disso, através do site 'Touradas'<sup>21</sup> é ainda divulgado que a tauromaquia contribui anualmente com muitos milhões de euros para a economia portuguesa, gerando grandes receitas para o estado através de impostos diretos e indiretos. Acrescenta que, apesar disso, é a única área cultural que não recebe quaisquer apoios do estado central (touradas.pt).

No entanto, Lady Selma Albernaz no seu artigo de 2014, intitulado «Festa brava Portuguesa: pessoas humanas e pessoas animais», reconhece que há festas em que o investimento público é mais evidente, como nas festas de Vila Franca e de Alcochete, em que se incluem o cercar das ruas, ordenar o trânsito, promover exposições de arte, distribuir a sardinha, etc, embora uma parte dos investimentos financeiros seja proveniente de diferentes

---

<sup>21</sup> <http://touradas.pt/tauromaquia/touradas-numeros>

empresas como ganadarias, empresas culturais, transporte de animais, empresas de turismo e comércio. Adiciona, que há ainda o contributo das diferentes casas de Misericórdia, proprietária de várias praças de touros no País e que promovem as corridas nas suas arenas (Albernaz, 2014).

Especificamente sobre a utilização de fundos europeus, em 2011 foi denunciado pelo jornal ‘DESTAK’ que “Portugal utiliza fundos europeus para financiar a tauromaquia”, em que dois deputados Catalães pediram à comissão Europeia para parar o financiamento às instalações taurinas em Portugal com fundos comunitários do desenvolvimento rural (destak.pt, 15/06/2011).

Divulgado na edição eletrónica do jornal ‘PÚBLICO’ a 28/10/2015: “Parlamento europeu votou contra uso de subsídios em criação de touros para touradas”. Segundo a emenda, que foi apresentada pelo eurodeputado estónio Indrek Tarand em nome de ‘Os Verdes/Aliança Livre Europeia’, e que teve como relatores o eurodeputado português José Manuel Fernandes e o belga Gérard Deprez, os fundos da Política de Agricultura Comum - PAC - “não devem ser usados para apoiar a reprodução ou a criação de touros destinados às atividades de tauromaquia”. Segundo o porta-voz do grupo ‘Os Verdes’ no Parlamento Europeu, Florent Marcellesi, mais de 130 milhões de euros terão ido parar a centenas de ganadarias para a criação de touros com destino a touradas (Bancaleiro & Lopes, 28/10/2015; publico.pt).

A plataforma ‘BASTA’ - Plataforma Nacional para a Abolição das Touradas, afirma que “a tauromaquia é uma atividade insustentável financeiramente, sobrevivendo graças aos fundos públicos e outros apoios das autarquias locais e dos fundos da União Europeia” e denuncia uma estimativa de despesa pública superior a 16 milhões de Euros, com a tauromaquia em Portugal (basta.pt, 2016, 12 de Maio)<sup>22</sup>.

Exemplos da utilização de dinheiros públicos através de subsídios, encontram-se divulgados em várias fontes, como alguns que a seguir se referem:

- Um montante de 2.600.000,00 euros gastos entre 2004 e 2010 em subsídios por parte do IFAP - Instituto de Financiamento da Agricultura e Pescas, para as touradas nos Açores<sup>23</sup> (vfxantitouradas.blogspot.pt, 2012, 01 de Junho) (Anexo II, outro exemplo nos Açores);

---

<sup>22</sup> Disponível em <http://basta.pt/?s=dinheiros+publicos&submit=Search>, onde se podem consultar outros artigos sobre o mesmo assunto.

<sup>23</sup> Disponível em <http://vfxantitouradas.blogspot.pt/2012/06/9-milhoes-de-impostos-para.html>, onde se podem consultar outros exemplos sobre o mesmo assunto.

- Em 28/07/2004 é igualmente divulgado na edição eletrónica do semanário regional ‘O MIRANTE’ que a escola de toureiro José Falcão iria receber por parte da Câmara Municipal de Vila Franca um apoio de 50 mil euros para ajudar a custear as obras de recuperação do Tentadero do cabo. É ainda anunciado que a autarquia decidiu também atribuir um subsídio de 560 euros ao Clube Taurino Vilafranquense para apoio às refeições dos participantes da semana da cultura tauromáquica (omirante.pt; 28/07/2004);

- Na edição de 24/09/2009 do mesmo jornal acima referenciado é publicado que a Câmara Municipal de Santarém gastou 104.763,00 euros em bilhetes para oferecer a três corridas de toiros, que se realizaram em Junho desse ano na Monumental Celestino Graça (omirante.pt; 24/09/2009);

- Também em 2009, no dia 13 de Maio, terá ocorrido uma reunião da Câmara Municipal do Montijo onde foi proposta a atribuição de um subsídio à Tertúlia Tauromáquica do Montijo no valor de 1.500,00 euros - Proposta 1542/09 (Rostos.pt; 13/05/2009);

- Em reunião ordinária de 29/11/2010, que decorreu na sala de reuniões da Câmara Municipal de Santarém, presidida por Francisco Maria Moita Flores e registado em Acta n.º 30, mandato 2009-2013, foi deliberada a aquisição de bilhetes para oferta aos funcionários do município e às juntas de Freguesia do concelho, à semelhança de anos anteriores, para a corrida de toiros de 18/09/2010. Foi assim proposto a adjudicação à empresa ‘Aplaudir - Sociedade Unipessoal Lda’, para aquisição de bilhetes no valor total de 4.950 euros, com IVA incluído à taxa de 5%, distribuídos por bilhetes para os diferentes sectores da praça (Câmara Municipal de Santarém, Acta n.º 30, pp. 14 e 15; 29/11/2010);

- A freguesia de Amareleja, terá gasto 11.000,00 euros para usar a Praça de Touros de Amareleja durante o ano de 2010, pagos à ‘Gestoiro Eventos’<sup>24</sup> (Base: contratos públicos online, 19/07/2010);

- Ainda em 2010 o Município de Albufeira terá pago 15.000,00 euros à ‘Toiro das Sesmarias - Sociedade de Investimentos Hoteleiros e Similares, S.A.’ para fazer publicidade à IV Grande Corrida RTP Algarve<sup>25</sup> (Base: contratos públicos online, 17/08/2010);

- Em Alcochete, também são vários os exemplos entre eles a atribuição de um subsídio no valor de 3.700,00 euros ao ‘Aposento do Barrete Verde’ para despesas decorrentes das suas atividades, registada em Acta n.º 22 de 12/10/2011 e aprovada pela Câmara por unanimidade (Câmara Municipal de Alcochete, Acta n.º 22, 12/10/2011; pp.20 e 21);

---

<sup>24</sup> Disponível em: <http://www.base.gov.pt/Base/pt/Pesquisa/Contrato?a=176033>

<sup>25</sup> Disponível em: <http://www.base.gov.pt/Base/pt/Pesquisa/Contrato?a=186955>



- Foi publicado em Diário da República a 26/09/2011 e a 21/03/2012 uma lista dos subsídios atribuídos pelo IFAP, respeitantes ao 1º e 2º semestre de 2011 respetivamente, no valor de 9.823.004,34 euros às empresas e membros das famílias ligadas à tauromaquia (D.R. 2.ª série — N.º 185 — 26 de Setembro de 2011; D.R. 2.ª série — N.º 58 — 21 de março de 2012);

- Em 2016 a autarquia de Vila Franca de Xira terá atribuído um subsídio compensatório aos campinos, bem como a atribuição de um fundo de maneio, para as festas do ‘colete encarnado’, o primeiro no valor total de 5. 520 euros e o segundo no valor total de 3.525 euros. Acrescenta-se que foi ainda aprovado por unanimidade um subsídio de 12.000 euros, referente a apoio Municipal à temporada tauromáquica de 2016 (Documentos oficiais em anexo III);

Além de todos estes subsídios provenientes de dinheiros públicos, é ainda incontestável o facto dos artistas tauromáquicos encontrarem-se abrangidos de isenção do pagamento de IVA, igualando-se a atividades desportivas e ligadas à saúde como médicos e enfermeiros<sup>26</sup>. (Autoridade tributária e aduaneira, Art. 9º; Secção I, Cap. II, referente a Isenções do Código do Imposto Sobre o Valor Acrescentado).

---

<sup>26</sup> Disponível no portal das Finanças eletronicamente em:  
[http://info.portaldasfinancas.gov.pt/pt/informacao\\_fiscal/codigos\\_tributarios/civa\\_rep/iva9.htm](http://info.portaldasfinancas.gov.pt/pt/informacao_fiscal/codigos_tributarios/civa_rep/iva9.htm)

## **2. MATERIAL E MÉTODOS**

### **2.1. Metodologia**

A metodologia escolhida para o cumprimento dos objetivos deste estudo, foi o desenvolvimento de um questionário com respostas fechadas e abertas, disponível em plataforma eletrónica através do *Google Forms* e divulgado essencialmente em redes sociais e páginas web. Pretendeu-se desta forma abranger um maior número de pessoas, de diferentes faixas etárias, níveis de escolaridade, crenças religiosas, vários estatutos socioeconómicos e padrões culturais, continente e ilhas, de forma a obter uma amostra da população o mais variada possível. Foram ainda distribuídos questionários em papel, de forma aleatória quanto ao perfil dos inquiridos, nos concelhos de Braga, Porto, Aveiro, Lisboa, Cascais, Mafra (Ericeira), Caldas da Rainha, Montijo, Setúbal, Santarém, Vila Franca de Xira e Barrancos. Estes locais foram igualmente escolhidos de forma aleatória. As pessoas foram abordadas em cafés e na rua, sendo que o investigador se afastava de forma a garantir o anonimato dos questionários. A versão completa do questionário encontra-se em apêndice neste documento.

Salienta-se que o questionário foi elaborado com o apoio de profissionais do setor animal, veterinários e biólogos, com conhecimentos quer na área da tauromaquia, quer do comportamento e bem-estar animal, assim como profissionais na área da epidemiologia e estatística. Considerou-se assim ser um modelo aplicável ao tipo de estudo em questão.

Antes da divulgação, os questionários foram testados quer na sua versão digital, quer em formato de papel (n=10), de forma a verificar a sua fácil compreensão e testar o tempo de resposta. Essas respostas constituíram apenas um teste e não foram contabilizadas na amostra final, servindo fundamentalmente para o aperfeiçoamento do questionário.

Sublinha-se que todos os questionários contabilizados neste estudo foram anónimos, distribuídos de forma aleatória e sem qualquer intervenção por parte do investigador.

### **2.2. Critérios de inclusão**

Neste estudo, não houve critérios de inclusão específicos, pelo que foram consideradas todas as pessoas que quiseram colaborar e que responderam ao questionário.

### **2.3. Critérios de não inclusão**

Neste estudo, não existiram critérios de não inclusão.

### **2.4. Critérios de exclusão**

Foram excluídos automaticamente pelo sistema informático, todos os questionários incompletos.

### **2.5. Tipo de estudo**

Observacional, transversal.

### **2.6. Estrutura do questionário**

O questionário incluía 36 questões e encontrava-se dividido em seis secções:

**Secção I:** com o objetivo de avaliar se os inquiridos no último ano, assistiram ou participaram em algum tipo de espetáculo tauromáquico;

**Secção II:** com o objetivo de caracterizar a amostra que participou ou assistiu a algum tipo de espetáculo tauromáquico no último ano;

**Secção III:** com o objetivo de caracterizar os inquiridos que há mais de um ano assistiram ou participaram em algum tipo de espetáculo tauromáquico;

**Secção IV:** com o objetivo de avaliar a opinião dos inquiridos relativamente a algumas características relacionadas com os espetáculos tauromáquicos e aos animais em geral;

**Secção V:** com o objetivo de avaliar a opinião dos inquiridos relativamente a algumas características dos espetáculos tauromáquicos mais relacionadas com fatores socioeconómicos;

**Secção VI:** com o objetivo de avaliar as características sociodemográficas dos inquiridos.

### **2.7. Análise estatística**

Os questionários foram disponibilizados entre 29/12/2016 e 15/03/2017, tendo sido obtidos um total de 8377 questionários válidos e que foram contabilizados para este estudo. Não tendo sido verificadas diferenças estatisticamente significativas entre as respostas

facultadas pela plataforma eletrónica e em suporte de papel, o tratamento estatístico foi efetuado em conjunto, recolhidas e organizadas as respostas numa base de dados em Microsoft Excel 2013, tendo sido posteriormente analisadas recorrendo ao software estatístico *IBM SPSS Statistics* versão 22.0. Foi assim realizada análise estatística descritiva e inferencial, com o objetivo de relacionar algumas variáveis de caracterizações da amostra deste estudo que se considerou mais relevante de acordo com os objetivos deste estudo e avaliar eventuais relações entre elas. Para a análise estatística inferencial, recorreu-se à aplicação do teste de chi-quadrado ( $\chi^2$ )<sup>27</sup>, preconizado para um tipo de avaliação de relações entre variáveis categóricas, para um nível de significância de 99% ( $p \leq 0,01$ ), designado tendencialmente significativo. Sublinha-se que o teste chi-quadrado é apenas indicativo da existência de uma relação e não da sua força de associação (Bland, 2000).

Para avaliar a perceção dos inquiridos relativamente à senciência de alguns animais e comparar com a opinião dos mesmos, sobre a manutenção das práticas tauromáquicas, recorreu-se a testes de variância ANOVA e testes post-hoc Tukey HSD, que permitem identificar diferenças significativas de variáveis quantitativas, para um nível de significância de 99% ( $p \leq 0,01$ ).

---

<sup>27</sup> Nesta dissertação, por questões de formatação e impressão de texto, optou-se por usar apenas a designação chi-quadrado por extenso e não o seu símbolo ( $\chi^2$ )

### 3. RESULTADOS

Pela elevada extensão dos dados recolhidos, serão apresentados apenas os resultados mais relevantes, tendo em conta os objetivos deste trabalho.

O número total de pessoas que reponderam ao questionário foi de 8377. No entanto, pela ausência de resposta a algumas perguntas, uma vez que nem todas eram de caráter obrigatório, o número da amostra varia entre as variáveis analisadas.

#### 3.1. Análise estatística descritiva

##### A – Caracterização geral da amostra

##### 3.1.1. Caracterização sociodemográfica

###### a) Idade

O gráfico 4 ilustra a faixa etária das pessoas que responderam ao questionário, revelando que a maioria se encontra entre os 18 e os 27 anos de idade (38,0%, n= 3180/8377), seguindo-se a faixa etária entre os 28 e os 37 anos (23,90%, n= 1999/8377).

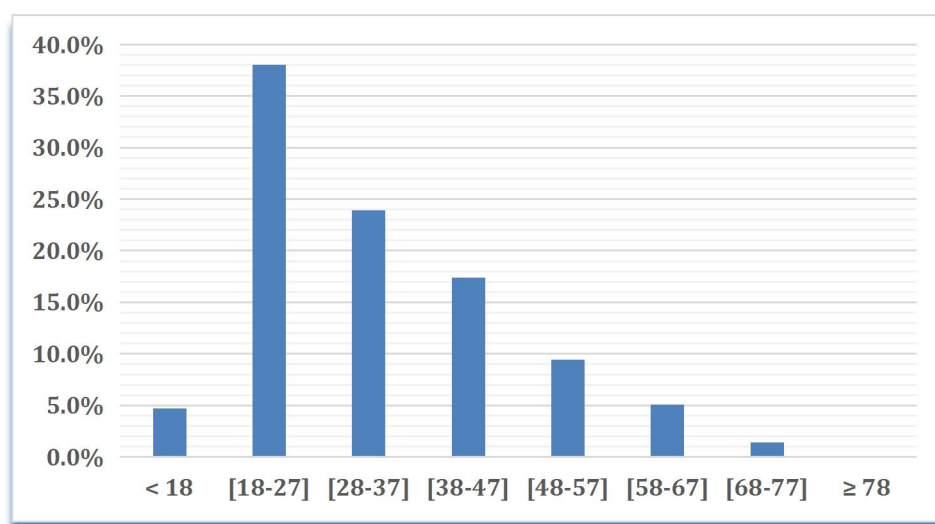


Gráfico 4: Caracterização da amostra relativamente à idade (frequência relativa, n= 8377)

###### b) Género

São principalmente mulheres a responderem ao questionário (60,8%, n=5095/8377).

**c) Nacionalidade**

Quase a totalidade dos inquiridos têm nacionalidade portuguesa (98,8%, n=8276/8377).

**d) Religião/crença dos inquiridos**

No gráfico 5 importa salientar que praticamente metade da população inquirida se declara católica, sendo que a outra metade não declara qualquer religião ou crença e uma pequena percentagem declara outra religião ou crença.

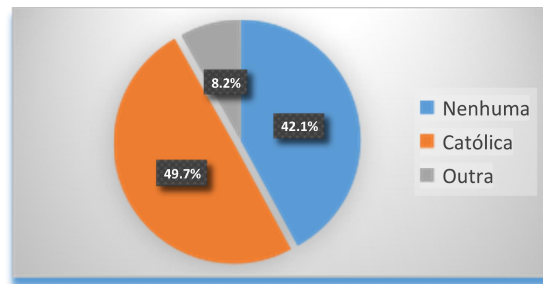


Gráfico 5: Caracterização da amostra relativamente à religião/crença (frequência relativa, n= 8376)

**e) Existência de familiar ligado diretamente à tauromaquia**

A maior parte das pessoas que responderam ao questionário, não têm familiares diretamente ligados à tauromaquia (85,7%, n=7178/8377).

**f) Residência e caracterização dos que residem em Portugal por distrito ou região autónoma**

A maior parte dos inquiridos reside em Portugal (95,7%, n=8019/8375) e o gráfico 6 revela que pertencem maioritariamente ao distrito de Lisboa (35,6%, n=2886/8102), seguindo-se o Porto (10,9%, n=883/8102), Setúbal (10,3%, n= 832/8102) e Santarém (7,8%, n=633/8102).

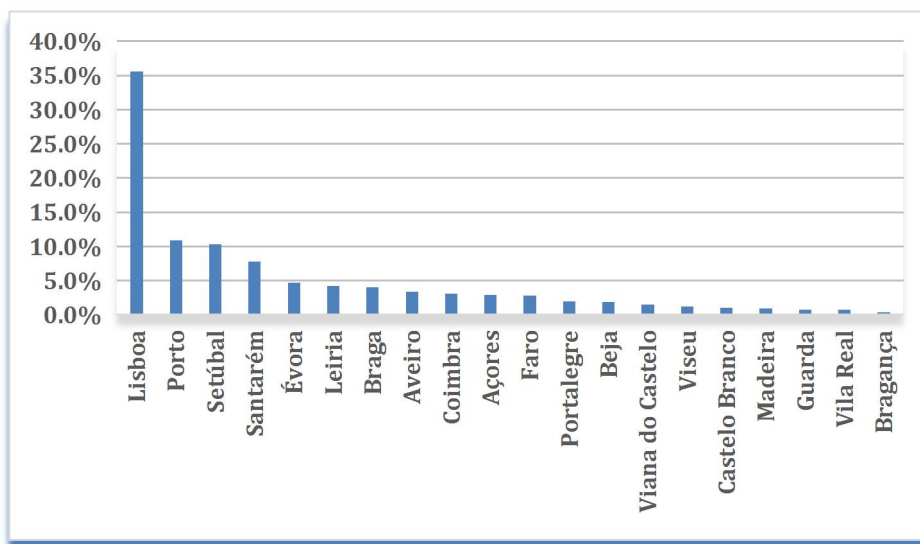


Gráfico 6: Caracterização da amostra residente em Portugal, por distrito ou região autónoma (frequência relativa, n= 8102)

#### g) Meio ambiente de residência

A maior parte dos inquiridos vive em meio urbano (75,1%, n=6285/8372).

#### h) Nível de escolaridade

O gráfico 7 elucida que a maior parte das pessoas que responderam ao questionário têm um nível de escolaridade de grau superior, seguindo-se o grau secundário. O número de inquiridos sem qualquer grau de escolaridade, não foi estatisticamente relevante, por ter um valor muito baixo, pelo que não foi considerado no gráfico.

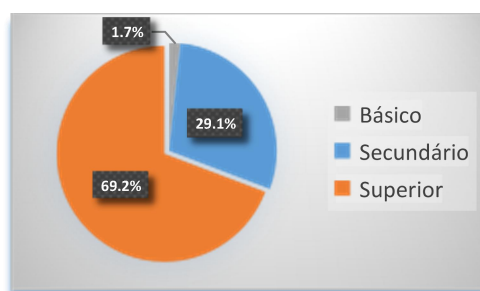


Gráfico 7: Caracterização da amostra quanto ao nível de escolaridade (frequência relativa, n= 8377)

## **B - Caracterização da amostra relativamente à Tauromaquia**

### **3.1.2 Caracterização da amostra quanto à participação/assistência em espetáculos tauromáquicos**

#### **a) Caracterização da amostra relativamente à participação/assistência em algum tipo de espetáculo tauromáquico**

No gráfico 8 constata-se que a maior parte dos inquiridos, no último ano, não participou ou assistiu em algum tipo de espetáculo tauromáquico, sendo a razão maioritariamente apontada, a preocupação com o bem-estar animal, patente no gráfico 9.

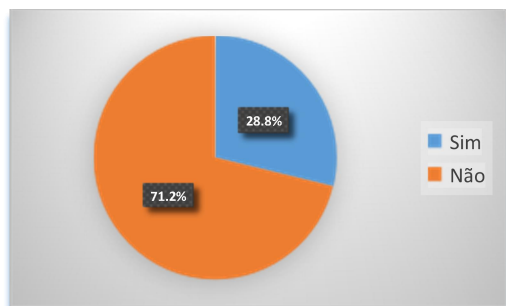


Gráfico 8: Caracterização da amostra quanto à participação/assistência em algum tipo de espetáculo tauromáquico no último ano (frequência relativa, n= 8377)

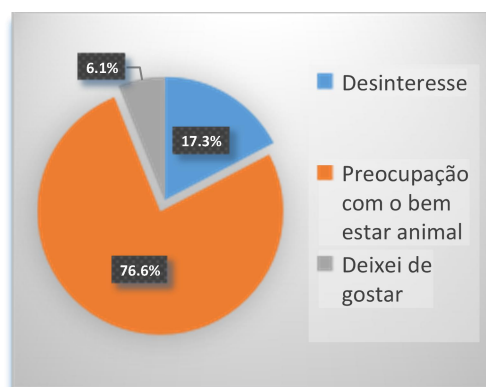


Gráfico 9: Caracterização da amostra quanto ao motivo de não assistir/participar no último ano em algum tipo de espetáculo tauromáquico (frequência relativa, n= 1575)

#### **b) Caracterização da amostra que no último ano assistiu/participou em algum tipo de espetáculo tauromáquico, quanto à categoria**

O gráfico 10 revela que dos inquiridos que no último ano assistiram ou participaram em algum tipo de espetáculo tauromáquico, a categoria mais frequente foi a corridas de touros, seguindo-se as corridas mistas e os festivais tauromáquicos.



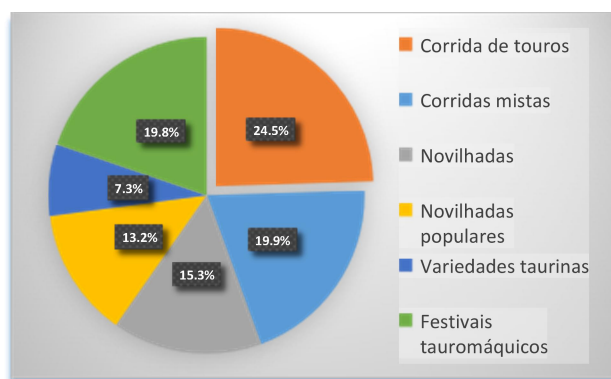


Gráfico 10: Caracterização da amostra que participou/assistiu em algum tipo de espetáculo tauromáquico no último ano, quanto à categoria (frequência relativa, n= 2412)

**c) Caracterização da amostra quanto à motivação para assistir/participar aos espetáculos tauromáquicos**

O gráfico 11 explana que a motivação principal para assistir ou participar em espetáculos tauromáquicos é cultural (89,9%, n= 2169/2412), seguindo-se a económica (4,4%, n= 105/2412) e a seguir a religiosa (4,2%, n= 101/2412).

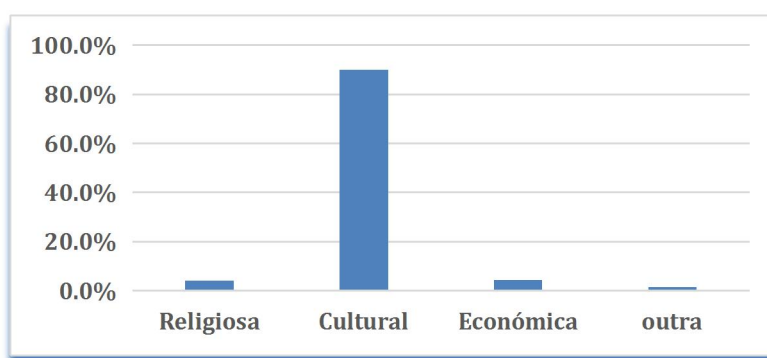


Gráfico 11: Caracterização da amostra quanto à motivação para assistir/participar em espetáculos tauromáquicos (frequência relativa. n= 2412)

**d) Caracterização da amostra quanto ao modo preferencial de assistência/participação**

Os inquiridos que assistem ou participam em espetáculos tauromáquicos, geralmente o fazem presencialmente (56,8%, n=2189/3851).

### e) Caracterização da amostra quanto à idade de início de assistência/participação em espetáculos tauromáquicos

A grande maioria dos inquiridos que assistem ou participam em espetáculos tauromáquicos, iniciaram antes dos 18 anos (90,0%, n=813/903).

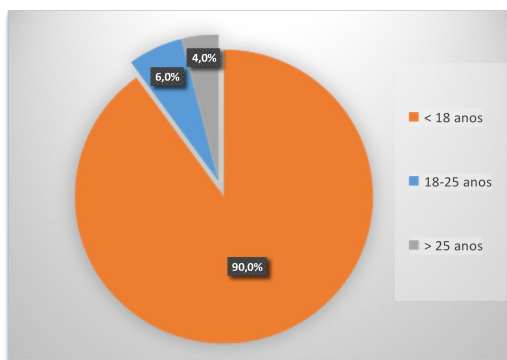


Gráfico 12: Caracterização da amostra quanto à idade de início de assistência/participação em espetáculos tauromáquicos (frequência relativa, n= 903)

### f) Caracterização da amostra quanto à assistência/participação relativamente a uma possível substituição da utilização do touro nas práticas tauromáquicas por um robot ou outro animal (por exemplo um cão).

O gráfico 13 revela que as pessoas que assistiram ou participaram em espetáculos tauromáquicos no último ano, preferencialmente não continuariam a assistir aos mesmos, se o touro fosse substituído por um robot (84,7%, n=765/903). Situação semelhante se verifica se o touro fosse substituído por outro animal, por exemplo um cão, em que a maioria (92,0%, n=831/903) respondeu que não continuaria a assistir ou a participar, conforme se verifica no gráfico 14, sendo a razão principalmente apontada nesta ultima, “o cão não faz parte da tradição portuguesa” (55,2%, n=207/375) e a seguir “o cão não investe como um touro bravo (25,3%, n=95/375), conforme se verifica no gráfico 15. Salienta-se que neste, encontram-se contabilizadas todas as respostas facultadas para as várias opções disponíveis.

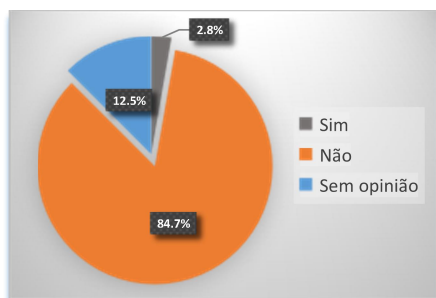


Gráfico 13: Caracterização da amostra quanto à assistência/participação relativamente a uma possível substituição do touro nas práticas tauromáquicas por um robot (frequência relativa, n= 903)

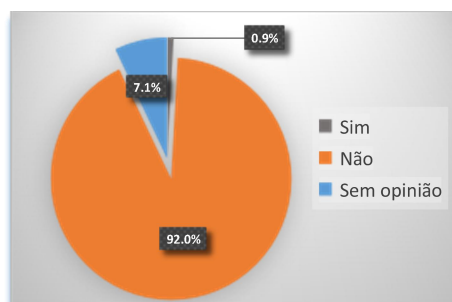


Gráfico 14: Caracterização da amostra quanto à assistência/participação relativamente a uma possível substituição do touro nas práticas tauromáquicas por outro animal, por exemplo um cão (frequência relativa, n= 903)

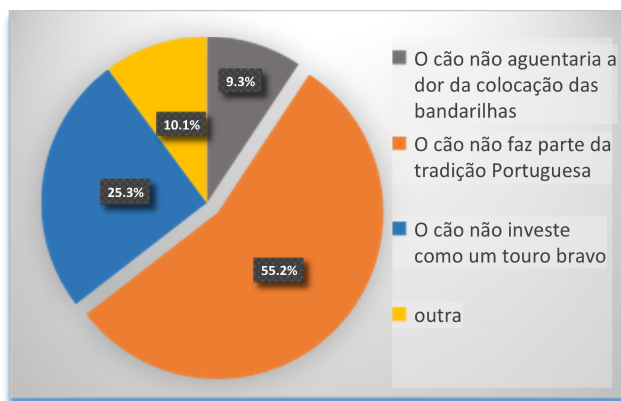


Gráfico 15: Caracterização da amostra quanto à razão apontada para não assistência/participação em espetáculos tauromáquicos caso o touro fosse substituído por outro animal, por exemplo um cão (frequência relativa, n= 375)

### 3.1.3 Caracterização da amostra quanto à opinião pessoal e percepção de conhecimento relativamente a algumas características dos espetáculos tauromáquicos

#### a) Opinião sobre a perigosidade da prática do espetáculo tauromáquico para animais, praticantes e/ou espetadores

A maior parte dos inquiridos considera a prática de espetáculos tauromáquicos perigosa conforme se visualiza no gráfico 16. Destes, a maioria considera que o elemento que se encontra mais exposto ao perigo é o touro (29,3%, n=2153/7330), seguindo-se o forçado (21,8%, n= 1602/7330), conforme gráfico 19.

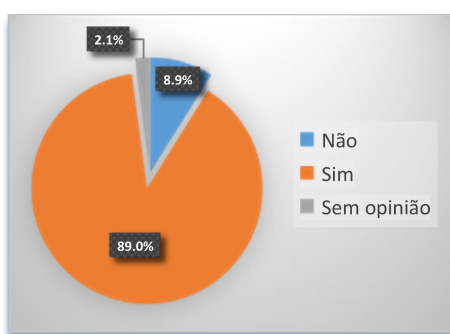


Gráfico 16: Caracterização da amostra quanto à opinião sobre a perigosidade dos espetáculos tauromáquicos para animais, praticantes e/ou espetadores (frequência relativa, n= 8377)

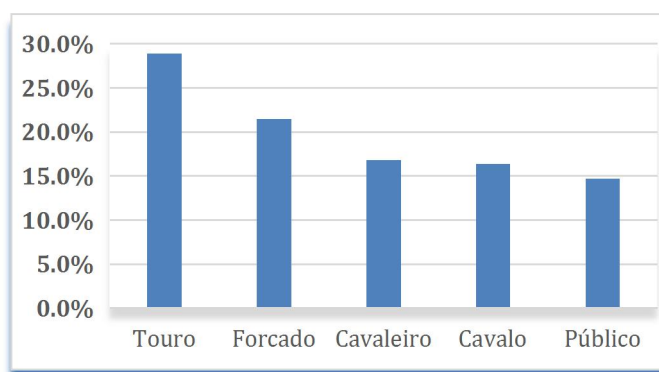


Gráfico 17: Caracterização da amostra quanto à opinião sobre que elemento consideram estar mais exposto ao perigo nos espetáculos tauromáquicos (frequência relativa, n= 7330)

**b) Opinião sobre a possibilidade de sentirem dor: o touro aquando da colocação das bandarilhas e o cavalo quando acidentalmente é ferido pelo touro, em corridas de touros**

O gráfico 18 revela que a maior parte dos inquiridos considera que o touro sente dor aquando da colocação das bandarilhas e o gráfico 19 revela que a maioria também considera que o cavalo sente dor quando acidentalmente é ferido pelo touro em corridas de touros.

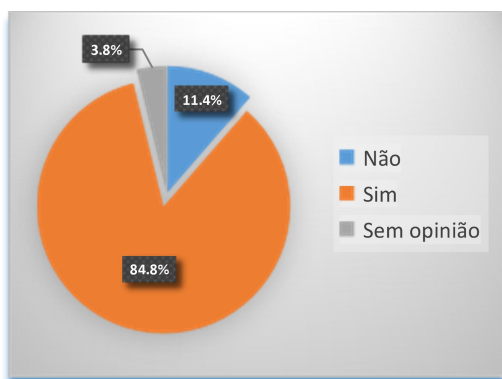


Gráfico 18: Caracterização da amostra quanto à opinião sobre a possibilidade do touro sentir dor aquando da colocação das bandarilhas em corridas de touros (frequência relativa, n= 8377)



Gráfico 19: Caracterização da amostra quanto à opinião sobre a possibilidade do cavalo sentir dor quando é ferido pelo touro em corridas de touros (frequência relativa, n= 8377)

**c) Opinião se ocorreria a extinção do touro bravo, caso não existissem espetáculos tauromáquicos**

O gráfico 20 elucida que a maior parte dos inquiridos defende que se os espetáculos tauromáquicos não existissem, não ocorreria a extinção do touro bravo.

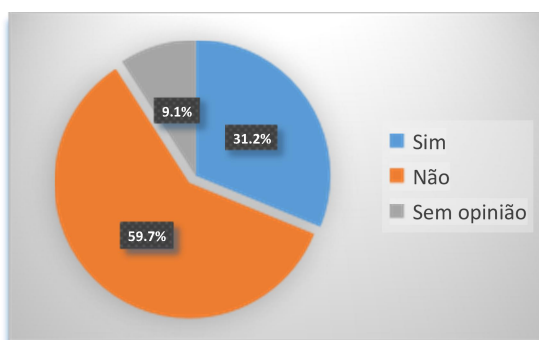


Gráfico 20: Caracterização da amostra quanto à opinião sobre a extinção do touro bravo caso não existissem espetáculos tauromáquicos (frequência relativa, n= 8377)

#### d) Opinião se consideram que a maior parte dos espetáculos tauromáquicos estão ligados a festas religiosas

Mais de metade dos inquiridos considera que a maior parte dos espetáculos tauromáquicos não estão ligados a festas religiosas, conforme se verifica no gráfico 21. Destes, a maioria defende, que grande parte destes espetáculos estão ligados a festas para as populações locais e apenas uma minoria considera estarem ligados com o intuito de angariação de fundos para entidades de solidariedade, conforme se visualiza no gráfico 22.

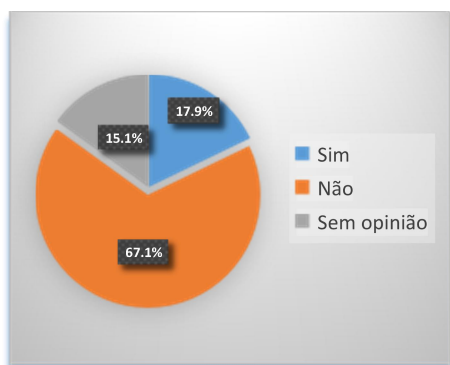


Gráfico 21: Caracterização da amostra quanto à opinião de ligação de espetáculos tauromáquicos a festas religiosas (frequência relativa, n= 8376)

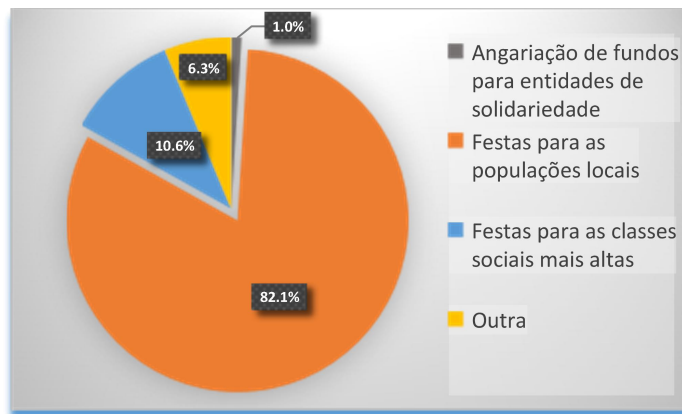


Gráfico 22: Caracterização da amostra que considera que os espetáculos tauromáquicos não estão ligados a festas religiosas (frequência relativa, n= 3905)

#### e) Opinião sobre o estado Português apoiar através de subsídios os espetáculos tauromáquicos

O gráfico 23 revela que a grande maioria dos inquiridos, não concorda que o estado português apoie através de subsídios os espetáculos tauromáquicos. Dos que concordam (24,2%, n= 2029/ 8377) e responderam, consideram que o estado português deve apoiar os espetáculos tauromáquicos através de subsídios maioritariamente porque é uma tradição nacional que deve ser mantida, conforme se verifica na tabela 2.

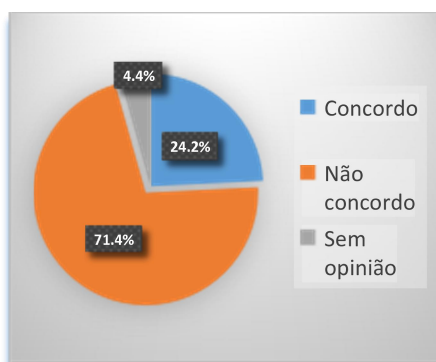


Gráfico 23: Caracterização da amostra quanto à opinião sobre o estado português apoiar através de subsídios os espetáculos tauromáquicos (frequência relativa, n= 8377)

Tabela 2: Caracterização da amostra quanto ao motivo de concordância de atribuição de subsídios por parte do estado Português a espetáculos tauromáquicos (frequência relativa, n= 710)

É uma tradição nacional que deve ser mantida	78,6%
São espetáculos artísticos e como tal devem receber apoio	8,1%
É um espetáculo para todas as classes sociais e como tal os subsídios permitem entradas mais baratas	3,0%
O estado recuperará o investimento feito nesses espetáculos, através dos impostos associados à venda dos bilhetes	3,0%
Os lucros provenientes desses espetáculos têm um fim solidário	0,6%
O estado tem dinheiro para apoiar todo o tipo de espetáculos nacionais	0,6%
Outra	6,1%

**f) Opinião sobre a importância ou contribuição da tauromaquia para a cultura, economia e turismo do país.**

O gráfico 24 ilustra que mais de metade dos inquiridos considera que a tauromaquia não é importante para a cultura do país, assim como a maior parte também considera que não contribui para a economia, nem para o turismo, visível nos gráficos 25 e 26 respetivamente.



Gráfico 24: Caracterização da amostra quanto à opinião sobre a importância da tauromaquia para a cultura (frequência relativa, n= 8377)

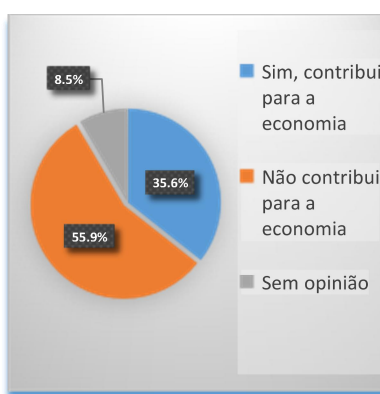


Gráfico 25: Caracterização da amostra quanto à opinião sobre a contribuição da tauromaquia para a economia (frequência relativa, n= 8376)

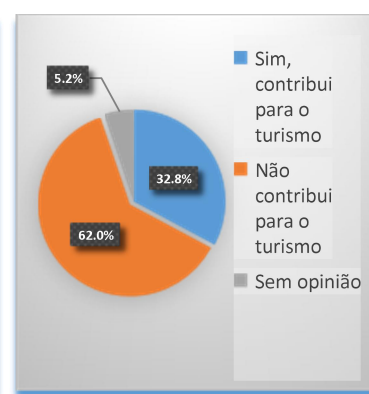


Gráfico 26: Caracterização da amostra quanto à opinião sobre a contribuição da tauromaquia para o turismo (frequência relativa, n= 8376)

### g) Opinião sobre a imagem que Portugal adquire com as práticas tauromáquicas

O gráfico 27 elucida que a maior parte dos inquiridos defende que Portugal não adquire uma conotação positiva com as práticas tauromáquicas.

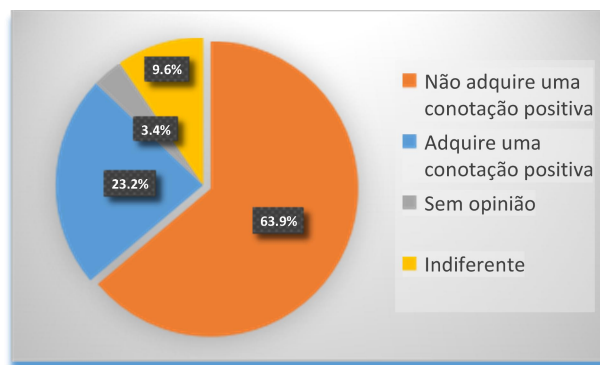


Gráfico 27: Caracterização da amostra quanto à opinião sobre a imagem que Portugal adquire com as práticas tauromáquicas (frequência relativa, n= 8377)

### h) Opinião sobre a continuação das práticas tauromáquicas em Portugal

O gráfico 28 ilustra que mais de metade dos inquiridos consideram que a prática tauromáquica não deve ser mantida em Portugal. Refere-se que dos que responderam que deveria ser mantida (30,4%, n=2548/8377), a grande maioria alega que faz parte de uma tradição portuguesa (96,8%, n=1365/1410) e dos que responderam que não deve ser mantida, a maioria alega questões relacionadas com o bem-estar animal (97,8%, n=3869/3957).



Gráfico 28: Caracterização da amostra quanto à opinião sobre a continuação das práticas tauromáquicas em Portugal (frequência relativa, n= 8377)

### k) Opinião sobre algumas tradições portuguesas

O gráfico 29 explana que a tradição portuguesa que os inquiridos mais valorizam são os santos populares (83,9%, n=7025/8376), sendo as que mais rejeitam a queima do Gato em

Vila Flor e igualmente a morte do touro em Barrancos, com igual percentagem (75,4%, n=6314/8375).

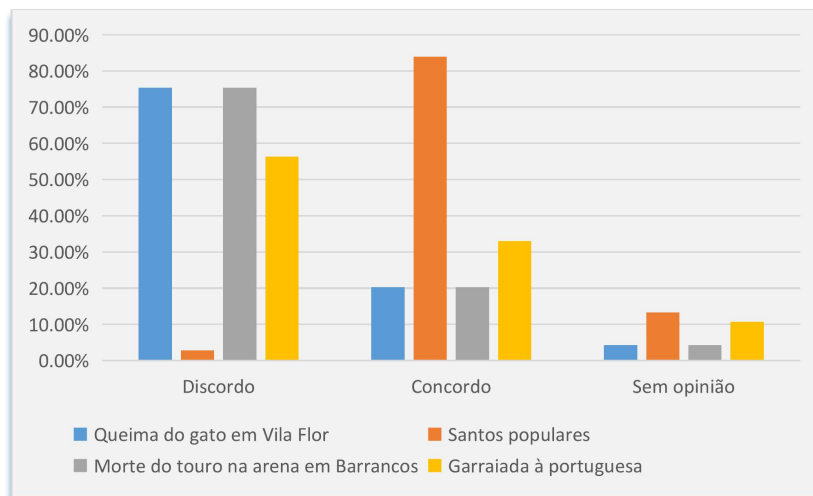


Gráfico 29: Caracterização da amostra quanto à opinião sobre algumas tradições portuguesas (frequência relativa, n= 8375 e n=8376)

**i) Perceção do conhecimento sobre a ordem de grandeza dos montantes anuais atribuídos aos espetáculos tauromáquicos**

A maior parte dos inquiridos (59,2%, n= 4961/8377) indicam não ter conhecimento sobre a ordem de grandeza dos montantes anuais atribuídos aos espetáculos tauromáquicos.

**j) Perceção do conhecimento sobre a utilização da maioria dos fundos adquiridos com os espetáculos tauromáquicos**

O gráfico 30 mostra que mais de metade dos inquiridos indicam não ter conhecimento/não ter opinião sobre a utilização da maioria dos fundos adquiridos com os espetáculos tauromáquicos.

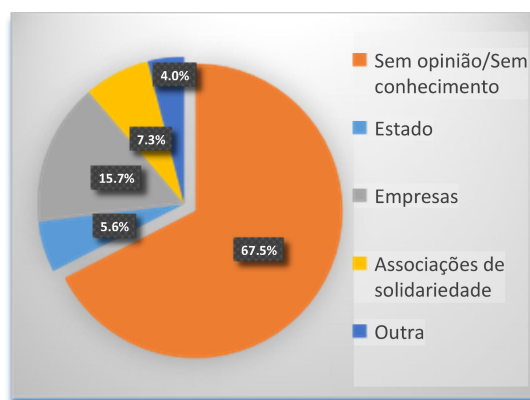


Gráfico 30: Caracterização da amostra quanto ao conhecimento sobre a utilização da maioria dos fundos adquiridos com os espetáculos tauromáquicos (frequência relativa, n= 8376)



### 3.2. Análise estatística inferencial

Nesta análise estatística pretendeu-se relacionar algumas variáveis que se considerou mais relevante, de acordo com os objetivos deste estudo, e avaliar eventuais relações entre elas por aplicação do teste chi-quadrado, para um nível de significância de 90% ( $p \leq 0,01$ ).

#### 3.2.1 Relação entre a participação/assistência no último ano a algum tipo de espetáculo tauromáquico:

##### a) com o género dos inquiridos

Por aplicação do teste chi-quadrado, verificou-se que existe uma relação estatisticamente significativa entre o género dos inquiridos e a participação/assistência no último ano em espetáculos tauromáquicos (chi-quadrado (1,  $n=8376$ ) = 391,350,  $p < 0,01$ ). Dos inquiridos que no último ano não assistiram ou participaram em algum tipo de espetáculo tauromáquico, a maioria são mulheres. O contrário também é válido, sendo que dos inquiridos que no último ano assistiram ou participaram a este tipo de espetáculos a maioria são homens com 55,8% ( $n=1345/2412$ ), sendo a classe maioritária de assistência.

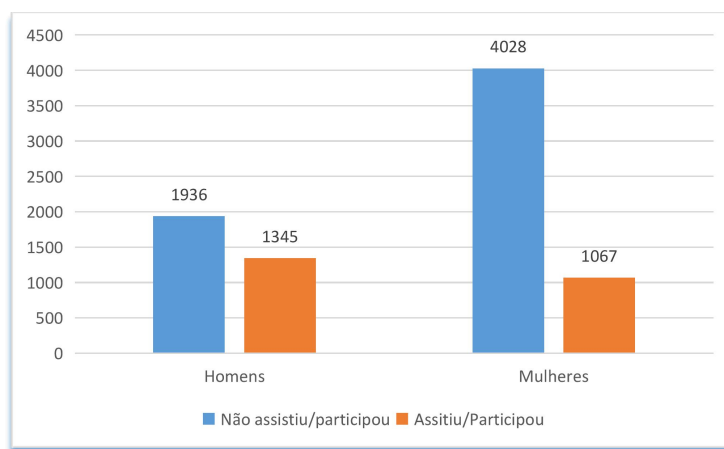


Gráfico 31: Relação entre o género dos inquiridos e a assistência/participação no último ano em algum tipo de espetáculo tauromáquico (frequência absoluta,  $n= 8376$ ).

##### b) com a idade:

De acordo com o teste chi-quadrado, verificou-se que existe uma relação significativa entre a idade dos inquiridos e a participação/assistência no último ano em espetáculos tauromáquicos, em que a proporção de não assistentes é crescente dos 18 anos até aos 47, faixa etária em que atinge 4 vezes mais do que a quantidade de assistentes (chi-

quadrado (1,  $n=8377$ ) = 377,869,  $p<0,01$ ). Verifica pelo gráfico 32, que a classe etária mais jovem é a classe maioritária de assistência no último ano, decaindo com o avanço da idade.

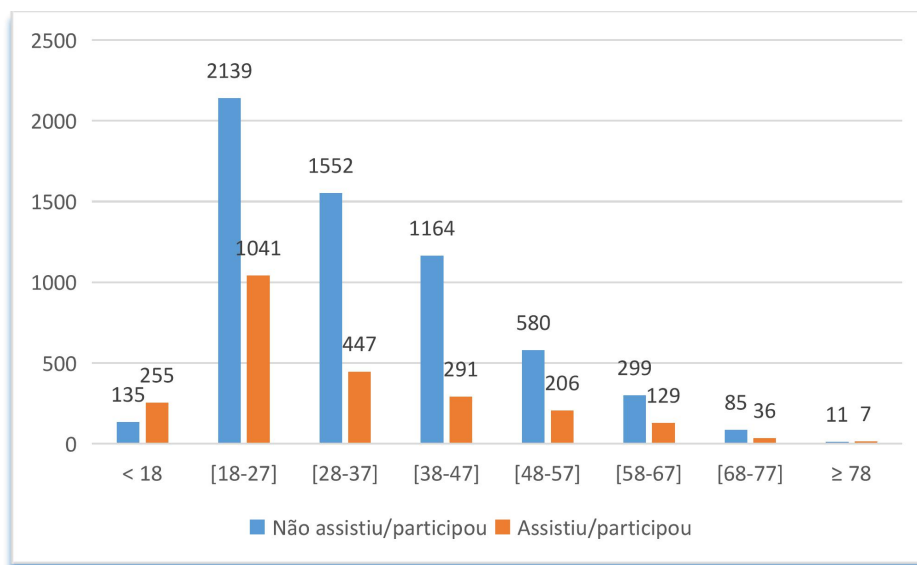


Gráfico 32: Relação entre a idade dos inquiridos e a assistência/participação no último ano em algum tipo de espetáculo tauromáquico (frequência absoluta,  $n= 8377$ ).

### c) com o meio ambiente de residência

São os inquiridos que no último ano não assistiram ou participaram em algum tipo de espetáculo tauromáquico a residirem maioritariamente em meio urbano (78,4%,  $n=4674/5960$ ), com um teste de chi-quadrado estatisticamente significativo (chi-quadrado (1,  $n=8372$ ) = 124,141,  $p<0,01$ ).

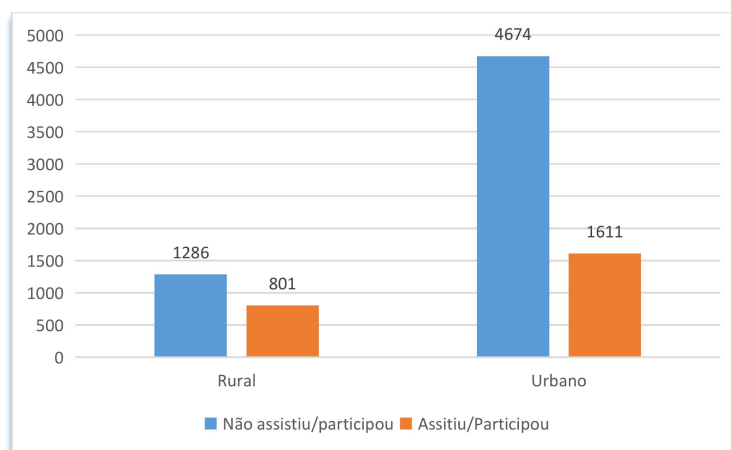


Gráfico 33: Relação entre o meio de residência dos inquiridos e a assistência/participação no último ano em algum tipo de espetáculo tauromáquico (frequência absoluta,  $n= 8372$ ).

#### d) com o concelho dos inquiridos nos questionários distribuídos presencialmente

Nos questionários distribuídos presencialmente, os que no último ano mais assistiram ou participaram em algum tipo de espetáculos tauromáquicos são os pertencentes aos concelhos de Barrancos (26,5%, n= 9/34) e Vila Franca de Xira (23,5%, n=8/34). Por outro lado, verifica-se que dos inquiridos que no último ano não assistiram nem participaram neste tipo de espetáculos pertencem maioritariamente ao distrito do Porto (19,1%, n=18/94). O teste chi-quadrado sugere que existe uma relação significativa entre os concelhos visitados e os inquiridos que no último ano assistiram ou participaram em algum tipo de espetáculo tauromáquico (chi-quadrado (12, n=130) 0 43,608,  $p < 0,01$ ).

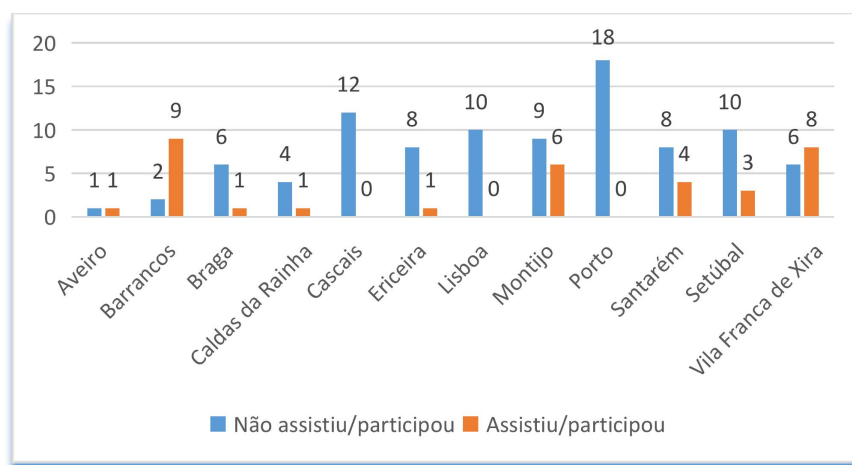


Gráfico 34: Relação entre a localidade e a assistência/participação no último ano em algum tipo de espetáculo tauromáquico (frequência absoluta, n= 130).

#### e) com a opinião sobre a perigosidade da prática do espetáculo tauromáquico para animais, praticantes e/ou espetadores

O teste chi-quadrado sugere que existe uma relação estatisticamente significativa entre a opinião sobre a perigosidade dos espetáculos tauromáquicos e os inquiridos que no último ano assistiram ou participaram em algum tipo de espetáculo tauromáquico (chi-quadrado (2, n=8377) = 1584,478,  $p < 0,01$ ). São a grande maioria dos inquiridos que no último ano não participaram ou assistiram a espetáculos tauromáquicos, a considerarem os espetáculos tauromáquicos perigosos (97,5%, n= 5816/5965).

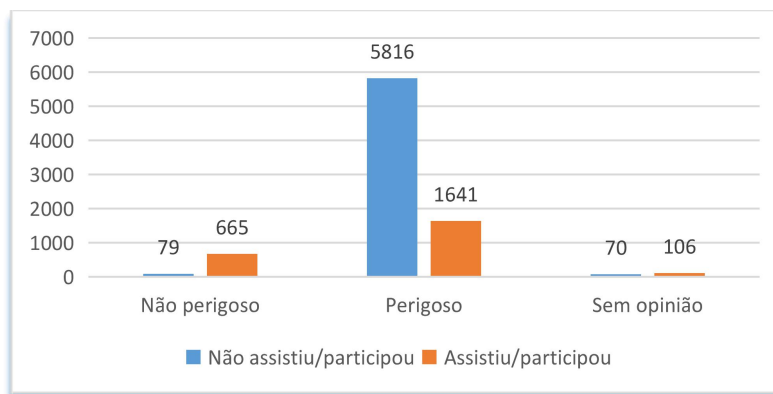


Gráfico 35: Relação entre a opinião sobre a perigosidade do espetáculo tauromáquico e a assistência/participação no último ano em algum tipo de espetáculo tauromáquico (frequência absoluta, n= 8377).

**f) com a opinião sobre o touro poder sentir dor aquando da colocação das bandarilhas em corridas de touros**

O teste chi-quadrado sugere que existe uma relação significativa entre a opinião sobre o facto do touro sentir dor, com os inquiridos que no último ano assistiram ou participaram em algum tipo de espetáculo tauromáquico ( $\chi^2(2, n=8377) = 2745,591, p < 0,01$ ). Pelo gráfico 36, verifica-se que são a maioria dos inquiridos que no último ano não assistiram ou participaram em algum tipo de espetáculo tauromáquico, a considerarem que o touro sente dor aquando da colocação das bandarilhas em corridas de touros (97,8%, n= 5833/5965). Contudo, entre os inquiridos que no último ano, assistiram ou participaram neste tipo de espetáculos, a maioria também considera a possibilidade do touro sentir dor nas referidas condições, embora que em muito menor percentagem (52,6%, n=1268/2412).

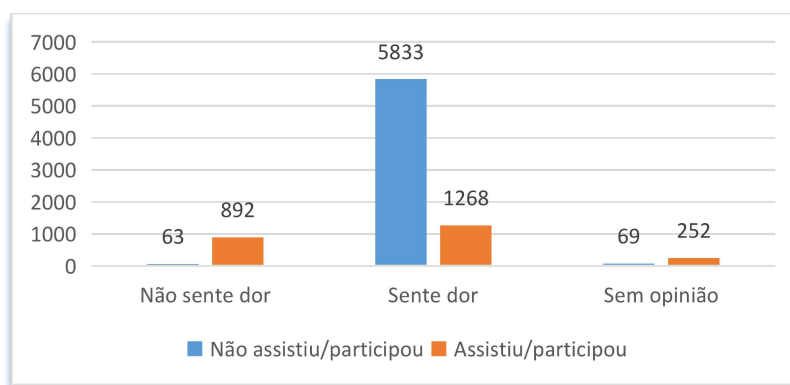


Gráfico 36: Relação entre a opinião sobre a possibilidade do touro sentir dor aquando da colocação das bandarilhas e a assistência/participação no último ano em algum tipo de espetáculo tauromáquico (frequência absoluta, n= 8377)

**g) com a opinião sobre o cavalo poder sentir dor quando é ferido acidentalmente numa corrida de touros**

O teste chi-quadrado sugere que existe uma relação significativa entre a opinião sobre o facto de o cavalo sentir dor, com os inquiridos que no último ano assistiram ou participaram em algum tipo de espetáculo tauromáquico (chi-quadrado (2, n=8377) = 1098,615,  $p < 0,01$ ). No gráfico 37 é possível verificar que à semelhança da alínea anterior, são a maioria dos inquiridos que no último ano não assistiram ou participaram em algum tipo de espetáculo tauromáquico, a considerarem que o cavalo sente dor quando acidentalmente é ferido em corridas de touros (99,2%, n=5919/5965). Contudo, entre os inquiridos que no último ano, assistiram ou participaram a este tipo de espetáculos, a maioria também considera a possibilidade do cavalo sentir dor nas referidas condições, embora em menor percentagem (79,6%, n=1921/2412).

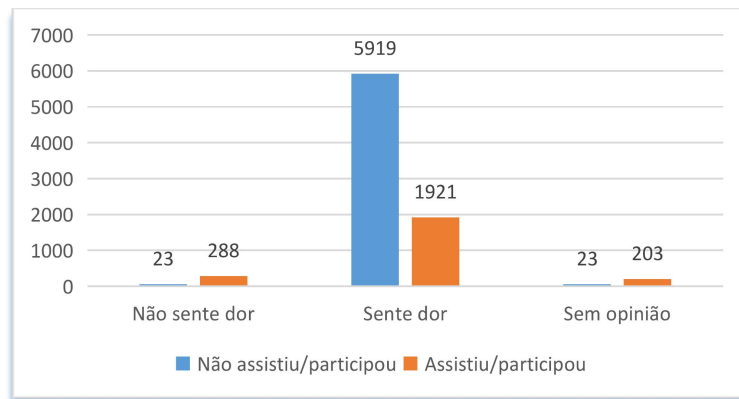


Gráfico 37: Relação entre a opinião sobre a possibilidade de o cavalo sentir dor quando acidentalmente ferido e a assistência/participação no último ano em algum tipo de espetáculo tauromáquico (frequência absoluta, n= 8377).

**h) com a opinião sobre se os espetáculos tauromáquicos não existissem se ocorreria a extinção do touro bravo**

O teste chi-quadrado sugere que existe uma relação significativa entre a opinião sobre a extinção do touro bravo, caso os espetáculos tauromáquicos não existissem, com os inquiridos que no último ano assistiram ou participaram em algum tipo de espetáculo tauromáquico (chi-quadrado (2, n=8377) = 4992,604,  $p < 0,01$ ). São a maioria dos inquiridos que no último ano não assistiram, nem participaram em espetáculos tauromáquicos, os que mais consideram que se as touradas não existissem, não ocorreria a extinção do touro bravo (79,9%, n=4769/5965). Contrariamente, os que assistiram ou participaram em espetáculos tauromáquicos no último ano consideram que ocorreria a extinção do touro bravo (87,3%, n=2107/2412).

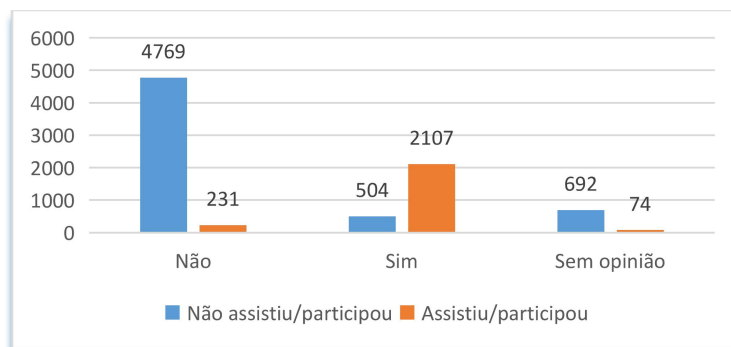


Gráfico 38: Relação entre a opinião sobre se as touradas não existissem se ocorreria a extinção do touro bravo e a assistência/ participação no último ano em algum tipo de espetáculo tauromáquico (frequência absoluta, n= 8377).

**i) com a opinião sobre se o estado português deve apoiar através de subsídios os espetáculos tauromáquicos**

O teste chi-quadrado sugere que existe uma relação significativa entre a opinião se o estado português deve apoiar com subsídios os espetáculos tauromáquicos, com os inquiridos que no último ano assistiram ou participaram em algum tipo de espetáculo tauromáquico (chi-quadrado (2, n=8377) = 5815,980,  $p < 0,01$ ). São os inquiridos que no último ano não assistiram, nem participaram em espetáculos tauromáquicos, que maioritariamente não concordam com apoios através de subsídios para os referidos espetáculos, por parte do estado português (94,9%, n=5662/5965). A maior parte dos inquiridos que no último ano assistiram ou participaram a espetáculos tauromáquicos, concorda com este apoio (78,3%, n=1888/2412).

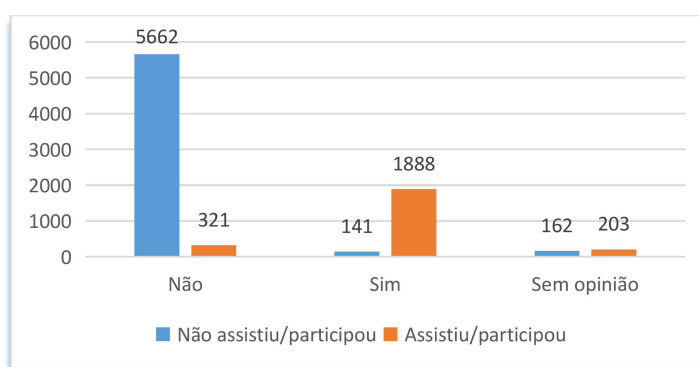


Gráfico 39: Relação entre a opinião sobre se o estado português deve apoiar através de subsídios os espetáculos tauromáquicos e a assistência/participação no último ano em algum tipo de espetáculo tauromáquico (frequência absoluta, n= 8377).

**j) com a opinião se considera que a prática tauromáquica é importante para a cultura do País**

O teste chi-quadrado sugere que existe uma relação significativa entre a opinião sobre a influência da prática tauromáquica para a cultura do País, com os inquiridos que no

último ano assistiram ou participaram em algum tipo de espetáculo tauromáquico (chi-quadrado (2, n=8377) = 6528,196, p<0,01). Assim, verifica-se no gráfico 40 que são os inquiridos que no último ano não assistiram, nem participaram em espetáculos tauromáquicos, que maioritariamente consideram que a prática tauromáquica não contribui para a cultura do País (92,8%, n=5534/5965). Dos que no último ano participaram ou assistiram a espetáculos tauromáquicos, consideram maioritariamente que a referida prática contribui para a cultura do País (93,6%, n=2257/2412).

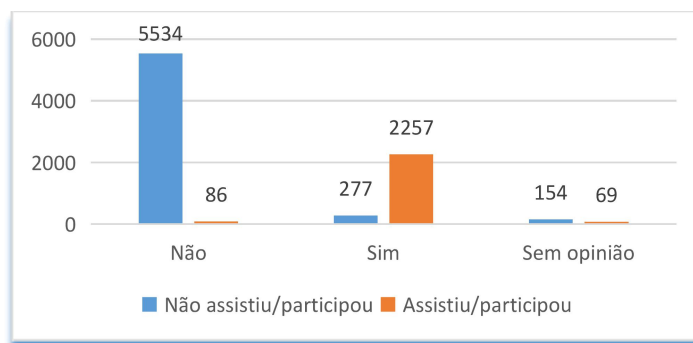


Gráfico 40: Relação entre a opinião sobre se a prática tauromáquica é importante para a cultura do País e a assistência/participação no último ano em algum tipo de espetáculo tauromáquico (frequência absoluta, n= 8377).

#### **k) com a opinião de que a prática tauromáquica em Portugal contribui para a economia**

O teste chi-quadrado sugere que existe uma relação significativa entre a opinião sobre a contribuição da prática tauromáquica em Portugal para a economia, com os inquiridos que no último ano assistiram ou participaram em algum tipo de espetáculo tauromáquico (chi-quadrado (2, n=8376) = 4449,195, p<0,01). Verifica-se que são os inquiridos que no último ano não assistiram, nem participaram em espetáculos tauromáquicos, que maioritariamente consideram que a prática tauromáquica em Portugal não contribui para a economia (76,5%, n=4563/5964). Dos que no último ano assistiram ou participaram em espetáculos tauromáquicos, consideram maioritariamente que a referida prática contribui para a economia (90,1%, n=2174/2412).

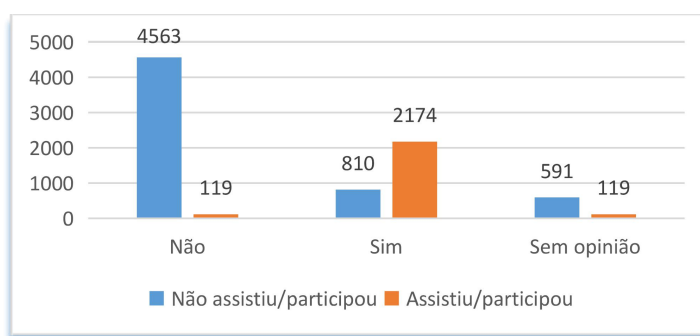


Gráfico 41: Relação entre a opinião sobre se a prática tauromáquica em Portugal contribui para a economia e a assistência/participação no último ano em algum tipo de espetáculo tauromáquico (frequência absoluta, n= 8376).

### **l) com a opinião se considera que a prática tauromáquica em Portugal contribui para o turismo**

O teste chi-quadrado sugere que existe uma relação significativa entre a opinião sobre a contribuição para o turismo com a prática tauromáquica em Portugal, com os inquiridos que no último ano assistiram ou participaram em algum tipo de espetáculo tauromáquico ( $\chi^2(2, n=8376) = 5386,362, p<0,01$ ). Assim, verifica-se que a grande maioria dos inquiridos que no último ano não assistiram, nem participaram em espetáculos tauromáquicos, consideram que a prática tauromáquica em Portugal não contribui para o turismo (84,9%, n=5067/5964). Dos que participaram ou assistiram, a maioria considera que a referida prática contribui para o turismo (91,8%, n=2214/2412).

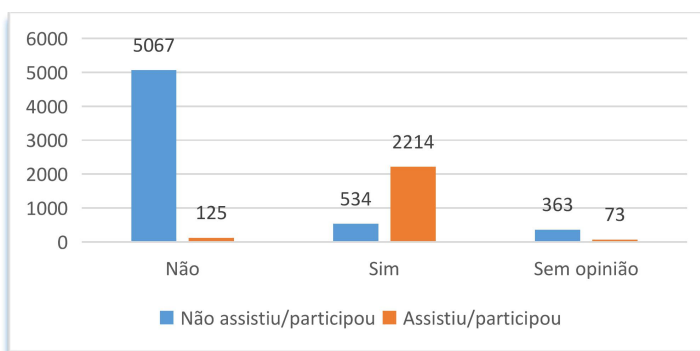


Gráfico 42: Relação entre a opinião sobre se a prática tauromáquica em Portugal contribui para o turismo e a assistência/participação no último ano em algum tipo de espetáculo tauromáquico (frequência absoluta, n= 8376).



**m) com a opinião se os inquiridos consideram que Portugal adquire uma conotação positiva com a prática da tauromaquia**

O teste chi-quadrado sugere que existe uma relação significativa entre a opinião sobre Portugal adquirir uma conotação positiva com a prática tauromáquica, com os inquiridos que no último ano assistiram ou participaram em algum tipo de espetáculo tauromáquico (chi-quadrado (3, n=8377) = 5855,833,  $p < 0,01$ ). É a grande maioria dos inquiridos que no último ano não assistiram, nem participaram em espetáculos tauromáquicos, que consideram que Portugal não adquire uma conotação positiva com a prática tauromáquica (87,8%, n=5235/5965). Contudo, dos que assistiram ou participaram, a maioria considera que sim (74,5%, n=1796/2412).

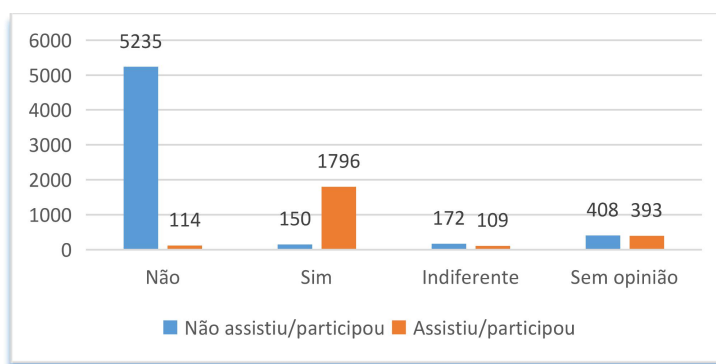


Gráfico 43: Relação entre a opinião sobre se Portugal adquire uma conotação positiva com a prática tauromáquica e a assistência/participação no último ano em algum tipo de espetáculo tauromáquico (frequência absoluta, n= 8377).

**n) com a opinião se os inquiridos consideram que a prática da tauromaquia deve ser mantida em Portugal**

O teste chi-quadrado sugere que existe uma relação significativa entre a opinião sobre a manutenção das práticas tauromáquicas em Portugal, com os inquiridos que no último ano assistiram ou participaram em algum tipo de espetáculo tauromáquico (chi-quadrado (2, n=8377) = 6828,734,  $p < 0,01$ ). São a maioria dos inquiridos que no último ano não assistiram, nem participaram em espetáculos tauromáquicos a considerar que as práticas tauromáquicas não devem ser mantidas em Portugal (92,7%, n=5527/5965).

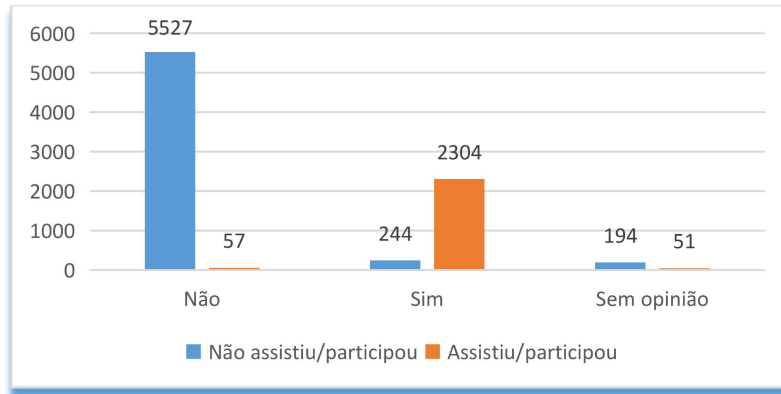


Gráfico 44: Relação entre a opinião sobre se a prática tauromáquica em Portugal deve ser mantida e a assistência/participação no último ano em algum tipo de espetáculo tauromáquico (frequência absoluta, n= 8377).

### **3.2.2 Relação entre a opinião sobre se a prática tauromáquica deve ser mantida em Portugal:**

Por uma questão de simplificação na apresentação destes resultados, na exposição das relações seguintes não são apresentados os valores de inquiridos que manifestou não ter opinião (proporção muito pequena) sobre a manutenção da prática tauromáquica em Portugal. Ressalva-se que tal não teve qualquer interferência nos testes estatísticos realizados, mantendo-se, portanto, a validade das relações estimadas.

#### **a) com a idade**

O teste chi-quadrado sugere que existe uma relação significativa entre a idade e a opinião sobre a manutenção da prática tauromáquica em Portugal (chi-quadrado (14, n=8377) = 322,298,  $p < 0,01$ ), pelo que o gráfico 45 ilustra que os inquiridos que consideram que a prática tauromáquica não deve ser mantida em Portugal, são na maioria de idade compreendida entre os 18 e os 27 anos (36,3%, n=2026/5584). Esta é também a faixa etária dos inquiridos que consideram que as referidas práticas devem ser mantidas (41,2%, n=1049/2548).

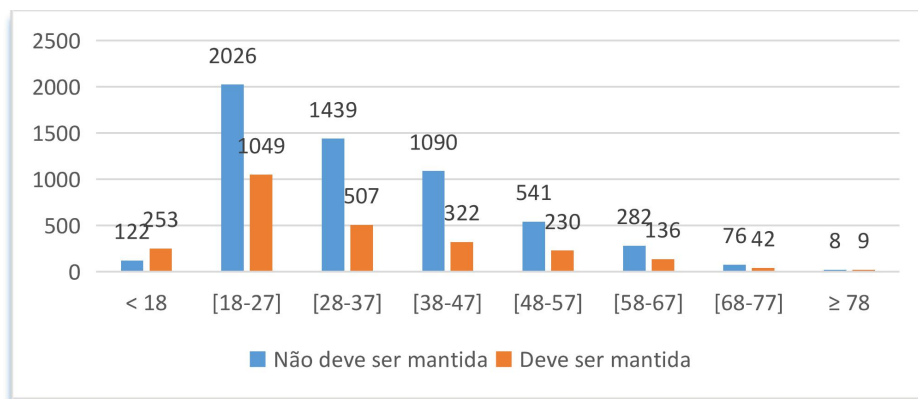


Gráfico 45: Relação entre a idade e a opinião sobre a manutenção da prática tauromáquica em Portugal (frequência absoluta, n= 8377).

**b) com o género**

O teste chi-quadrado sugere uma relação significativa entre o género e a opinião sobre se a prática tauromáquica deve ser mantida em Portugal (chi-quadrado (2, n=8376) = 510,509,  $p < 0,01$ ), pelo que o gráfico 46, explana que a maioria das mulheres considera que a prática tauromáquica não deve ser mantida em Portugal (77,9%, n=3866/4960), revelando uma influência entre género na opinião se a prática tauromáquica deve ser mantida.

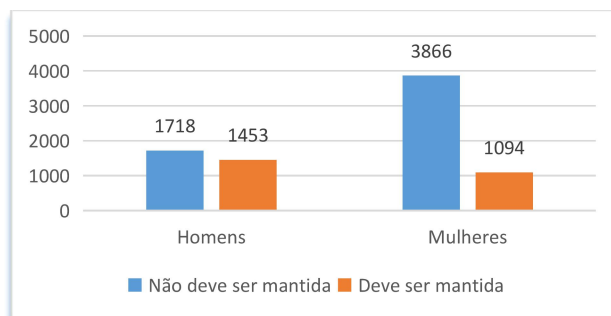


Gráfico 46: Relação entre o género e a opinião sobre a manutenção da prática tauromáquica em Portugal (frequência absoluta, n= 8376).

**c) com o nível de escolaridade**

O teste chi-quadrado sugere que existe uma relação significativa entre o nível de escolaridade e a opinião sobre a manutenção da prática tauromáquica em Portugal (chi-quadrado (6, n=837) = 78,402,  $p < 0,01$ ). É entre os indivíduos com grau de escolaridade superior que é maior o número de inquiridos que consideram que a prática tauromáquica não deve ser mantida em Portugal (71,1%, n=4003/5626).

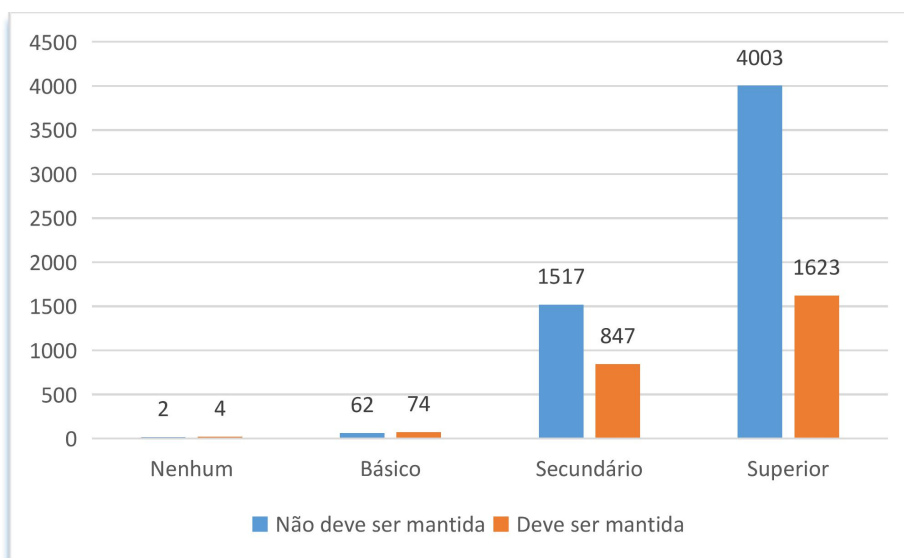


Gráfico 47: Relação com o nível de escolaridade e a opinião sobre a manutenção da prática tauromáquica em Portugal (frequência absoluta, n= 837).

**d) com a opinião sobre o touro poder sentir dor aquando da colocação das bandarilhas em corridas de touros**

O teste chi-quadrado sugere que existe uma relação significativa entre a opinião sobre a possibilidade de o touro sentir dor aquando da colocação das bandarilhas, com a opinião dos inquiridos sobre a continuação das práticas tauromáquicas em Portugal (chi-quadrado (4, n=8377) = 3095,704,  $p < 0,01$ ). Assim, verifica-se pelo gráfico 48, que quase a totalidade dos inquiridos que consideram que a prática tauromáquica não deve ser mantida em Portugal, defendem que o touro sente dor aquando da colocação das bandarilhas em corridas de touros (99,5%, n=5555/5584). Contudo, numa dimensão muito menor, ainda assim, os inquiridos que consideram que as práticas tauromáquicas devem ser mantidas em Portugal, declaram a possibilidade de o touro sentir dor aquando da colocação das bandarilhas (52,1%, n=1327/2548).

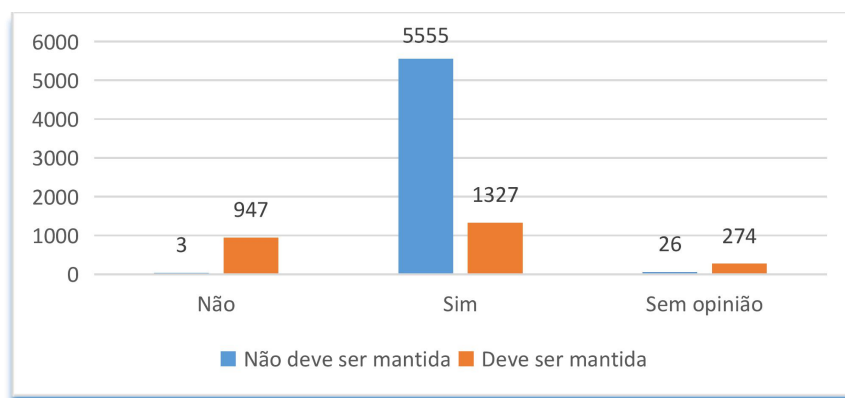


Gráfico 48: Relação entre a opinião se o touro sente dor aquando da colocação das bandarilhas em corridas de touros e a opinião sobre a manutenção da prática tauromáquica em Portugal (frequência absoluta, n= 8377).

**e) com a opinião sobre o cavalo poder sentir dor quando acidentalmente é ferido em corridas de touros**

O teste chi-quadrado sugere que existe uma relação significativa entre a opinião sobre a possibilidade de o cavalo sentir dor quando acidentalmente é ferido, com a opinião dos inquiridos sobre a continuação das práticas tauromáquicas em Portugal (chi-quadrado (4, n=8377) = 1165,952,  $p < 0,01$ ). De forma semelhante, o gráfico 49 elucida que são maioritariamente os inquiridos que consideram que a prática tauromáquica não deve ser mantida em Portugal, a defenderem a possibilidade de o cavalo sentir dor quando acidentalmente é ferido em corridas de touros (99,7%, n=5570/5584). Contudo, também numa dimensão menor, ainda assim, os inquiridos que consideram que as práticas tauromáquicas devem ser mantidas em Portugal, declaram a possibilidade de o cavalo sentir dor nas condições referidas (79,8%, n=2034/2548).

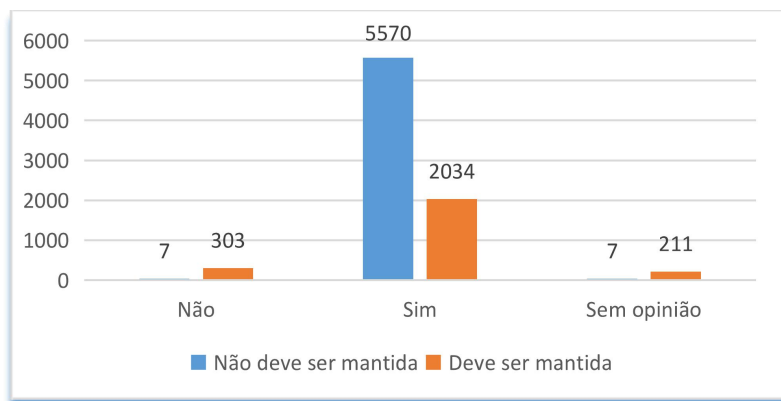


Gráfico 49: Relação entre a opinião se o cavalo sente dor quando acidentalmente é ferido em corridas de touros e a opinião sobre a manutenção da prática tauromáquica em Portugal (frequência absoluta, n= 8377).

**f) com o motivo de ter deixado de assistir ou participar a espetáculos tauromáquicos, há mais de um ano**

O teste chi-quadrado sugere que existe uma relação significativa entre o motivo de deixar de assistir/participar, com a opinião dos inquiridos sobre a manutenção das práticas tauromáquicas em Portugal (chi-quadrado (4, n=1663) = 484,225,  $p < 0,01$ ). Assim, pelo gráfico 50, observa-se que a grande maioria dos inquiridos que considera que a prática tauromáquica não deve ser mantida em Portugal, deixou de assistir ou participar em espetáculos tauromáquicos há mais de um ano por preocupação com o bem-estar animal (82,6%, n=1210/1464). Os que consideram que esta prática deve continuar, deixaram de assistir ou participar em espetáculos tauromáquicos há mais de um ano, maioritariamente por desinteresse (84,7%, n=83/98).

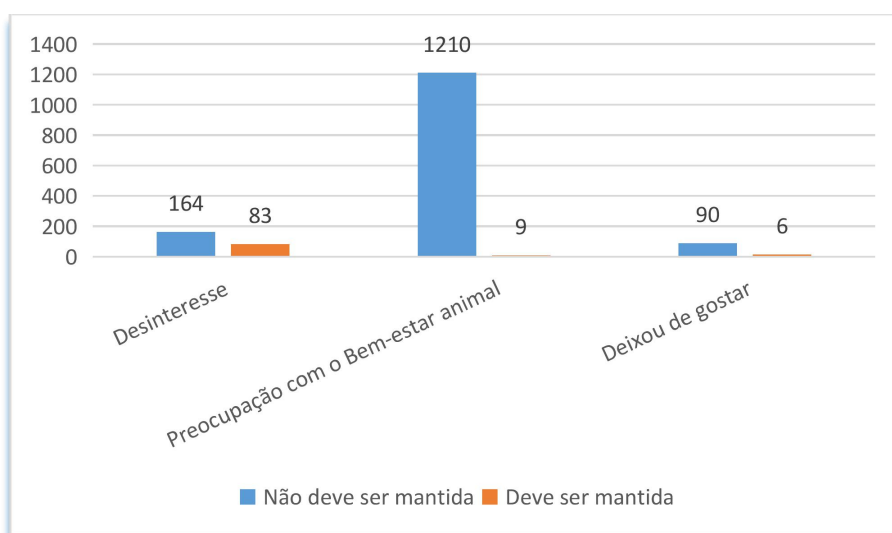


Gráfico 50: Relação entre o motivo de ter deixado de assistir/participar em espetáculos tauromáquicos e a opinião sobre a manutenção da prática tauromáquica em Portugal (frequência absoluta, n= 1663).

**g) com a opinião se os espetáculos tauromáquicos não existissem, se consideram que ocorreria a extinção do touro bravo**

O teste chi-quadrado sugere que existe uma relação significativa entre a opinião sobre a extinção do touro bravo, caso os espetáculos tauromáquicos deixassem de existir, com a opinião dos inquiridos sobre a continuação das práticas tauromáquicas em Portugal (chi-quadrado (4, n=8377) = 5620,799,  $p < 0,01$ ). Assim, o gráfico 51 elucida que são os inquiridos que consideram que a prática tauromáquica não deve ser mantida em Portugal, os que mais defendem que não ocorreria a extinção do touro bravo, caso as práticas tauromáquicas deixassem de existir (83,6%, n=4666/5584). Contudo, verifica-se que a maioria dos inquiridos que defendem que a prática tauromáquica deve ser mantida, são da opinião que ocorreria a extinção do touro bravo, caso as referidas práticas não existissem (87,7%, n=2235/2548).

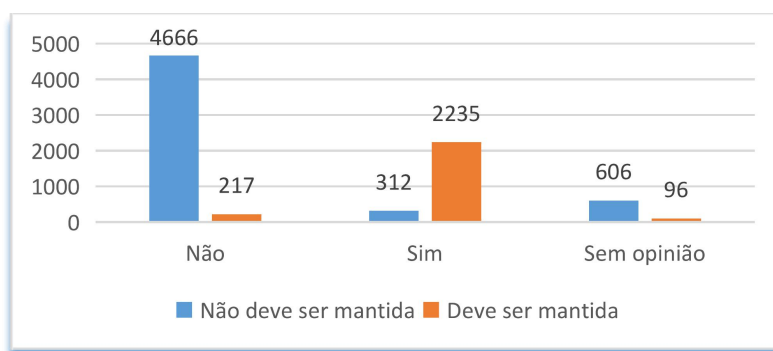


Gráfico 51: Relação entre a opinião se consideram a extinção do touro bravo caso as práticas tauromáquicas deixassem de existir e a opinião sobre a manutenção da prática tauromáquica em Portugal (frequência absoluta, n= 8377).

**h) com a opinião se os espetáculos tauromáquicos estão ligados a festas religiosas**

O teste chi-quadrado sugere que existe uma relação significativa entre a opinião sobre a ligação dos espetáculos tauromáquicos a festas religiosas, com a opinião dos inquiridos sobre a continuação das práticas tauromáquicas em Portugal (chi-quadrado (4, n=8376) = 472,578,  $p < 0,01$ ). São a maioria dos inquiridos que consideram que as práticas tauromáquicas não devem ser mantidas em Portugal, os que mais alegam que os espetáculos tauromáquicos não estão ligados a festas religiosas (68,6%, n=3833/5584) verificando-se uma proporção em certa medida inversa entre aqueles que consideram que as práticas tauromáquicas devem ser mantidas, declarando uma relação dos espetáculos tauromáquicos com festas religiosas.

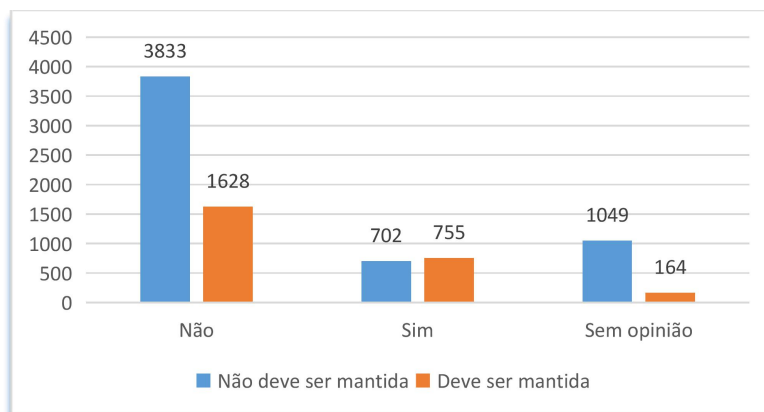


Gráfico 52: Relação entre a opinião se consideram a existência de uma ligação entre os espetáculos tauromáquicos com festas religiosas e a opinião sobre a manutenção da prática tauromáquica em Portugal (frequência absoluta, n= 8376).

**i) com a percepção do conhecimento sobre a ordem de grandeza dos montantes anuais atribuídos aos espetáculos tauromáquicos**

O teste chi-quadrado sugere que existe uma relação significativa entre as variáveis (chi-quadrado (2, n=8377) = 255,942,  $p < 0,01$ ). São os inquiridos que consideram que a tauromaquia não deve ser mantida em Portugal que maioritariamente indicam não ter conhecimentos sobre a ordem de grandeza dos montantes atribuídos aos espetáculos tauromáquicos (63,1%, n=3525/5584). Dos que consideram que deve ser mantida, a maioria percebe ter conhecimento da ordem de grandeza desses montantes (52,1%, n=1328/2548), conforme gráfico 53.

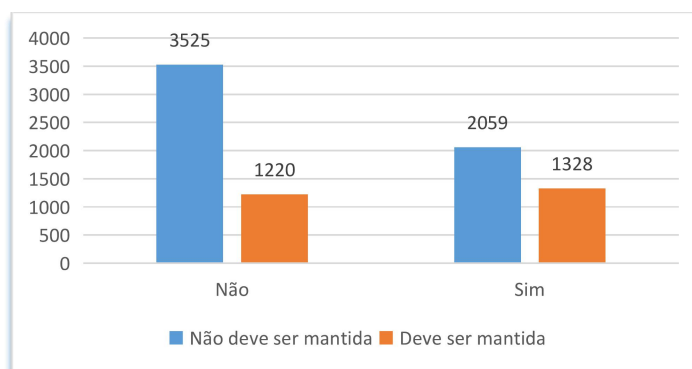


Gráfico 53: Relação entre o conhecimento sobre a ordem de grandeza dos montantes anuais atribuídos aos espetáculos tauromáquicos e a opinião sobre a manutenção da prática tauromáquica em Portugal (frequência absoluta, n= 8377).

**j) com a opinião sobre se concorda que o estado português apoie através de subsídios os espetáculos tauromáquicos**

O teste chi-quadrado sugere que existe uma relação significativa entre a opinião sobre o apoio por parte do estado português através de subsídios para espetáculos

tauromáquicos, com a opinião dos inquiridos sobre a continuação das práticas tauromáquicas em Portugal (chi-quadrado (4,  $n=8377$ ) = 7070,746,  $p<0,01$ ). A maioria dos inquiridos que considera que as práticas tauromáquicas não devem ser mantidas em Portugal, não concorda que o estado português apoie através de subsídios os espetáculos tauromáquicos (98,7%,  $n=5511/5584$ ). Contudo, a maior parte dos inquiridos que consideram que as práticas tauromáquicas devem ser mantidas em Portugal, concordam com o referido apoio, embora em menor percentagem (78,6%,  $n=2003/2548$ ).

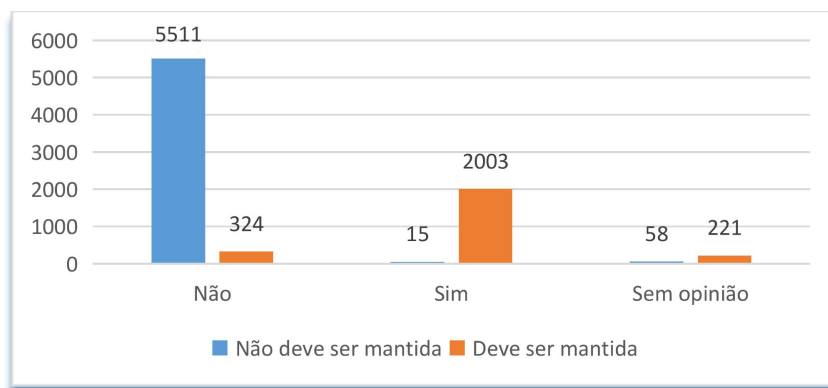


Gráfico 54: Relação entre a opinião se o estado português deve apoiar através de subsídios os espetáculos tauromáquicos e a opinião sobre a manutenção da prática tauromáquica em Portugal (frequência absoluta,  $n= 8377$ ).

#### **k) com a opinião se a prática tauromáquica é importante para a cultura do país**

O teste chi-quadrado sugere que existe uma relação significativa entre a opinião sobre a importância da prática tauromáquica para a cultura do país, com a opinião dos inquiridos sobre a continuação das práticas tauromáquicas em Portugal (chi-quadrado (4,  $n=8377$ ) = 9810,409,  $p<0,01$ ). O gráfico 55 explana que são os inquiridos que consideram que a prática tauromáquica não deve ser mantida em Portugal que mais defendem que a referida prática não é importante para a cultura do país (98,4%,  $n=5496/5584$ ). Contrariamente, dos inquiridos que consideram que a prática tauromáquica deve ser mantida em Portugal, a maioria considera que essa prática é importante para a cultura do país (95,9%,  $n=2444/2548$ ).



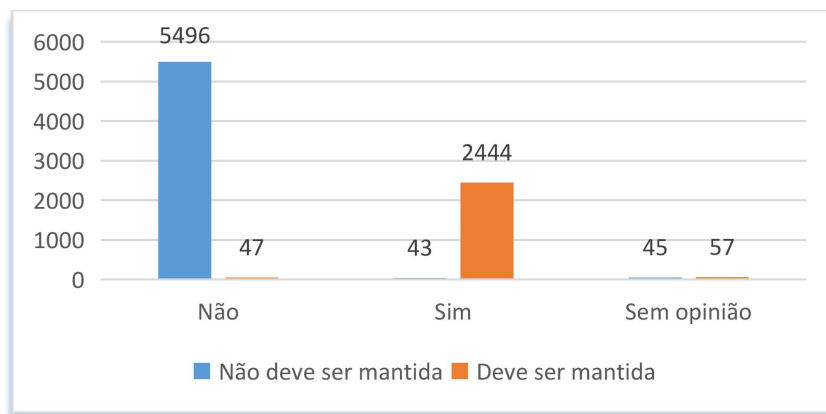


Gráfico 55: Relação entre a opinião se a prática tauromáquica é importante para a cultura do país e a opinião sobre a manutenção da prática tauromáquica em Portugal (frequência absoluta, n= 8377).

### I) com a opinião se a prática tauromáquica é importante para a economia

O teste chi-quadrado sugere que existe uma relação significativa entre a opinião sobre a importância da prática tauromáquica para a economia do país, com a opinião dos inquiridos sobre a continuação das práticas tauromáquicas em Portugal (chi-quadrado (4, n=8376) = 5233,653,  $p < 0,01$ ). Assim, é visível no gráfico 58 que a maioria dos inquiridos que considera que a prática tauromáquica não deve ser mantida em Portugal, defendem que a mesma não contribui para a economia (80,6%, n=4503/5584). Dos inquiridos que consideram que a prática tauromáquica deve ser mantida, a maioria também defende que essa prática contribui para a economia (91,1%, n=2321/2548).

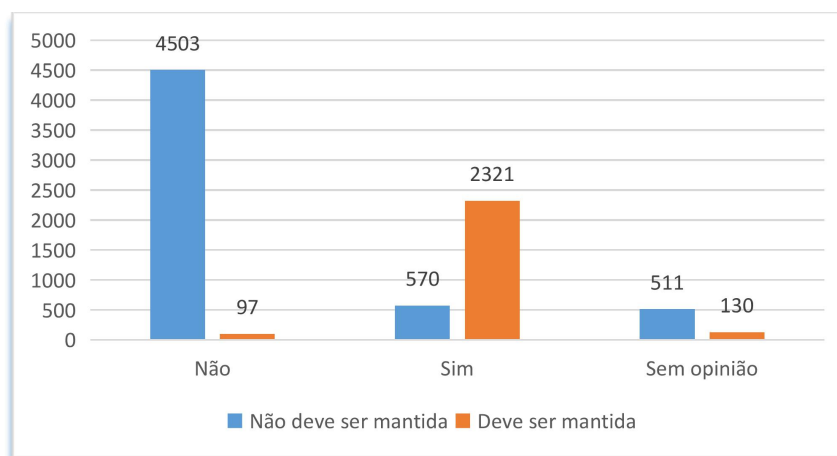


Gráfico 56: Relação entre a opinião se a prática tauromáquica em Portugal é importante para a economia e a opinião sobre a manutenção da prática tauromáquica em Portugal (frequência absoluta, n= 8376).

**m) com a opinião se a prática tauromáquica em Portugal é importante para o turismo**

O teste chi-quadrado sugere que existe uma relação significativa entre a opinião sobre a importância da prática tauromáquica para o turismo, com a opinião dos inquiridos sobre a continuação das práticas tauromáquicas em Portugal (chi-quadrado (4, n=8376) = 6328,677,  $p < 0,01$ ). Igualmente se verifica no gráfico 57 que a maioria dos inquiridos que considera que a prática tauromáquica não deve ser mantida em Portugal, também defendem que a referida prática não é importante para o turismo (89,3%, n=4987/5584). Contrariamente, dos inquiridos que consideram que as práticas tauromáquicas devem ser mantidas, a maioria também defende que as mesmas contribuem para o turismo (92,5%, n=2356/2548).

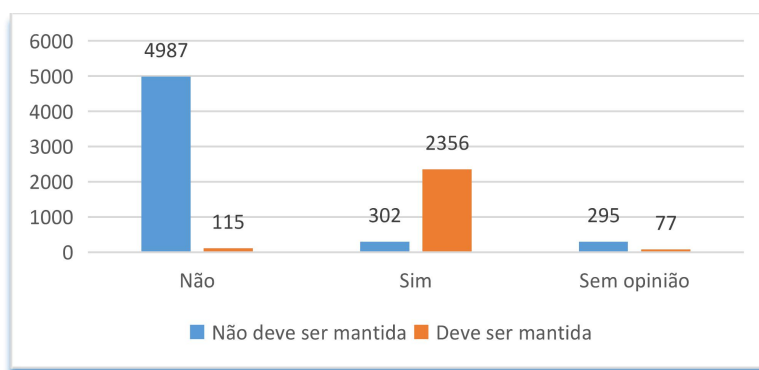


Gráfico 57: Relação entre a opinião se a prática tauromáquica em Portugal é importante para o turismo e a opinião sobre a manutenção da prática tauromáquica em Portugal (frequência absoluta, n= 8376).

**n) com a opinião se Portugal adquire uma conotação positiva com a prática da tauromaquia**

O teste chi-quadrado sugere que existe uma relação significativa entre a opinião se Portugal adquire uma conotação positiva com a prática tauromáquica, com a opinião dos inquiridos sobre a continuação das práticas tauromáquicas em Portugal (chi-quadrado (6, n=8376) = 7386,658,  $p < 0,01$ ). Assim, é visível pelo gráfico 58 que a grande maioria dos inquiridos que não concorda com a continuação da prática tauromáquica em Portugal, considera que o país não adquire uma conotação positiva com a referida prática (93,1%, n=5200/5584). Contudo, dos inquiridos que consideram que as referidas práticas devem ser mantidas, a maioria defende que Portugal adquire uma conotação positiva (74,0%, n=1887/2548).

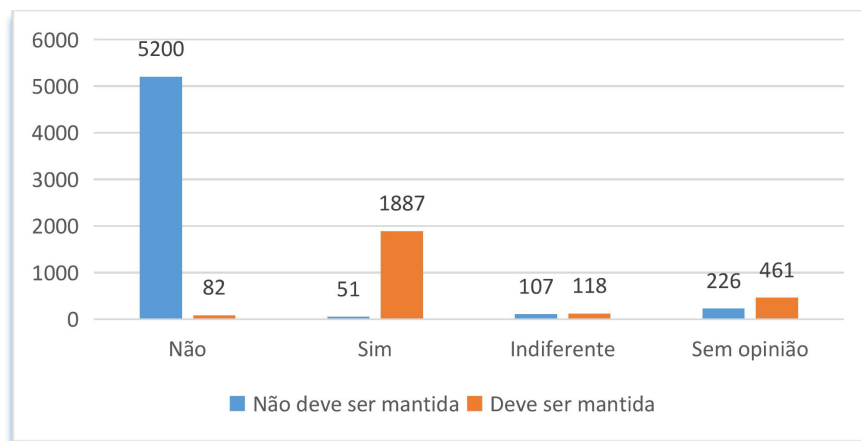


Gráfico 58: Relação entre a opinião se Portugal adquire uma conotação positiva com a prática da tauromaquia e a opinião sobre a manutenção da prática tauromáquica em Portugal (frequência absoluta, n= 8376).

### o) com familiar ligado diretamente à tauromaquia

O teste chi-quadrado sugere que existe uma relação significativa entre a existência de familiar ligado diretamente à tauromaquia, com a opinião dos inquiridos sobre a continuação das práticas tauromáquicas em Portugal (chi-quadrado (2, n=8377) = 1239,426,  $p < 0,01$ ). O gráfico 59 explicita que são a maior parte dos inquiridos que consideram que a prática tauromáquica não deve ser mantida em Portugal, a não terem familiares diretamente ligados à tauromaquia (94,8%, n=5292/5584). Note-se que dos inquiridos que têm familiares diretamente ligados à tauromaquia, a maioria é da opinião que a tauromaquia deve ser mantida em Portugal (75,1%, n=883/1175).

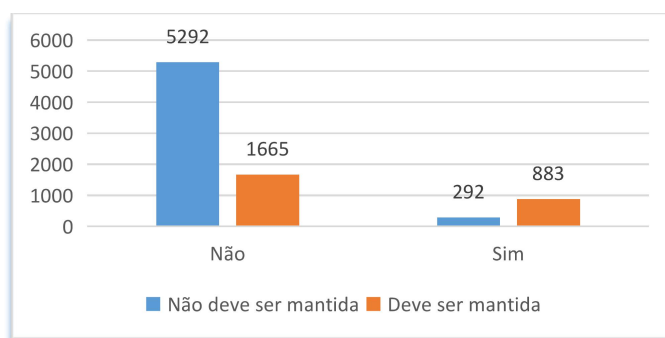


Gráfico 59: Relação com familiar ligado diretamente à tauromaquia e a opinião sobre a manutenção da prática tauromáquica em Portugal (frequência absoluta, n= 8377).

### 3.2.3 Caracterizações relativas à senciência

Para avaliar a perceção dos inquiridos relativamente à senciência de alguns animais e comparar com a opinião sobre a manutenção das práticas tauromáquicas, recorreu-se a testes

de variância ANOVA e testes post-hoc Tukey HSD, que permitem identificar diferenças significativas de variáveis quantitativas, para um nível de significância de 90% ( $p \leq 0,01$ ).

**a) Relação entre a perceção da capacidade de alguns animais sentirem dor e a opinião sobre a manutenção da prática tauromáquica.**

Nesta caracterização, para avaliação da perceção da dor pelos inquiridos, foram escolhidos alguns animais de forma aleatória e solicitada uma classificação independente de 1 a 5 (sendo 1 o menos provável sentir dor e 5 o mais provável).

A tabela 3 explana a média de classificação para cada animal na globalidade e agregada, para os grupos de inquiridos com diferentes respostas à questão “Considera que a prática da tauromaquia deve ser mantida em Portugal?”, considerando a perceção da dor por animal e por preferência. Verifica-se que a significância dos testes ANOVA em todos os animais, releva a existência de diferenças significativas consoante a preferência pela manutenção da tauromaquia. As maiores médias são apresentadas pelo grupo que considera que a tauromaquia não deve ser mantida em Portugal, sendo neste grupo o touro considerado ser a espécie mais suscetível à dor, igualando-se ao cão ( $\bar{X}=4,77$ ). O grupo que considera que a tauromaquia deve ser mantida em Portugal, apresenta as menores médias e valoriza o homem, como sendo mais suscetível à dor, revelado pela maior média ( $\bar{X}=4,05$ ).

Os testes post-hoc de Tukey realizados mostram que as diferenças são significativas em todos os animais, entre os 3 grupos, motivo pelo qual não são apresentados os valores de forma exaustiva.

Tabela 3: Valores médios, desvio padrão e testes ANOVA de perceção da dor por animal e por preferência comparativamente à manutenção da tauromaquia em Portugal.

Animal	Considera que a prática da tauromaquia deve ser mantida em Portugal?	Média	Desvio Padrão	ANOVA
<b>Bezerro</b>	Não	4,76	0,649	F (2,8365) = 2132,176, p <0,001
	Sim	3,28	1,400	
	Sem opinião	4,50	0,896	
	Total	4,30	1,165	
<b>Cão</b>	Não	4,77	0,648	F (2,8366) = 1057,633, p <0,001
	Sim	3,78	1,281	

Tabela 3: valores médios, desvio padrão e testes ANOVA de perceção da dor por animal e por preferência comparativamente à manutenção da tauromaquia em Portugal (continuação)

	Sem opinião	4,55	0,899	
	Total	4,46	1,002	
<b>Égua</b>	Não	4,76	0,644	F (2,8365) = 1737,989, p <0,001
	Sim	3,48	1,315	
	Sem opinião	4,53	0,848	
	Total	4,37	1,079	
<b>Elefante</b>	Não	4,74	0,685	F (2,8367) = 1790,521, p <0,001
	Sim	3,33	1,440	
	Sem opinião	4,43	0,955	
	Total	4,30	1,177	
<b>Golfinho</b>	Não	4,74	0,685	F (2,8367) = 1093,263, p <0,001
	Sim	3,62	1,310	
	Sem opinião	4,50	0,936	
	Total	4,40	1,059	
<b>Homem</b>	Não	4,69	0,811	F (2,8366) = 350,561, p <0,001
	Sim	4,06	1,252	
	Sem opinião	4,57	0,937	
	Total	4,49	1,012	
<b>Mosquito</b>	Não	3,61	1,513	F (2,8362) = 522,230, p <0,001
	Sim	2,42	1,592	
	Sem opinião	3,12	1,593	
	Total	3,24	1,633	
<b>Periquito</b>	Não	4,60	0,857	F (2,8364) = 1172,920, p <0,001
	Sim	3,33	1,476	
	Sem opinião	4,20	1,151	
	Total	4,20	1,234	
<b>Touro</b>	Não	4,77	0,631	F (2,8366) = 2747,058, p <0,001
	Sim	3,03	1,486	
	Sem opinião	4,45	0,944	
	Total	4,23	1,262	

O gráfico 60 permite uma outra visão dos mesmos dados, alinhando a perceção da dor por animal agregada em linhas consoante a preferência relativa à manutenção de tauromaquia em Portugal, sendo representados a azul os inquiridos que consideram que a prática

tauromáquica não deve ser mantida, a laranja que deve ser mantida e a cinzento os inquiridos que não apresentam opinião quanto a essa questão. Verifica-se uma menor valorização da perceção de dor para todos os grupos no caso do mosquito, assim como uma menor perceção da dor para todos os animais no caso dos inquiridos que defendem a manutenção da tauromaquia em Portugal (linha laranja). Neste grupo, constata-se ainda uma valorização quanto à perceção de dor relativamente ao homem, contrariamente aos inquiridos que consideram que a prática tauromáquica não deve ser mantida, em que não é o homem com maior valor médio, mas sim o touro, igualando-se ao cão.

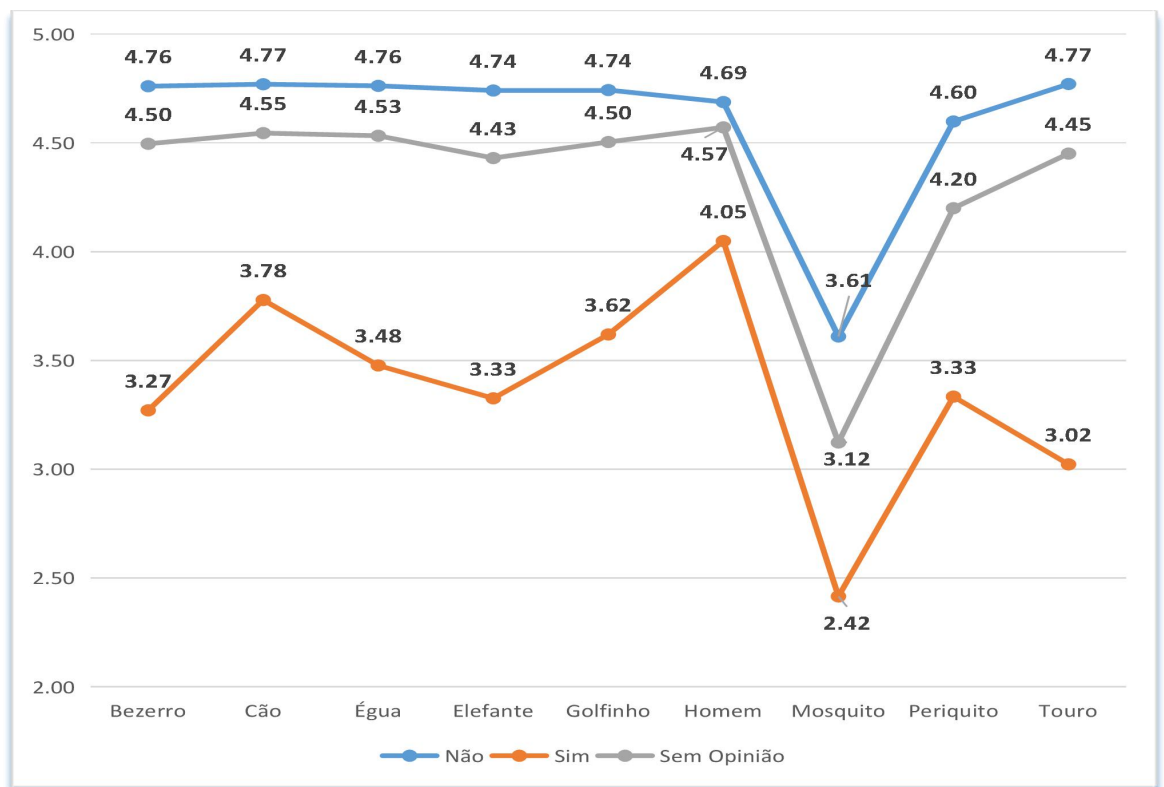


Gráfico 60: Valores médios de perceção da dor por preferência comparativamente à opinião sobre a manutenção da prática tauromaquia em Portugal e por animal.

## 4. DISCUSSÃO

A prática tauromáquica, apesar de séculos de história, continua a dividir a opinião da sociedade portuguesa entre aficionados e não aficionados ou mesmo defensores dos direitos dos animais. Será certamente um assunto atual e bastante polémico, se se considerar o número elevado de respostas obtidas no questionário disponibilizado sem recurso a meios de divulgação pagos, totalizando 8377 respostas.

O estudo intitulado ‘Atividade taurina em Portugal’ (já referido neste documento) efetuado nos dias 3, 4, 9, 10 e 11 de Março de 2011 pela Eurosondagem, realizada para a ‘PRÓTOIRO’, e que reuniu 1133 entrevistas telefónicas, retratou que 59,3% dos inquiridos entendem que os espetáculos taurinos contribuem de forma positiva para a imagem do país. É ainda revelado que 32,7% dos inquiridos consideram-se aficionados, 32,8% não são aficionados, nem gostam, mas não concordam que se tire a liberdade a quem gosta de assistir a atividades com touros, 20,6% são indiferentes à existência destas atividades, 11,0% são contra a realização de atividades com touros e 2,9% não respondem ou não sabem. A diferença nos resultados, abaixo discutidos, espelhada neste estudo realizado entre 29/12/2016 e 15/03/2017, sugere uma mudança de mentalidades na sociedade portuguesa, quanto à perceção da imagem conferida a Portugal com os espetáculos tauromáquicos, mas também no que concerne ao número de aficionados e não aficionados em Portugal.

### 4.1 Limitações e relevância do estudo

Sendo um tema apaixonante e bastante atual, percebe-se a existência de respostas que pretendem desde logo influenciar os resultados do estudo, como forma de protesto e defesa ativa de uma causa. Embora não de forma consciente, há uma tendência dos inquiridos em influenciar os resultados, com as respostas aos questionários (Mitchel & Carson, 1989). Reforçando esta ideia é o facto dos questionários disponíveis nas redes sociais, terem sido amplamente divulgados por plataformas eletrónicas taurinas e anti-taurinas, corroborando o referido. Assim, poderá ter existido um enviesamento dos resultados, resultante das formas de resposta acima citadas, potenciado pelo meio de divulgação dos questionários. Contudo, como já referido, todos os inquiridos, encontravam-se na mesma igualdade de circunstâncias de resposta.

Outra limitação do estudo está relacionada com a não representatividade da amostra. Os dados recolhidos por via de plataformas digitais, sem recurso a empresas especializadas

padecem geralmente desta limitação, que obviamente tem implicações na extrapolação dos resultados para a sociedade em geral. Ainda assim, pensa-se que a análise e a interpretação dos resultados terá sido cuidadosa, sem pretender uma extrapolação escrupulosa e taxativa que só seria possível com uma amostra representativa.

Menciona-se igualmente o facto de ter existido uma dificuldade no tratamento estatístico das respostas abertas, pelo número elevado da amostra, pelo que não foi efetuado nesta dissertação. As mesmas terão sido incluídas no questionário de forma a facultar liberdade de expressão aos inquiridos, servindo como complemento e enriquecimento do questionário.

Apenas uma nota final para o facto de na questão relativa à perceção de senciência, ter sido usado, por lapso, o nome “égua” e não “cavalo”, como o designado em todo o trabalho. Pensa-se, contudo, que não tenha tido relevância estatística nos resultados.

Este estudo, parece ser pioneiro, tanto ao quanto é do nosso conhecimento, por possibilitar efetuar algumas sugestões quanto à perspetiva e posição da sociedade portuguesa relativamente ao espetáculo tauromáquico, mas também pela comparação e posição entre aficionados e não aficionados, relativamente aos referidos espetáculos. Por outro lado, a avaliação da perceção de dor respeitante a alguns animais, comparada com a opinião dos inquiridos sobre a manutenção da prática tauromáquica, parece-nos ser algo inovador.

Este tipo de estudos, assumem importância na medida em que podem ajudar pessoas com vínculos culturais acentuados, adquiridos quer pela área de residência, quer pela ligação de familiares ligados à tauromaquia ou simplesmente pelos valores que lhes foram transmitidos ou inculcados, a transcenderem-nos, olhando de forma mais isenta a realidade do mundo circundante e dessa forma assumirem um maior respeito relativamente aos animais não humanos. Por outro lado, sendo um tema bastante polémico e atual, pensamos que é importante divulgar a posição e a perceção da sociedade portuguesa, relativamente a algumas características marcantes dos espetáculos tauromáquicos, como a atribuição de subsídios por parte do estado português que parece ser do desconhecimento de muitos portugueses, conforme se verificou na amostra deste estudo. Assim, pelo referenciado, é da nossa opinião que este tipo de estudos deverão sustentar decisões a vários níveis, incluindo políticas, sendo do interesse de todos os portugueses.



Ressalva-se que nesta apresentação de discussão de resultados, por questões de compreensão e organização, optou-se por efetuar uma análise agregada e conjunta dos dados, não seguindo estritamente a ordem da apresentação dos resultados.

Acrescenta-se o facto de a influência da dimensão da amostra obtida neste estudo respeitante à interpretação dos resultados, que fez com que as relações entre as variáveis analisadas, fossem maioritariamente significativas, não invalidou, mesmo assim, a análise estatística que se segue.

### **A - Caracterização geral da amostra**

#### **a) Idade**

A maioria dos inquiridos tem entre os 18 e os 27 anos de idade (38,0%), conforme gráfico 4. Este resultado poderá justificar o facto de ser esta a faixa etária predominante nas caracterizações analisadas, nomeadamente quanto à participação/assistência no último ano em espetáculos tauromáquicos (gráfico 32) e manutenção destes espetáculos em Portugal (gráfico 45).

Pelo acima exposto, adicionado ao facto de a minoria dos inquiridos ter idades entre 68 e 77 anos (1,4%) e superior a 78 anos (0,1%), conforme se verifica no gráfico 4 e tendo em conta as relações entre as idades, podemos perceber que a assistência/participação e a opinião sobre a manutenção de espetáculos tauromáquicos, diminui com a idade (ilustrado nos gráficos 32 e 45). Tal poderá ser devido ao facto de o questionário ter sido divulgado essencialmente em redes sociais e sites, limitando dessa forma a classe etária mais envelhecida. Poderá assim haver um enviesamento dos dados pela divulgação do questionário nos referidos meios. Note-se que apesar da ampla divulgação, tanto em sites taurinos, como anti-taurinos, encontrando-se os inquiridos em iguais circunstâncias, a maioria respondeu ser contra a manutenção de espetáculos tauromáquicos.

#### **b) Género**

São as mulheres que mais responderam ao questionário divulgado, com uma percentagem de 60,8%. Mesmo assim, constatou-se que os homens são a classe maioritária de assistência com 55,8% (gráfico 31) e os que consideram maioritariamente que as práticas tauromáquicas devem ser mantidas (gráfico 46). Dentro do género feminino constata-se que a maioria (77,9%) é contra a manutenção das práticas tauromáquicas. Também no género

masculino a maioria (54,2%) é contra a manutenção das referidas práticas, embora em menor proporção, não se verificando uma diferença de opiniões tão vincada, conforme gráfico 46. Estes resultados podem ser devidos ao facto de ser unanimemente reconhecida uma maior sensibilidade ao género feminino, e uma vez que se podem levantar questões de bem-estar animal associadas a estas atividades tauromáquicas, naturalmente este género poderá ter estas questões em consideração aquando da formulação de uma opinião.

Poder-se-á inferir que os espetáculos tauromáquicos têm uma assistência maioritariamente masculina e que foram as mulheres que manifestaram maior disponibilidade em expressar a sua opinião, visível pelo elevado número de inquiridos do género feminino.

De acordo como Instituto Nacional de Estatística - INE, com projeções efetuadas até 2050<sup>28</sup>, deverá existir mais mulheres do que homens. Este dado poderá ter influenciado igualmente estes resultados, embora esta seja uma amostra não representativa da população portuguesa.

### **c) Religião/crença religiosa**

Praticamente metade da população inquirida declara-se católica (49,7%), conforme gráfico 5. Tal poderá ser devido ao facto dos portugueses se declararem maioritariamente católicos. De acordo com a edição eletrónica do jornal 'PÚBLICO' de 16 de Abril de 2012, segundo o estudo do Centro de Estudos de Religiões e Culturas (CERC) da Universidade Católica Portuguesa, os católicos diminuíram de 86,9% para 79,5%, tendo aumentado o número de protestantes (incluindo evangélicos) e testemunhas de Jeová (Marujo, 2012; publico.pt). Uma edição eletrónica do jornal OBSERVADOR de 12 de Maio de 2015, cita um inquérito realizado pelo Instituto Português de Administração e Marketing, que revela que 9 em cada 10 portugueses garantem ter preferências religiosas, sendo que desses a esmagadora maioria (97,1%) afirma ser católica. Contudo, 87,5% dos inquiridos admite que a sua escolha foi determinada pela tradição familiar e não exatamente por crença ou convicção. O estudo teve por base 1.200 entrevistas telefónicas, realizadas entre 3 de abril e 3 de maio em todo o território nacional (Dinis, 2015; observador.pt). Isto sugere que os portugueses têm enraizados valores tradicionais bastante vincados, onde poderão estar incluídas a religião ou crença, que lhes são inculcados dentro do seio familiar.

---

<sup>28</sup>Dados disponíveis em INE, Projeções de População Residente, 2000-2050, Portugal (cenário base).

#### **d) Existência/Ausência de familiar diretamente ligado à tauromaquia**

A grande maioria dos inquiridos (85,7%), não tem familiares diretamente ligados à tauromaquia. Contudo, o gráfico 59 elucida que dos inquiridos que têm familiares diretamente ligados à tauromaquia, defendem maioritariamente a continuação das práticas tauromáquicas (75,1%), o que sugere que a tradição familiar tem influência na perceção e posição relativamente aos espetáculos tauromáquicos.

Empiricamente, sabe-se que dentro do seio familiar, há uma tendência de transmissão da prática tauromáquica, de geração em geração, ou seja, entre pais e filhos, avós e netos, etc.

#### **e) Nacionalidade, meio e distrito de residência**

Quase a totalidade dos inquiridos, tem nacionalidade portuguesa (98,8%), residem em Portugal (95,7%), no distrito de Lisboa (35,6%), em meio urbano (75,1%), o que faz com que seja possível sugerir algumas conclusões com os dados recolhidos, relativamente à sociedade portuguesa. A significância entre o meio de residência e a assistência/participação no último ano em espetáculos tauromáquicos, ilustrada no gráfico 33, sugere que são os portugueses que vivem em meio urbano que possuem menos ligação aos espetáculos tauromáquicos (78,4%), mas também a amostra corresponde essencialmente ao meio urbano. Esta relação, assim como para as restantes variáveis acima referidas, poderá ser devida ao acaso.

Nos questionários distribuídos presencialmente, de acordo com o gráfico 34, verificou-se que os inquiridos que pertencem aos concelhos de Barrancos (26,5%) e Vila Franca de Xira (23,5%), são os que no último ano mais assistiram ou participaram em algum tipo de espetáculos tauromáquicos. Sublinha-se que empiricamente sabe-se que estes locais têm tradição tauromáquica bastante vincada, o que faz com que estes resultados sejam coincidentes com a atualidade. Por outro lado, verifica-se que, dos inquiridos que no último ano não assistiram, nem participaram, a este tipo de espetáculos, pertencem maioritariamente ao concelho do Porto (19,1%), local sem tradição declaradamente tauromáquica. Estes resultados sugerem que os espetáculos tauromáquicos se encontram vinculados maioritariamente aos locais de tradição tauromáquica em Portugal.

#### **f) Nível de escolaridade**

A maioria dos inquiridos tem um nível de escolaridade superior (69,2%), conforme gráfico 7. Verificou-se que nesta amostra, a maioria dos inquiridos que consideram que a prática tauromáquica não deve ser mantida em Portugal, também têm um nível de escolaridade superior (71,1%). Note-se que esta relação decresce com a diminuição do grau de escolaridade (gráfico 47). Sugere-se assim, que tendencialmente, quanto maior o nível de instrução e conseqüente grau de informação, menor será a ligação aos espetáculos tauromáquicos. Infere-se que quanto mais elevado o grau de instrução, maior o reconhecimento de valores éticos e morais, característicos de uma sociedade civilizada, que identifica os espetáculos tauromáquicos incompatíveis com a atual conjuntura civilizacional.

### **B - Caracterização da amostra relativamente à tauromaquia**

#### **a) Participação/Assistência em espetáculos tauromáquicos**

A grande maioria dos inquiridos (71,2%) não assistiu ou participou em algum tipo de espetáculo tauromáquico no último ano, conforme gráfico 8, sendo que destes, a maioria não o fez por preocupação com o bem-estar animal (76,6%), conforme gráfico 9. Estes resultados estão coincidentes com os dados oficiais da Inspeção-Geral das Atividades Culturais, que referem que entre 2010 e 2016 tem havido uma diminuição não só do número de espetáculos tauromáquicos, mas também do número de espetadores (Tabela 1). É referida ainda uma diminuição de 8,45% no número de espetadores entre 2015 e 2016.

Nos últimos 30 anos, o tratamento animal tornou-se uma preocupação social importante no mundo ocidental, com criação de leis no sentido de garantir o bem-estar animal e cada vez mais, surgem ativistas na luta desta causa (Benson & Rollin, 2004), assumindo-se que os animais são suscetíveis de sentir dor e angústia (Ryder, 2014). Já afirmava Jeremy Bentham em 1789, citado por Pedro Galvão (2011), que a questão não é se possuem razão, ou se conseguem falar, mas se podem sofrer, sustentando que nem a racionalidade, nem a proficiência linguística, são condições imperativas para ter estatuto moral (Galvão, 2011). A pressão pública relativamente aos códigos de conduta e aplicação de leis dirigidas ao bem-estar animal, têm também aumentado um pouco por todos os países (Broom, 2011). Dessa forma, os resultados deste estudo, enquadram-se com o acima referido, tendo em conta que são quase a totalidade dos inquiridos que consideram que as práticas tauromáquicas não

devem ser mantidas em Portugal, os que no último ano não assistiram nem participaram aos referidos espetáculos, alegando preocupações com bem-estar animal (82,6%), conforme gráfico 50. Dos inquiridos que defendem a manutenção das práticas tauromáquicas, mas que deixaram de assistir/participar em espetáculos tauromáquicos, alegam ter deixado de o fazer maioritariamente por desinteresse (84,7%).

É assim visível, uma crescente preocupação com o bem-estar animal, constatada pela necessidade de criação de mais direitos aos animais, como o verificado com a implementação recente de um estatuto jurídico dos animais (lei 8/2017 de 03 de março), deixando estes de serem considerados «coisas».

Dos inquiridos que no último ano assistiram ou participaram em algum tipo de espetáculo tauromáquico, a categoria mais frequente foi a corrida de touros (24,5%), conforme gráfico 10. De acordo com o Relatório da Atividade Tauromáquica de 2016, em 2016 foram realizados 191 espetáculos tauromáquicos, sendo que a maioria (125) corresponderam a corridas de touros, mantendo-se ao longo dos anos a modalidade mais expressiva no conjunto dos espetáculos realizados (Relatório da Atividade Tauromáquica de 2016), o que poderá justificar os resultados obtidos. A principal motivação apontada para a assistência ou participação nos referidos espetáculos é cultural (89,9%), conforme gráfico 11. Tendo em conta que a prática tauromáquica, estando enraizada na sociedade portuguesa desde o reinado de D. Sancho II, no início do século XIII (Tinhorão, 1988), não são surpreendentes estes resultados. Empiricamente e ao longo deste trabalho, verifica-se que os valores culturais e tradicionais são mesmo indicados em primeira instância como justificativa para a prática tauromáquica. Contudo, as tradições não são necessariamente estáticas ou imóveis e evoluem e transformam-se com as novas necessidades de cada sociedade (Silva & Silva, 2009), que são visíveis também neste estudo, corroborado pelo número de inquiridos que são contra a manutenção das práticas tauromáquicas e pela crescente preocupação com o bem-estar animal.

Verificou-se ainda, que dos inquiridos que no último ano assistiram ou participaram em algum tipo de espetáculo tauromáquico, o fizeram maioritariamente presencialmente (56,8%). Isto sugere, que os inquiridos que responderam que no último ano assistiram ou participaram em espetáculos tauromáquicos, são aqueles que efetivamente gostam deste tipo de espetáculos (aficionados) e, por isso, preferem assistir presencialmente.

Dos inquiridos que no último ano assistiram ou participaram em espetáculos tauromáquicos, a maioria iniciou antes dos 18 anos (90,0%), conforme gráfico 12. Estes resultados são coincidentes com o facto de a maioria considerar os espetáculos tauromáquicos cultural. Isto corrobora a afirmação de Luís Capucha (2013) que a maioria dos aficionados, adquiriram a paixão pela tauromaquia por herança da comunidade de origem ou pertença (Capucha, 2013). Ou seja, há uma transmissão deste tipo de gostos entre gerações. De forma empírica sabe-se que transversalmente a outras áreas, numa fase precoce do crescimento e desenvolvimento humano, tentamos seguir os exemplos de quem nos é mais próximo - a família. De acordo com a psicóloga clínica Dra. Rita Fonseca de Castro, na crónica partilhada eletronicamente através do site Oficina de Psicologia a 17 de Junho de 2014, os rituais familiares podem ser entendidos como hábitos de vida relativamente estruturados e repetitivos (Fonseca de Castro, 2014; [oficinadepsicologia.com](http://oficinadepsicologia.com)), que se irão manter na maioria dos casos ao longo da vida.

### **b) Perceção de dor**

Embora, na atualidade e num mundo considerado civilizacional, com padrões morais e éticos à partida estruturados e estabelecidos, seja do senso comum, que muitos animais são dotados de uma vida mental consciente, sentem prazer e dor, com capacidade de experienciar medo, fúria ou alegria (Galvão, 2010), de um modo geral, o público tende a sensibilizar-se mais com imagens perturbadoras ou relatos de dor que envolvam animais com os quais sentem mais empatia. Deste modo, há uma maior tendência para a preocupação com animais de estimação, em detrimento a animais que não tenham grande contacto com o homem (Broom & Molento, 2004). Assim, se poderá justificar o facto de a maior parte dos inquiridos considerarem a hipótese do touro sentir dor aquando da colocação das bandarilhas (84,8%), assim como o cavalo quando acidentalmente é ferido, em corridas de touros (93,6%) patente nos gráficos 18 e 19, respetivamente, embora em percentagens diferentes, sugerindo uma maior consideração pelo cavalo quanto à possibilidade de sentir dor, em detrimento do touro. A diferenciação entre espécies, demonstrando um especismo por parte destes inquiridos encontra-se igualmente espelhada no gráfico 14 em que quase a totalidade dos inquiridos (92,0%) responderam que não continuariam a assistir ou participar em corridas de touros, se o touro fosse substituído por outro animal, como por exemplo um cão. Estes resultados corroboram a afirmação de que o público tende a ter mais empatia com animais de estimação e que lhe são mais próximos. Se o touro fosse substituído por um robot, os inquiridos

responderam igualmente que não continuariam a assistir ou participar (84,7%), conforme gráfico 13. A principal justificação para a não assistência/participação caso o touro fosse substituído por um cão, foi que “o cão não faz parte da tradição portuguesa” (55,2%), demonstrado no gráfico 15. Estes resultados sugerem uma tradição tendenciosamente vincada, em que apenas o touro poderá participar nos espetáculos tauromáquicos, desvalorizando este animal, não colocando sequer a hipótese de substituição por algo que não implique o sofrimento animal, por exemplo um robot.

Verifica-se ainda, que são maioritariamente os inquiridos que no último ano não assistiram ou participaram em espetáculos tauromáquicos, os que mais defendem a possibilidade do touro (97,8%) e do cavalo (79,6%) sentirem dor nas condições acima referidas, conforme gráficos 36 e 37 respetivamente. Estes resultados sugerem uma maior consideração pelas duas espécies referidas, quanto à possibilidade de sentirem dor, por parte do público que não assiste/participa em espetáculos tauromáquicos.

De forma semelhante, são os inquiridos que consideram que as práticas tauromáquicas não devem ser mantidas em Portugal, os que mais declaram a possibilidade de touro sentir dor (99,5%), assim como o cavalo nas condições já mencionadas (99,7%), conforme gráficos 48 e 49, respetivamente. Estes resultados são igualmente sugestivos que são os inquiridos que defendem que as práticas tauromáquicas não devem ser mantidas em Portugal, os que mais empatizam com as espécies em referência quanto à possibilidade de sentirem dor.

Uma outra visão encontra-se ilustrada na tabela 3 e gráfico 60, em que se tenta avaliar a perceção de dor, por preferência, por parte dos inquiridos para nove espécies diferentes, incluindo o homem, comparativamente à opinião dos mesmos sobre a manutenção das práticas tauromáquicas em Portugal. Os resultados elucidam que, no caso do grupo de inquiridos que consideram que a prática tauromáquica deve ser mantida, há uma visão antropocêntrica relativa aos restantes animais, sendo o homem claramente o animal que, de acordo com a avaliação deste grupo, apresenta maior perceção de dor. Note-se que neste grupo, o touro é o elemento considerado como tendo menor perceção de dor, apenas encontrando-se acima do mosquito, o que sugere que como defensores da tauromaquia, consideram o touro como o elemento com menor perceção de dor, demonstrando aqui uma “militância” em relação ao touro e um possível valor médio negligente atribuído ao mesmo.

Por outro lado, é o grupo que também assume menor perceção de dor para todas as espécies, sugerindo que os inquiridos que defendem a manutenção das práticas tauromáquicas, são menos empáticos com os animais em geral.

No caso do grupo de inquiridos que defende que a prática tauromáquica não deve ser mantida, não é o homem a espécie com maior valor médio, mas sim o touro, igualando-se ao cão. Estes dados, são sugestivos de uma perceção de dor exagerada para o touro (deixando o homem abaixo) e igualando-se ao cão por ser provavelmente um animal doméstico, com quem demonstram maior empatia ou consideração. Por outro lado, este grupo é o que parece expressar maior empatia com os animais, demonstrado pelos valores médios mais elevados (linha azul).

No caso do grupo de inquiridos que não tem opinião (linha cinzenta), parecem manifestar alguma empatia com os animais em geral, encontrando-se os valores médios quanto à perceção da dor, no meio, ou seja, acima dos que defendem a manutenção da tauromaquia, mas abaixo dos que não defendem, conforme se visualiza no gráfico 60. Neste grupo, o elemento que consideram ter mais perceção de dor é o homem, contudo com uma média de valores muito semelhantes para as restantes espécies, onde se inclui o touro, com exceção apenas para o mosquito, numa visão não tão antropocêntrica como a do grupo que defende a manutenção da tauromaquia. Estes resultados sugerem que neste grupo, há uma preocupação com os animais em geral, incluindo o touro, mas não se evidenciam tanto, não sendo tão visível a tentativa de influenciar os resultados, como nos grupos acima referidos.

De um modo geral, também nesta visão, infere-se um especismo por parte dos inquiridos, embora interiorizados de forma diferente, influenciados também pelas razões acima mencionadas, quanto ao facto de poderem serem aficionados ou não aficionados.

### **c) Perigosidade dos espetáculos tauromáquicos**

A maior parte dos inquiridos (89,0%), considera as práticas tauromáquicas perigosas, conforme se visualiza no gráfico 16 e destes, a maioria considera que o elemento que se encontra mais exposto ao perigo é o touro (28,9%), seguindo-se o forcado (21,5%), e o que se encontra menos exposto ao perigo é o público (14,7%), conforme gráfico 17. Estes resultados sugerem que o touro é considerado o elemento que se encontra mais exposto ao perigo por ser o “protagonista” dos espetáculos tauromáquicos, seguindo-se o forcado, tendo em conta que não se encontra protegido pelo cavalo. Empiricamente sabe-se que dentro do mundo tauromáquico, é atribuído um elevado grau de respeito e consideração ao grupo de forcados,



por atribuírem às pegas uma demonstração de valentia, numa luta em pé de igualdade entre o touro e o homem, o que pode ter influenciado os resultados por parte dos inquiridos aficionados.

Note-se que o gráfico 35, elucida que são a grande maioria dos inquiridos que no último ano não participaram ou assistiram a espetáculos tauromáquicos, a considerarem os espetáculos tauromáquicos perigosos para animais, praticantes e/ou espetadores (97,5%), sugerindo uma maior preocupação por parte deste grupo de inquiridos.

#### **d) Opinião sobre a extinção do touro bravo**

O gráfico 20 exhibe que a maioria dos inquiridos (59,7%) considera que se os espetáculos tauromáquicos não existissem, não ocorreria a extinção do touro bravo, sendo a maioria dos inquiridos que no último ano não assistiram, nem participaram em espetáculos tauromáquicos, a apoiarem esta tese (79,9%), conforme gráfico 38. De igual forma, são os inquiridos que defendem que as práticas tauromáquicas não devem ser mantidas em Portugal, que alegam que não ocorreria a extinção do touro bravo, caso as práticas tauromáquicas deixassem de existir (83,6%), conforme gráfico 51. Estes resultados vão de encontro com o se observa em debates televisivos e sites taurinos, em que uma das razões mais apontadas para a manutenção das práticas tauromáquicas, por parte dos aficionados é exatamente a extinção do touro bravo. O biólogo Hugo Evangelista, numa crónica publicada no blog [arcodealmedina.blogs.sapo.pt/](http://arcodealmedina.blogs.sapo.pt/), refuta o atrás mencionado e esclarece que nem o touro bravo é uma espécie, mas sim uma raça ou subespécie, nem a extinção desta raça é irremediável e obrigatória quando as touradas acabarem (Arco de Almedina, 2012, 22 de Abril). Ainda assim, a hipotética extinção desta raça, que poderia acarretar implicações ecológicas, não justifica a manutenção de práticas tauromáquicas, por implicar um sofrimento desnecessário, para puro divertimento de apenas alguns cidadãos, situação que não se coaduna com uma sociedade dita evoluída da atualidade.

Mais se acrescenta, existem métodos e programas de conservação de espécies, sem recurso a sofrimento de animais não humanos, e que não impliquem o risco de vidas humanas.

#### **e) Opinião sobre ligação dos espetáculos tauromáquicos a festas religiosas**

Mais de metade dos inquiridos (67,1%) considera que a maior parte dos espetáculos tauromáquicos não estão ligados a festas religiosas, conforme se verifica no gráfico 21. Destes a maioria considera que grande parte dos espetáculos tauromáquicos estão ligados a

festas para as populações locais (82,1%), e apenas uma minoria, considera estarem ligadas com o intuito de angariação de fundos para entidades de solidariedade (1,0%), conforme se visualiza no gráfico 22. De facto, empiricamente sabe-se, que a maior parte dos espetáculos tauromáquicos estão sobretudo ligados a festas para as populações locais, mais visível nas localidades com tradição marcadamente tauromáquica. Sobre a angariação de fundos para entidades de solidariedade, não foram encontradas informações comprovativas e suficientemente credíveis.

De realçar, que a maioria dos inquiridos que consideram que as práticas tauromáquicas não devem ser mantidas em Portugal, são os que mais consideram que os espetáculos tauromáquicos não estão ligados a festas religiosas (68,6%), conforme gráfico 52, o que corrobora a afirmação acima, de que deverão estar ligados sobretudo a festas para as populações locais. No entanto, tendo em conta a ligação da Santa Casa da Misericórdia à tauromaquia, seria expectável que a maior parte dos inquiridos considerasse uma ligação tauromáquica a festas religiosas. Como já referido nesta dissertação, atualmente, algumas corridas são divulgadas e associadas a festas que honram Santos, particularmente às festas Marianas (Xavier, 2013), como o caso de Barrancos com as festas religiosas Cristãs em nome da Nossa Senhora da Conceição que ocorrem nos dias 28 a 31 de Agosto, nas Caldas da Rainha com as festas em honra de Nossa Senhora do Pópulo ou em Vila de Mourão (Alentejo) com as festas em honra da Nossa senhora das Candeias que decorrem de 24 de Janeiro a 04 de Fevereiro (cartazes exemplificativos em anexo I). Contudo, também já referido nesta dissertação, a igreja católica tem-se demonstrado opositora quanto as práticas tauromáquicas, sendo que a 01 de Novembro de 1567, o Papa Pio V terá publicado a bula «De salute gregis dominici», ainda em vigor, com o objetivo de pôr fim aos espetáculos taurinos, proibindo as corridas de touros e decretando pena de excomunhão imediata a qualquer católico que as permitisse ou participasse nessas atividades (Fraile, 2001). Assim, seria expectável não haver qualquer ligação religiosa às práticas tauromáquicas, mas como acima referido, atualmente algumas corridas são divulgadas e associadas a festas que honram Santos, demonstrando uma certa contradição.

#### **f) Opinião sobre o conhecimento da ordem de grandeza dos montantes anuais atribuídos aos espetáculos tauromáquicos e apoios através de subsídios pelo Estado Português**

A maior parte dos inquiridos (59,2%) responderam não ter conhecimento sobre a ordem de grandeza dos montantes anuais atribuídos aos espetáculos tauromáquicos e, de acordo com o gráfico 30, nem sobre a utilização da maioria dos fundos adquiridos com os espetáculos tauromáquicos (67,5%). O gráfico 53 ilustra que são os inquiridos que consideram que a tauromaquia não deve ser mantida em Portugal, que maioritariamente indicam não terem conhecimentos sobre a ordem de grandeza dos montantes atribuídos aos espetáculos tauromáquicos (63,1%). Relembre-se alguns exemplos sobre os montantes atribuídos aos espetáculos tauromáquicos, utilizando dinheiros públicos e apoios europeus, citados nesta dissertação no capítulo sobre a Tauromaquia nos dias de hoje. Por outro lado, há o contributo das diferentes unidades da Santa casa de Misericórdia, proprietárias de várias praças de touros no País e que promovem as corridas nas suas arenas (Albernaz, 2014). O facto da maior parte dos inquiridos declarar não ter esse conhecimento, sugere que este assunto não é suficientemente divulgado, relevando uma lacuna que pode ser considerada grave na medida em que há utilização de dinheiro dos contribuintes.

Neste estudo, os resultados sugerem que a maior parte desta amostra da sociedade portuguesa (71,4%) não concorda que o estado português apoie através de subsídios os espetáculos tauromáquicos (gráfico 23). Dos que concordam (24,2%) consideram que o estado português deve apoiar os espetáculos tauromáquicos através de subsídios maioritariamente porque é uma tradição nacional que deve ser mantida (Tabela 2). Mais uma vez se verifica que a principal razão apontada como justificativa para assuntos relacionados com a prática tauromáquica é a tradição. De referir que são maioritariamente os inquiridos que no último ano assistiram ou participaram em espetáculos tauromáquicos, que concordam com os referidos apoios (78,3%), conforme gráfico 39. A maioria dos inquiridos que considera que as práticas tauromáquicas não devem ser mantidas em Portugal, não concorda com os referidos apoios (98,7%) (gráfico 54). Em suma, estes resultados são sugestivos de que os aficionados são os que concordam com os referidos apoios, porque pretendem a continuação da prática tauromáquica. Pelas avultadas quantias recebidas através de subsídios para os espetáculos tauromáquicos, já mencionadas também nesta dissertação, infere-se que são os alicerces para a continuação das práticas tauromáquicas.

#### **h) Opinião sobre a importância dos espetáculos tauromáquicos para a cultura, economia e turismo**

Mais de metade dos inquiridos considera que a tauromaquia não é importante para a cultura do país (67,1%), conforme gráfico 24, assim como a maior parte também considera que não contribui para a economia (55,9%), nem para o turismo (62,0%), visível nos gráficos 25 e 26 respetivamente. Note-se que são os inquiridos que no último ano assistiram ou participaram em espetáculos tauromáquicos, a defenderem que a prática tauromáquica contribui para a cultura (93,6%), para a economia (90,1%) e para o turismo (91,8%), conforme gráfico 40, 41 e 42, respetivamente. De igual modo, são os inquiridos que consideram que a prática tauromáquica deve ser mantida em Portugal, que mais defendem que esta é importante para a cultura (95,9%), economia (91,1%) e turismo (92,5%), de acordo com o gráfico 55, 56 e 57, respetivamente. Estes resultados sugerem uma diferença significativa de posição entre aficionados e não aficionados nesta amostra da sociedade portuguesa, quanto à contribuição de espetáculos tauromáquicos para a cultura, economia e turismo. Poder-se-á assim suspeitar, uma influência tendenciosa por parte dos aficionados por pretenderem a manutenção das práticas tauromáquicas em Portugal.

#### **i) Opinião sobre a imagem que Portugal confere com os espetáculos tauromáquicos**

A maior parte dos inquiridos (63,9%), defende que Portugal não adquire uma conotação positiva com a prática tauromáquica, conforme gráfico 27, sendo que são a maioria (87,8%) dos inquiridos que no último ano não assistiram ou participaram em espetáculos tauromáquicos a defenderem essa tese (gráfico 43), assim como os inquiridos que não concordam com a continuação da prática tauromáquica em Portugal (93,1%) (gráfico 58). Estes resultados são sugestivos de que, nesta amostra, a sociedade portuguesa na sua maioria, considera que Portugal não adquire uma conotação positiva com as práticas tauromáquicas, sugerindo uma mudança de mentalidades quanto a esta temática. À semelhança do ponto anterior, são os aficionados, por defenderem a manutenção das práticas tauromáquicas, a responderem maioritariamente que Portugal adquire uma conotação positiva com a prática tauromáquica. Contudo, sabendo que a tauromaquia é praticada em poucos países, e que cada vez mais há manifestações contra os espetáculos tauromáquicos um pouco por todo o mundo, poderá suspeitar-se que as referidas práticas não confirmam uma conotação positiva a Portugal. A averiguação da imagem que os espetáculos tauromáquicos conferem ao País, é um tema interessante para a realização de um futuro estudo.

#### **j) Opinião sobre a manutenção dos espetáculos tauromáquicos**

Mais de metade dos inquiridos (66,7%) consideram que a prática tauromáquica não deve ser mantida em Portugal (gráfico 28), alegando questões relacionadas com o bem-estar animal. Acrescenta-se que a maioria dos inquiridos que no último ano não assistiram, nem participaram em espetáculos tauromáquicos, considera que a prática tauromáquica não deve ser mantida em Portugal (92,7%) (gráfico 44). Mais uma vez, estes resultados sugerem uma mudança no sentido não só de um distanciamento relativamente aos espetáculos tauromáquicos, mas também uma crescente preocupação com o bem-estar animal. Dos que responderam que deveria ser mantida (30,4%), de acordo com o gráfico 28, a maioria alega que faz parte de uma tradição portuguesa (96,8%), o que corrobora a ideia acima referida de que os aficionados argumentam em primeira instância valores tradicionais para a manutenção de práticas tauromáquicas em Portugal e os não aficionados valorizam o bem-estar animal.

#### **k) Opinião sobre tradições portuguesas**

A tradição portuguesa que os inquiridos mais valorizam são os santos populares (83,9%), sendo as que mais rejeitam a queima do Gato em Vila Flor e igualmente a morte do touro na arena em Barrancos, com igual percentagem (75,4%), conforme gráfico 29. Estes resultados sugerem que a sociedade portuguesa, nesta amostra, de um modo geral é contra as tradições que envolvam sofrimento de animais.

## 5. CONCLUSÃO

A ligação do homem com o touro, remonta séculos. O que começou por ser, uma necessidade de subsistência, posteriormente visto como símbolo de fertilidade, força e poder, só mais tarde viria a ser usado em espetáculos de divertimento.

Apesar de em Portugal, os espetáculos tauromáquicos existirem desde o reinado de D. Sancho II, a sua prática sempre dividiu a sociedade portuguesa entre aficionados e não aficionados, tendo sido mesmo proibidas por diversas vezes.

O fim do uso de animais pelo ser humano em espetáculos de divertimento, como os tauromáquicos, se parecia utópico há uns anos atrás, nos dias de hoje, tem-se assistido cada vez mais a manifestações a favor dos direitos dos animais. Por outro lado, numa crescente necessidade de alicerçar a proteção aos animais, é a recente implementação do estatuto jurídico dos animais (lei 8/2017 de 03 de março), que reconhece os animais como seres sencientes, e como tal deverão ser objeto de proteção jurídica.

Especificamente à tauromaquia, salienta-se que o novo RET aprovado pelo Decreto – Lei nº 89/2014, reconhece preocupações de bem-estar animal. Acrescenta-se ainda que em 1980 a UNESCO declarou que "A tauromaquia é terrível e venal arte de torturar e matar animais em público, segundo determinadas regras. Traumatiza as crianças e adultos sensíveis. A tourada agrava o estado dos neuróticos atraídos por estes espetáculos. Desnaturaliza a relação entre o homem e o animal, afronta a moral, a educação, a ciência e a cultura".

Ainda assim, os espetáculos tauromáquicos continuam a ser realizados, não faltando aficionados, sendo que com este estudo foi possível verificar, que a razão apontada em primeira instância para a manutenção destes espetáculos, são os valores culturais e uma tradição caracteristicamente portuguesa com séculos de história. Contudo, as tradições não são imutáveis e tendem a evoluir de acordo com a industrialização característica das sociedades ocidentais.

Certo é que os espetáculos tauromáquicos têm vindo a perder cada vez mais espetadores, conforme dados oficiais da Inspeção-Geral das Atividades Culturais, também sugestionado neste estudo, em que a maior parte dos inquiridos responderam não ter assistido ou participado em espetáculos tauromáquicos no último ano.

Pensa-se que terão sido alcançados os objetivos deste estudo, apesar das limitações já referidas, tendo sido possível sugerir algumas características relacionadas com a tauromaquia na sociedade portuguesa.

Os resultados sugerem que parece haver uma evolução da sociedade portuguesa, no sentido de uma maior preocupação com o bem-estar animal e distanciamento relativamente aos espetáculos tauromáquicos. Contudo, sabe-se que estes fenómenos sociais evoluem de uma forma lenta.

Assim, relativamente ao objetivo principal, deste estudo sobre a avaliação da perspetiva e posição da sociedade portuguesa face aos espetáculos tauromáquicos, sugere-se que de um modo geral, a sociedade portuguesa, nesta amostra, posiciona-se contra a continuação dos espetáculos tauromáquicos em Portugal, alegando que tais espetáculos não conferem uma conotação positiva ao país, nem tão pouco contribuem para a cultura, economia ou turismo. Contudo, ainda há uma percentagem, que defende estes espetáculos, alegando sobretudo, os valores culturais e tradicionais inerentes aos mesmos.

Relativamente à averiguação da perspetiva da sociedade portuguesa sobre as condições de vida, proteção e bem-estar do touro de lide e do cavalo este estudo permite sugerir que a maioria dos inquiridos, mesmo os que no último ano assistiram ou participaram em espetáculos tauromáquicos, revelam uma preocupação com o bem-estar tanto do touro de lide, como do cavalo, reconhecendo a possibilidade de sentirem dor, aquando da colocação das bandarilhas, no caso dos touros, e quando é acidentalmente ferido, no caso dos cavalos, em corridas de touros.

Quanto à averiguação se a sociedade portuguesa conhece a existência de apoios públicos específicos para esta atividade, bem como os fins a que estes apoios se destinam, sugere-se que a maior parte dos inquiridos declara não conhecer a existência de apoios públicos específicos para os espetáculos tauromáquicos, nem os fins a que estes apoios se destinam.

A respeito da averiguação da perceção da sociedade portuguesa quanto à relação dos espetáculos tauromáquicos com motivações de ordem religiosa, cultural, popular, condição

social ou de solidariedade, sugere-se que são os inquiridos que no último ano assistiram ou participaram em espetáculos tauromáquicos que maioritariamente os associam a motivações de ordem religiosa, cultural, popular, condição social ou de solidariedade.

No que concerne à averiguação da existência de valores éticos, nomeadamente associados à proteção animal, na relação da sociedade com a atividade tauromáquica, sugere-se que são os inquiridos que no último ano não assistiram ou participaram em espetáculos tauromáquicos, os que mais se preocupam com o bem-estar e proteção animal.

E por último, quanto à averiguação da perceção entre aficionados e não aficionados relativamente aos espetáculos tauromáquicos, sugere-se uma notória diferença de opiniões e posição relativamente aos espetáculos tauromáquicos, respeitante à maioria das características consideradas neste estudo.

Como referido no início do capítulo referente aos resultados, pela elevada extensão dos dados recolhidos, não foi possível a apresentação de todos os resultados e consequente discussão. Nessa conformidade, para futuras publicações, pretende-se efetuar uma análise mais exaustiva e detalhada de todos os dados recolhidos, garantindo a representatividade sociodemográfica, de forma a permitir uma extrapolação dos dados com maior segurança. Por outro lado, seria interessante futuramente, avaliar a perceção da senciência com as diferentes variáveis sociodemográficas.

Relevante ainda seria repetir este estudo passado alguns anos, de forma a ser possível efetuar comparações com os dados atuais e averiguar o estado evolutivo.



## 6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Acta n.º 30 (2010, 29 de Novembro, pp. 14 e 15). Câmara Municipal de Santarém. Consultado em 04 de Maio de 2017 em <http://www.cm-santarem.pt/downloads/atas/2010/Acta%202010-11-29%20Cmara%20Municipal%20030.pdf>.

Acta n.º 22 (2011, 12 de Outubro, pp. 20 e 21). Câmara Municipal de Alcochete. Consultado em 04 de Maio de 2017 em [https://www.cm-alcochete.pt/uploads/document/file/236/Acta\\_n.\\_22\\_11\\_-\\_Acta\\_da\\_Reuni\\_o\\_Ordin\\_ria\\_realizada\\_em\\_12\\_de\\_Outubro\\_de\\_2011.pdf](https://www.cm-alcochete.pt/uploads/document/file/236/Acta_n._22_11_-_Acta_da_Reuni_o_Ordin_ria_realizada_em_12_de_Outubro_de_2011.pdf)

Actividade Taurina em Portugal (2011). Estudo de opinião Eurosondagem, S.A. para a Federação Portuguesa das Associações Taurinas (Prótoiro). Acedido em 02 de Março de 2017 em [https://issuu.com/protoiro/docs/estopiniao\\_protoiro\\_marco11](https://issuu.com/protoiro/docs/estopiniao_protoiro_marco11).

Albernaz, L.S. (2014) Festa brava Portuguesa: pessoas humanas e pessoas animais. *Revista AntHropológicas-ISSN: 2525-5223*, 24(1).

Albuquerque, S. (2009). Considerações sobre Bem estar animal. I. Conceitos e Discussão [Texto colocado no site naturlink.pt] Acedido em 01 de Maio de 2017 em [http://naturlink.pt/article.aspx?menuid=2&cid=92633&bl=1&viewall=true#Go\\_1](http://naturlink.pt/article.aspx?menuid=2&cid=92633&bl=1&viewall=true#Go_1).

Almeida, J. D. (1953). *História da Tauromaquia - Técnica e evolução artística do toureio* (Fascículo 4, Volume I, pp. 5-25, 69, 93 -95, 249, 277-278, 289, 294, 301, 341-345). Lisboa: Artis.

Almeida, J. D. (1953). *História da Tauromaquia - Técnica e evolução artística do toureio* (Fascículo 4, Volume II, pp. 255-257, 266, 269-271, 282-283, 411-433). Lisboa: Artis.

Aranha, J. & Parreira, N.S. (2005). *Tauromaquias - um olhar diferente sobre a festa de toiros em Portugal* (pp.17, 20-27, 38-45). Lisboa: António Coelho Dias, S.A.

Araújo, L.M. (2006). O touro no Mundo Pré-Clássico. *O Touro. Mitos. Rituais.*, C.M. Alcochete. 37.

Arco de Almedina. (2012, 22 de Abril). A tourada, razão da existência do touro bravo? Ou a queda de um mito [Texto colocado no blog [arcodealmedina.blogs.sapo.pt](http://arcodealmedina.blogs.sapo.pt)]. Acedido em 04 de Junho de 2017 em <http://arcodealmedina.blogs.sapo.pt/98835.html>.

Areva, A. (1958). *Origenes e Historial de las Ganaderias Bravas* (pp. 1-29). Madrid: Artes Gráficas E.M.A.

Arquivo Nacional Torre do Tombo (ANTT), Carta dos irmãos da Confraria de Nossa Senhora da Merciana, Corpo Cronológico, Parte I, mç. 95, n.o 87.

Arroyuelo, F. (2000). *Del Toro en La Antigüedad: Animal de Culto, Sacrificio, Caza y Fiesta* (pp. 25, 114). Madrid: Biblioteca Nueva.

Autoridade tributária e aduaneira, Art. 9º; Secção I, Cap. II, referente a Isenções do Código do Imposto Sobre o Valor Acrescentado. Acedido a 04 de Maio de 2007 em [http://info.portaldasfinancas.gov.pt/pt/informacao\\_fiscal/codigos\\_tributarios/civa\\_rep/iva9.htm](http://info.portaldasfinancas.gov.pt/pt/informacao_fiscal/codigos_tributarios/civa_rep/iva9.htm).

Bancaleiro, C. & Lopes, M. (2015, 28 de Outubro). Parlamento europeu votou contra uso de subsídios em criação de touros para touradas. *Edição eletrónica do Jornal Público*. Acedido em 03 de Junho de 2017 em <https://www.publico.pt/2015/10/28/sociedade/noticia/parlamento-europeu-votou-contras-uso-de-subsidios-em-touradas-1712654>.

Barreto, M. (1970). *Corrida, Breve História da Tauromaquia em Portugal* (1ª Ed., pp. 133- 151). Lisboa: Agência Portuguesa de revistas.

Basta. (2016, 12 de Maio). Câmara da Póvoa de Varzim não apoia touradas [Texto colocado na plataforma basta.pt]. Acedido em 04 de Maio de 2017 em <http://basta.pt/?s=dinheiros+publicos&submit=Search>.

Benson, J. G. & Rollin, B. E. (2004). *The well-Being of Farm Animals: Challenges and Solutions* (pp. 4-6). Oxford: Blackwell Publishing.

Bland, M. (2000). *An Introduction to Medical Statistics* (3ª Ed., pp.193-212). Oxford: Oxford University Press.

Boudon, R. (1990). *Dicionário de Sociologia* (1ª Ed., pp. 63, 243). Lisboa: Publicações D. Quixote.

Bragança, T. (1978, Setembro-Novembro). *Touros e Forcados* in *A Tauromaquia Portuguesa no Ex-Librismo Nacional*, Revista literária, Bibliografia artística, Histórica e Técnica. 6: 1-4.

Brío, R. (1999). *El Culto Al Toro. Ritos Y Símbolos de la Tauromaquia* (pp. 68, 83-84, 90). Madrid: Ediciones Tutor.

Broom, D. M., & Molento, C. F. M. (2004). Bem-estar animal : Conceito e Questões relacionadas revisão. *Archives of Veterinary Science*, 9(2).

Broom, D. M., & Fraser, A. F. (2010). *Comportamento e bem-estar de animais domésticos*. Manole.

Broom, D.M. (2011). *Comportamento Animal* (2ª Ed., pp. 457-482). Natal: UFRN.

Bulhosa, M. (1996). *Um Século de toureio equestre em Portugal* (1ª Ed., pp. 9-11) Lisboa: Gráfica Manuel Barbosa & Filhos, Lda.

Cañón, J., Tupac-Yupanqui, I., García-Atance, M. A., Cortés, O., García, D., Fernández, J., & Dunner, S. (2008). Genetic variation within the Lidia bovine breed. *Animal genetics*, 39(4), 439-445.

Capucha, L. (1990, Setembro). Tauromaquia e identidades culturais locais. *Sociologia, Problemas e práticas*, (8), 139-145.

Capucha, L. (2013). Festas de touros. *Revista Antropológica*, 17 (24), 146-179.

Carmo, J. (1927). *Touros, Arte Portuguesa* (2ª Ed., pp.11). Lisboa: Impressora Lucas e Cª.

Castanheira, B. (2015, 29 de Outubro). “Não existem apoios Europeus destinados à tauromaquia”, diz a Protoiro. *Edição eletrónica do jornal Público*. Acedido em 04 de Junho de 2017 em <https://www.publico.pt/2015/10/29/sociedade/noticia/nao-existem-apoios-europeus-destinados-a-tauromaquia-diz-a-protoiro-1712719>.

Castilho, A. F. (1865). *Padre Manoel Bernardes, Excertos* (pp. 240-241). Rio de Janeiro: Livraria de B. L. Garnier.

Chalfun, M. (2008). Animais, manifestações culturais e entretenimento, lazer ou sofrimento. In *Congresso Mundial de Bioética e Direito Animal* (Vol. 1).

Cobaleda, M. (2002). *El simbolismo del toro – La lidia como cultura y espejo de humanidad* (p. 66). Madrid: Biblioteca Nueva.

Cury, C. (2011). Direitos dos animais: Análise de teorias sob o enfoque pragmatista. *Revista Eletrônica Do Curso De Direito – PUC Minas Serro*, 0(3), 154-173. Acedido em 01 de Maio de 2017 em <http://periodicos.pucminas.br/index.php/DireitoSerro/article/view/2001>.

D’Andrade, F. S. (1991). *O Toureio Equestre em Portugal* (1ª Ed., pp. 7-15, 21-25, 39, 48, 59, 95). Lisboa: Quetzal Editores.

Decreto Lei nº. 19/2002 de 31 de Julho. Primeiras alterações à Lei n.o 12-B/2000, de 8 de Julho (proíbe como contra-ordenação os espetáculos tauromáquicos em que seja infligida a morte às reses nele lidadas e revoga o Decreto n.o 15 355, de 14 de Abril de 1928),

e à Lei n.º 92/95, de 12 de Setembro (protecção aos animais). *Diário da República, I série - A*. N.º 175, 5564.

Decreto-Lei n.º 8/2007 de 03 de Março. Estabelece um estatuto jurídico dos animais, alterando o Código Civil, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 47 344, de 25 de novembro de 1966, o Código de Processo Civil, aprovado pela Lei n.º 41/2013, de 26 de junho, e o Código Penal, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 400/82, de 23 de setembro. *Diário da República, I série*. N.º 45, 1145 - 1149.

Decreto-Lei n.º 89/2014 de 11 de Junho. Aprova o Regulamento do Espetáculo Tauromáquico. *Diário da República, I série*. N.º 111, 3080 - 3096.

Diário da República. 2.ª série, N.º 185 de 26 de Setembro de 2011. Listagem n.º 133/2011 relativa aos subsídios subvenções, bonificações, ajudas e incentivos, atribuídos a pessoas singulares ou colectivas exteriores ao Sector Público Administrativo, pagos no âmbito da actividade do Instituto de Financiamento da Agricultura e Pescas, I. P., relativos ao 1.º semestre de 2011 ao abrigo da lei n.º 26/94 de 19 de Agosto de 1994.

Diário da República. 2.ª série, N.º 58 de 21 de março de 2012. Listagem n.º 23/2012 relativa aos subsídios, subvenções, bonificações, ajudas e incentivos, atribuídos a pessoas singulares ou coletivas exteriores ao Setor Público Administrativo, pagos no âmbito da atividade do Instituto de Financiamento da Agricultura e Pescas, I. P., relativos ao 2.º semestre de 2011 ao da Lei n.º 26/94, de 19 de agosto de 1994.

Destak (2011, 04 de Junho). Portugal utiliza fundos europeus para financiar a tauromaquia. *Edição eletrónica do Jornal Destak*. Acedido em 04 de Junho de 2017 em <http://www.destak.pt/artigo/98277>.

Dias, M. T. (1990). *Lisboa Desaparecida* (Volume 3, p.161). Lisboa: Quimera.

Dinis, R. (2015, 12 de Maio). Maioria dos portugueses é católica por tradição familiar e não por convicção. *Edição eletrónica do Jornal Observador*. Acedido em 03 de Junho de 2017 em <http://observador.pt/2015/05/12/maioria-dos-portugueses-sao-catolicos-tradicao-familiar-nao-conviccao/>.

Durkheim, É. (1983). *Os pensadores* (2ª Ed., p. 32). São Paulo: Abril cultural.

Espírito-Santo, M. (1994). O touro na bíblia: símbolo de Deus e vítima sacrificial. *Mediterrâneo*, (5/6), 12-14; 17. Lisboa: Instituto Mediterrânico U.N.L.

Ferreira, J. (s.d.). *Bullfighting in Portugal* (pp. 10-23). Lisboa: Shell Portuguesa, S.A.R.L.

Fraile, L. G. (2001). *De interés para católicos taurinos* (pp.8-16). Sevilha: Edita Risko.

Franco, A. (2016). *José Júlio – vida e tauromaquia* (pp. 13,145-152,167). Lisboa: althum.com.

Galvão, P. (2011). *Os animais têm direitos? Perspectivas e argumentos* (1ª Ed., pp.10-12, 15). Lisboa: Dinalivro.

Gordilho, H. J. D. S., SILVA, T. T. D. A., & SILVA, T. T. D. A. (2008). Abolicionismo animal. *Salvador: Evolução*, 71.

Grave, J. (2000). *Bravo* (1ª Ed., pp. 32-34). Lisboa: Oficina do Livro - Sociedade editorial, Lda.

Grave, J. (2012, 10-12 Outubro). Bem estar animal, aspectos relativos à produção e à utilização do touro de lide [Animal welfare, aspects relative to the production and use of the bullfighting bull] in *Congresso de Ciências veterinárias*, SPCV, Oeiras, 207-209.

Grave, J. & Romeiras, F. (2008). *Forcado* (1ª Ed., pp. 25-203). Linda-a-Velha: Francisco Romeiras Fotografia Desportiva Lda.

Hobsbawm, E. (1997). *Introdução: A invenção das tradições* (p.13). Rio de Janeiro: Paz e Terra.

Jaleco, Z. (1895). *Tauromachia* (1ª Ed., pp. XII-XXX, 1-73). Lisboa: Livraria de António Maria Pereira.

Laraia, R. B. (1986). *Cultura um conceito Antropológico* (14ª Ed., pp. 10, 25, 32-33, 99). Rio de Janeiro: Jorge Zahar

Levai, L. F. (2001). Os animais sob a visão da ética. In *Congresso Ambiental do Ministério Público. Campos de Jordão*.

LPDA, Liga Portuguesa dos Direitos do Animal. (2015, 07 de Outubro). Declaração Universal dos Direitos do Animal. [Texto colocado no site lpda.pt]. Acedido em 07 de Abril de 2017 em <http://www.lpda.pt/declaracao-universal-dos-direitos-animal/>.

Luis, P. (1940). *Lisboa das Toiradas* (p. 14). Lisboa: Livraria Popular de Francisco Franco.

Marujo, A. (2012, 16 de Abril). Oito em cada dez portugueses são católicos e quase metade vai à missa. *Edição eletrónica do Jornal Público*. Acedido em 02 de Junho de 2017 em <https://www.publico.pt/2012/04/16/sociedade/noticia/oito-em-cada-dez-portugueses-sao-catolicos-e-quase-metade-vai-a-missa-1542295>.

Mitchell, R. C., & Carson, R. T. (1989). *Using surveys to value public goods: the contingent valuation method*. Resources for the Future.

Monteiro, T., Policarpo, V., & Vieira Da Silva, F. (2007). Valores e Atitudes face à Protecção dos Animais em Portugal. *Inquérito Nacional. CIES-Centro de Investigação e Estudos de Sociologia. ISCTE-Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa. Lisboa, Portugal*. Acedido em 30 de Maio de 2017 em <https://pt.scribd.com/document/88631101/Valores-e-Atitudes-Face-a-Proteccao-Dos-Animais-Em-Portugal>.

Noronha, E. (1900). *História das Toiradas* (1ª Ed., pp. 3-18). Lisboa: Secção editorial da companhia Nacional editora.

Oficina de Psicologia. (2014, 17 de Junho). A importância dos rituais familiares. [Texto colocado no site [Oficinasdepsicologia.com](http://Oficinasdepsicologia.com)]. Acedido em 03 de Junho de 2017 em <https://oficinadepsicologia.com/a-importancia-dos-rituais-familiares/>.

Ortega Y Gasset, J. (1989). *Sobre a caça e os touros* (1ª Ed. pp. 126-133). Lisboa: Edições Cotovia, Lda.

O Mirante (2004, 28 de Julho). Tauromaquia recebe apoios. *Edição eletrónica do Jornal O Mirante*. Acedido em 04 de Junho de 2017 em <http://omirante.pt/semanario/2004-07-29/sociedade/2004-07-28-tauromaquia-recebe-apoios>.

O Mirante (2009, 24 de Setembro). Oposição critica contratação de artistas e aquisição de bilhetes para touradas. *Edição eletrónica do Jornal O Mirante*. Acedido em 04 de Junho de 2017 em <http://omirante.pt/semanario/2004-07-29/sociedade/2004-07-28-tauromaquia-recebe-apoios>.

Paniagua, C. (2008). Psicología de la afición taurina; *Ars Medica*, 2, 140-157.

Penaguião, M. D. (2005). *Tourada - Poemas de M. Dulce Penaguião e Resenha Histórica da luta anti-touradas em Portugal* (pp.7-12). Lisboa: Parceria A.m. Pereira.

Pereira, M. H. (1987). *Estudos da História da cultura clássica* (Vol. I, p. 34). Lisboa: F. Calouste Gulbenkian.

Pereira, S. (2009). A presença dos animais na história do Homem. *Mundo dos animais*, (12) 28-33.

Pêrez, E. T. (1944). *ABC da Tauromaquia* (1ª Ed., pp. 12-65). Lisboa: Edições VIC, Lisboa.



Pinto, C. (2000, 07 de Agosto). Igreja Católica foi o alvo. *Edição eletrónica do Jornal Público*. Acedido em 02 de Junho de 2017 em <https://www.publico.pt/sociedade/jornal/igreja-catolica-foi-o-alvo-147298>.

Regan, T. (2001). *Defending Animal Rights* (p.179). Illinois: Ed. Illinois University.

Relatório de espetáculos tauromáquicos 2016. *Inspeção Geral das atividades culturais*. Retirado de [https://www.igac.gov.pt/documents/20178/308118/Relatorio\\_Tauromaquia\\_ass\\_2016](https://www.igac.gov.pt/documents/20178/308118/Relatorio_Tauromaquia_ass_2016).

Rocha, E. M. (2004). Animais, homens e sensações segundo Descartes. *Kriterion: Revista de Filosofia*, 45(110), 350-364.

Rodrigues, A. M. (1969). *O Fado e as touradas em Portugal* (pp. 93-94; 101-105; 127-128; 155-158; 213-216). Lisboa: Publitur.

Rodrigues, M. V. (2001). As touradas na Vila de Santarém no século XVII. In Centro cultural regional de Santarém (1ª Ed.), *Touros, toureiros e touradas, conferências 1998/1999* (pp. 59-69). Santarém: Autor.

Romeiras, F. & Soares, M. (2014). *José Maria Cortes, um forçado para a história* (1ª Ed.). Linda-a-Velha: Francisco Romeiras Fotografia Desportiva Lda.

Rostos.pt. (2009, 13 de Maio). Câmara Municipal de Montijo Reunião Pública. *Edição eletrónica do Jornal Rostos.pt*. Acedido em 04 de Junho de 2017 em <https://www.rostos.pt/inicio2.asp?cronica=142685>.

Ryder, R. (2014). Animals and Human Rights. *Revista Brasileira de Direito Animal*, 3(4)

Saraiva, H. J. & Gerra, M. L. (1998). *Diário da História de Portugal* (p. 416). Madrid: Seleções do Reader's Digest.

Shils, E. (1981). *Tradition* (p. 12). Chicago: University of Chicago Press.

Singer, P. (1993). *Ética Prática* (pp. 3-4, 65). Lisboa: Gradiva, Tipografia Lugo, Ltda.

Silva, K. & Silva, M. (2009). *Dicionário de Conceitos Históricos* (2ª Ed., pp. 85-88; 405-408). São Paulo: Contexto.

Silveira, J. C. (1971). *O touro e a arte de tourear* (1ª Ed., pp. 28-31, 37-38). Lisboa: Autor.

Soares, T. (2008). *Homens que pegam toiros – em defesa de valores* (pp. 18-20, 35-50, 54-58, 61- 80). Lisboa: Edições Cosmos.

Sociedade Protectora dos animaes: Requerimento Sua Magestade El - Rei pedindo a abolição das touradas em Portugal; Lisboa (1876). (pp. 3-13). Lisboa: Typ. Editora de Mattos Moreira & C.<sup>a</sup>.

Solís, P. R. (1995). La Tauromaquia considerada como un sacrificio. Algunos aspectos sobre sobre el origen, posición y calidad de su publico. *Sacrificio y tauromaquia en España y América. Sevilla: Universidad de Sevilla.*

Tamen, P. (1979). *A Epopeia de Gilgamesh* (pp. 23). Lisboa: Editora António Ramos.

Taurinorum, A. (1862). *Bullarum Diplomatum et Privilegiorum Sanctorum Romanorum Pontificum Taurinensis* (VII, pp.630-631). Editio.

Teixeira, F. (1994). *O touro e o Destino. Morte e Ressurreição a las cinco en punto de la tarde* (pp. 31-34; 40; 59-60). Lisboa: ISER, U.N.L.

Teixeira, F. & Barros, J. (1992). *Touros em Portugal, Um património Histórico artístico e cultural* (1ª Ed., pp. 11-19, 29-55, 71, 85). Lisboa: Correios de Portugal.

Tinhorão, J. (1988). *Os Negros em Portugal* (2ª Ed., pp. 241-251). Lisboa: Editorial Caminho, SA.

Touradas. Mentira sobre as touradas. [texto colocado no site touradas.pt]. Acedido em 30 de Maio de 2017 em <http://touradas.pt/tauromaquia/mentiras>.

Touradas. Touradas em números. [texto colocado no site touradas.pt]. Acedido em 04 de Junho de 2017 em <http://touradas.pt/tauromaquia/touradas-numeros>.

Touradas. História da tauromaquia. [texto colocado no site touradas.pt]. Acedido em 04 de Junho de 2017 em <http://touradas.pt/tauromaquia/historia>.

Tuglio, V. (2014). Espetáculos públicos e exibição de animais. *Revista Brasileira de Direito Animal*, 1(1).

Vilafranquenses anti-touradas. (2012, 01 de Junho). 9 milhões de impostos para a tauromaquia/tortura de animais para diversão. [Texto colocado no Blog [vfxantitouradas.blogspot.pt](http://vfxantitouradas.blogspot.pt)]. Acedido em 04 de Maio de 2017 em <http://vfxantitouradas.blogspot.pt/2012/06/9-milhoes-de-impostos-para.html>.

Xavier, D. C. (2013, Janeiro/Fevereiro). Touradas. *Revista Equitação*, (100), 67.

## APÊNDICE

**INQUÉRITO** - Perspetiva e posição da tauromaquia face aos espetáculos tauromáquicos.

Data do inquérito: \_\_\_\_\_

Este questionário enquadra-se numa investigação para obtenção do grau académico de Mestre, do curso de Medicina Veterinária da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias e tem como objetivo avaliar a perspetiva dos portugueses relativamente aos espetáculos tauromáquicos, enquanto manifestação artística e cultural, com ou sem fins lucrativos ou como atividade meramente recreativa.

O questionário é individual e estritamente confidencial, não existindo respostas certas ou erradas, pelo que se solicita que **responda apenas uma vez, de forma espontânea e sincera**, de acordo com a sua opinião.

Dado que o propósito deste inquérito visa simplesmente obter o parecer dos inquiridos e não os conhecimentos sobre o assunto, estima-se que o tempo de resposta para o seu preenchimento, decorra entre 7 a 15 minutos, pelo que agradecemos desde já a sua colaboração.

Para mais informações poderá contactar a autora deste projeto, Yara Zau, através do seguinte endereço eletrónico: [tauomaquiapz@gmail.com](mailto:tauomaquiapz@gmail.com).

**Instruções:** Leia cada uma das questões e opções de resposta disponíveis. Nas perguntas de escolha múltipla, selecione a opção que mais se identifica, escolhendo apenas uma ou mais do que uma, sempre que estiver indicado.

### I

<b>1. No último ano assistiu ou participou em algum tipo de espetáculo tauromáquico?</b>	
a. Sim	
b. Não	

Se na pergunta anterior respondeu SIM, continue a responder até à pergunta 6, se respondeu NÃO passe para a pergunta 7

**II**

<b>1.1 Qual (ais)?</b> (Poderá escolher mais do que uma opção)	
a. Corridas de touros	
b. Corridas mistas	
c. Novilhadas	
d. Novilhadas populares	
e. Variedades taurinas	
f. Festivais tauromáquicos	
g. Outra. Indique qual:	

<b>2. Que razão o(a) leva a assistir ou a participar?</b> (Poderá escolher mais do que uma opção)	
a. Cultural	
c. Religiosa	
d. Económica	
e. Outra. Indique qual:	

<b>3. Geralmente assiste ou participa:</b> (Poderá escolher mais do que uma opção)	
a. Pela televisão	
b. Presencialmente	
c. Outra. Indique qual:	

<b>4. Com que idade começou a assistir ou participar neste tipo de espetáculos?</b>	
a. Inferior a 18 anos	
b. 18-25 anos	
c. Superior a 25 anos	

<b>5. Se em vez de um animal fosse usado em sua substituição um robot, continuaria a assistir ou participar em espetáculos tauromáquicos?</b>	
a. Sim	
b. Não	
c. Sem opinião	

<b>6. Se o touro bravo fosse substituído por outro animal, por exemplo um cão, teria interesse em assistir ou participar neste espetáculo?</b>	
a. Sim	
b. Não	
c. Sem opinião	

<b>6.1 Se na pergunta anterior respondeu <u>NÃO</u>, escolha a (s) opção (ões) com que mais se identifica:</b> (Poderá escolher mais do que uma opção)	
a. O cão não faz parte da tradição Portuguesa	
b. O cão não aguentaria a dor da colocação das bandarilhas	
c. O cão não investe como um touro bravo	
d. Outra. Indique qual:	

Se respondeu às questões anteriores por favor passe para a questão 8

**III**

<b>7. Se há mais de um ano, assistiu ou participou em algum tipo de espetáculo tauromáquico, indique o porquê de ter deixado de o fazer?</b>	
a. Desinteresse	
b. Preocupação com o bem-estar animal	
c. Deixei de gostar	
d. Nunca assisti	
e. Não deixei de assistir	
d. Outra. Indique qual:	

#### IV

<b>8. Considera a prática de espetáculos tauromáquicos de alguma forma perigosa para animais, praticantes e/ou espetadores?</b>	
a. Sim	
b. Não	
c. Sem opinião	

**8.1 Se escolheu SIM na pergunta anterior, classifique os seguintes elementos do espetáculo tauromáquico, por exposição ao perigo, numa escala de 1 a 5, sendo que o número 1 representa a menor exposição ao perigo e o número 5 a maior:**

	1	2	3	4	5
Cavaleiro					
Forcado					
Touro					
Cavalo					
Público					

<b>9. De alguma forma considera que o touro sente dor aquando da colocação das bandarilhas em corridas de touros?</b>	
a. Sim	
b. Não	
c. Sem opinião	

<b>10. De alguma forma considera que o cavalo sente dor quando acidentalmente é ferido pelo touro em corrida de touros?</b>	
a. Sim	
b. Não	
c. Sem opinião	

**11. Tendo em conta o conceito de cultura artística, classifique de forma independente de 1 a 5 as seguintes atividades, com o que considera estar mais relacionado com arte, sendo 1 o menos relacionado com cultura artística e 5 o mais relacionado com cultura artística.**

	1	2	3	4	5
Bailado					
Pintura					
Saltos de obstáculos a cavalo					
Corridas de touros					
Atividade circense (Circo com animais)					

**12. Considerando a possibilidade de sentirem dor, classifique de forma independente de 1 a 5, sendo 1 o menos provável sentir dor e 5 o mais provável de sentir dor.**

	1	2	3	4	5
Periquito					
Mosquito					
Golfinho					
Elefante					
Cão					
Touro					
Bezerro					
Égua					
Homem					

**V**

**13. Se os espetáculos tauromáquicos não existissem, considera que ocorreria a extinção do touro bravo?**

a. Sim	
b. Não	
c. Sem opinião	

**14. Considera que a maioria dos espetáculos tauromáquicos estão ligados a festas religiosas?**

a. Sim	
b. Não	
c. Sem opinião	

**14.1 Se na pergunta anterior respondeu NÃO, considera que estão ligados a alguma destas opções? (poderá escolher mais do que uma opção)**

a. Festas para as populações locais	
b. Festas para as classes sociais mais altas	
c. Angariação de fundos para entidades de solidariedade	
d. Outra. Indique qual:	

**15. Tem conhecimento sobre a ordem de grandeza dos montantes anuais atribuídos aos espetáculos tauromáquicos?**

a. Sim	
b. Não	

**16. Concorda que o estado Português apoie através de subsídios os espetáculos tauromáquicos?**

a. Sim	
b. Não	
c. Sem opinião	

**16.1 Se na pergunta anterior respondeu SIM, escolha a opção que mais se identifica. (poderá escolher mais do que uma opção)**

a. É uma tradição nacional que deve ser mantida	
b. São espetáculos artísticos e como tal devem receber apoio	
c. É um espetáculo para todas as classes sociais e como tal os subsídios permitem entradas mais baratas	
d. O estado recuperará o investimento feito nesses espetáculos através dos impostos associados à venda dos bilhetes	

e. Os lucros provenientes desses espetáculos têm um fim solidário	
f. O estado tem dinheiro suficiente para apoiar todo o tipo de espetáculos nacionais	
g. Outra. Indique qual:	

<b>17. Tem conhecimento onde são utilizados a maioria dos fundos adquiridos com os espetáculos tauromáquicos?</b>	
a. Empresas	
b. Estado	
c. Associações de solidariedade	
d. Sem opinião/Sem conhecimento	
e. Outra. Indique qual:	

<b>18. Considera que a prática da tauromaquia é importante para a cultura do País?</b>	
a. Sim	
b. Não	
c. Sem opinião	

<b>19. Considera que a prática da tauromaquia em Portugal contribui para a economia?</b>	
a. Sim	
b. Não	
c. Sem opinião	

<b>20. Considera que a prática da tauromaquia em Portugal contribui para o turismo?</b>	
a. Sim	
b. Não	
c. Sem opinião	

<b>21. Na sua opinião, considera que Portugal adquire uma conotação positiva com a prática da tauromaquia?</b>	
a. Sim	
b. Não	
c. Indiferente	
d. Sem opinião	

<b>22. Considera que a prática da tauromaquia deve ser mantida em Portugal?</b>	
a. Sim	
b. Não	
c. Sem opinião	

<b>22.1 Se na pergunta anterior respondeu <u>SIM</u>, considera que deve ser mantida porque: (poderá escolher mais do que uma opção)</b>	
a. Faz parte de uma tradição portuguesa que dura há vários anos	
b. Contribui para a economia do País	
c. Contribui para o turismo	
d. O fim das corridas de touros seria grave para a identidade nacional	
e. Outra. Indique qual:	



<b>22.2 Se na pergunta anterior respondeu <u>NÃO</u>, considera que não deve ser mantida porque:</b> (poderá escolher mais do que uma opção)	
a. Questões relacionadas com o bem-estar animal	
b. Utiliza dinheiro público indevidamente	
c. Não favorece a economia do País	
d. Não contribui para a cultura do país	
e. Outra. Indique qual:	

<b>23. O que pensa sobre as seguintes tradições portuguesas?</b>			
	concordo	Discordo	Sem opinião
a. Queima do gato em Vila Flor			
b. Santos populares			
c. Morte do touro na arena em Barrancos			
d. Garraiada à portuguesa			

<b>24. Qual a sua idade?</b>	
a. Menos de 18	
b. 18 a 27	
c. 28 a 37	
d. 38 a 47	
e. 48 a 57	
f. 58 a 67	
g. 68 a 77	
h. 78 ou mais	

<b>25. Sexo</b>	
a. Feminino	
b. Masculino	

<b>26. Qual a sua nacionalidade?</b> (Se outra por favor especifique)	
a. Portuguesa	
b. Outra. Indique qual:	

<b>27. Identifica-se com alguma destas religiões/Crenças?</b>	
a. Católica	
b. Muçulmana	
c. Budista	
d. Testemunhas de Jeová	
e. Protestante	
f. Nenhuma	
g. Outra	

<b>28. Tem algum familiar ligado diretamente à tauromaquia?</b>	
a. Sim	
b. Não	

<b>29. Reside em Portugal?</b>	
a. Sim	
b. Não	

<b>30. Habita em:</b>	
a. Meio rural	

b. Meio urbano	
----------------	--

<b>31. Se reside em Portugal, indique qual o distrito ou Região autónoma da sua área de residência?</b> (Coloque uma X à frente da opção escolhida)				
Açores	Bragança	Faro	Madeira	Setúbal
Aveiro	Castelo Branco	Guarda	Portalegre	Viana do Castelo
Beja	Coimbra	Leiria	Porto	Vila Real
Braga	Évora	Lisboa	Santarém	Viseu

<b>32. Se vive fora de Portugal, por favor indique o País?</b>	
--	--

<b>33. Qual o seu nível de escolaridade?</b>	
a. Nenhum	
b. Básico	
c. Secundário	
d. Superior	

<b>34. Qual a sua situação profissional?</b>	
a. Trabalhador por conta própria	
b. Trabalhador por conta de outrem	
c. Estudante	
d. Reformado	
e. Desempregado	

<b>35. Se empregado, qual a sua profissão?</b>	
a. Atividade ligada à educação	
b. Atividade ligada a animais	
c. Atividade ligada a crianças	
d. Atividade ligada à saúde humana e apoio social	
e. Atividades artísticas, de espetáculos, desportivas e recreativas	
f. Outra. Indique qual:	

<b>35.1 Se Atividade ligada aos animais, responda se é Médico Veterinário?</b>	
a. Sim	
b. Não	

<b>36. Qual o grupo de rendimento líquido mensal do seu agregado familiar?</b>	
a. $\leq 1060\text{€}$	
b. $]1060\text{€} - 1590\text{€}]$	
c. $]1590\text{€} - 2120\text{€}]$	
d. $]2120\text{€} - 2650\text{€}]$	
e. $]2650\text{€} - 3180\text{€}]$	
f. $]3180\text{€} - 3710\text{€}]$	
g. $]3710\text{€} - 4240\text{€}]$	
h. $> 4240\text{€}$	
i. Não sei	

Obrigada pela sua colaboração.

## ANEXOS

**Anexo I** - Cartazes com divulgação de corridas em honra de santos: Nossa Senhora da Conceição, Nossa Senhora das Candeias e Nossa Senhora do Castelo.

# BARRANCOS

## FESTAS EM HONRA DE NOSSA SRA. DA CONCEIÇÃO 2016

### 28 a 31 de Agosto

#### Programa das Festas

#### 28 DE AGOSTO - DOMINGO

8h00 - Alvorada com a Banda Filarmónica "Fim de Século" de Barrancos  
11h00 - Missa Solene na Igreja Matriz de Barrancos  
18h00 - Procissão em Honra de Nossa Senhora da Conceição, Padroeira de Barrancos  
22h00 - Espetáculo com "LUCY TEIXEIRA", Praça da Liberdade  
24h00 - Quintalão de Festas:  
Grande Concerto com o melhor Grupo Flamenco "RAYA REAL"  
Baile com a Orquestra espanhola "ALEJANDRIA THE SHOW"

#### 29 DE AGOSTO - SEGUNDA-FEIRA

8h00 - 1º Tradicional Encerro de Touros  
18h00 - 1º Tradicional Festejo Taurino (ver cartel próprio)  
22h00 - Espetáculo Musical com o grupo "VOCES AL ALBA"  
(Praça da Liberdade)  
24h00 - Quintalão de Festas:  
Baile com a Orquestra espanhola "ALEJANDRIA THE SHOW"  
(Intervalos animados com o RUMBITA DJ ANIMADOR)

#### 30 DE AGOSTO - TERÇA-FEIRA

8h00 - 2º Tradicional Encerro dos touros  
18h00 - 2º Tradicional Festejo Taurino (ver cartel próprio)  
22h00 - Espetáculo Musical com "AMANTES DO ALENTEJO"  
(Praça da Liberdade)  
24h00 - Quintalão de Festas:  
Baile com a Orquestra espanhola "PASSIONES"  
(Intervalos animados com o RUMBITA DJ ANIMADOR)

#### 31 DE AGOSTO - QUARTA-FEIRA

8h00 - 3º Tradicional Encerro dos touros  
18h00 - 3º Tradicional Festejo Taurino (ver cartel próprio)  
22h00 - NOITE BARRANQUENHA COM:  
"GRUPO CORAL FEMININO VOZES DE BARRANCOS"  
"GRUPO DE SEVILHANAS LAS FLAMENQUITAS BARRANCOS"  
"GRUPO DE SEVILHANAS ZAPATITO FLAMENCO BARRANCOS"  
"GRUPO INSTRUMENTAL E CORAL NÚCLEO DOS AMIGOS DE BARRANCOS"  
24h00 - Quintalão de Festas:  
Baile com a Orquestra espanhola "PASSIONES"  
(Intervalos animados com o RUMBITA DJ ANIMADOR)

# MOURÃO

## N.ª S.ª das CANDEIAS

### DE 24 DE JANEIRO A 4 DE FEVEREIRO DE 2017

**DE 24 DE JANEIRO A 1 DE FEVEREIRO**

21h00m - Novena de Preparação para a Festa, na Igreja Matriz e Santuário de N.ª S.ª das Candeias, orientado pelo Rev.º Humberto Cesar Coelho, com a participação do Grupo Coral de N.ª S.ª das Candeias.

**30 DE JANEIRO – SEGUNDA-FEIRA**

21h00m - A Novena será preenchida com Celebração Penitencial (Orações, em simultâneo com a recitação de terço), e Bênção do Santíssimo.

**1 DE FEVEREIRO – QUARTA-FEIRA**

09h30m - Alvorada/Arruada pelas ruas da vila, pela Banda M. Mouranense.

15h00m - Festival Taurino. (Praça de Touros - Ver Programa Próprio)

21h00m - Encerramento da Novena de N.ª S.ª das Candeias.

23h00m - Concerto pela Banda Municipal Mouranense, seguido de Fogo de Artifício. (Jardim Municipal)

06h00m - Espetáculo Musical com o Grupo:

### RUMO AO SUL

02h00m - Animação Musical com:

### DJ GROUSE

**2 DE FEVEREIRO – QUINTA-FEIRA**

12h00m - Missa Solene da Festa, animada pelo Grupo Coral de N.ª S.ª das Candeias, com Ofertório Solene, destinado a atenuar as despesas com o Serviço Religioso da Novena e Festa, e a angariar fundos para a conservação e manutenção do património da paróquia de Mourão.

17h00m - Grandiosa e imponente Procissão, com a imagem da Padroeira, abrihantada pela Banda Municipal Mouranense, terminando com um espetáculo de Fogo-de-Artifício.

22h30m - Espetáculo Musical com:

### MIGUEL AZEVEDO e sua BANDA

**3 DE FEVEREIRO – SEXTA-FEIRA**  
(PATROCINADO PELA JUNTA DE FREGUESIA DE MOURÃO)

19h00m - Leilão de oferendas, abrihantado por:

### DUO FOLIA

22h00m - Espetáculo Musical com:

### QUIM BARREIROS

09h00m - Animação Musical com DJ's:

### KX CONNECTION

**4 DE FEVEREIRO – SABADO**

15h00m - Festival Taurino. (Praça de Touros - Ver Programa Próprio)

22h00m - IX Festival de Música da RC Alentejo  
Espetáculo de Beneficência Radio Corval/Bombeiros Voluntários de Mourão, com a participação dos Artistas:

**Toy, Edmundo Vieira, Cathy, Eduardo Santana, Bruna Guerreiro, Dj Sunlize, Dj Miss Shy**

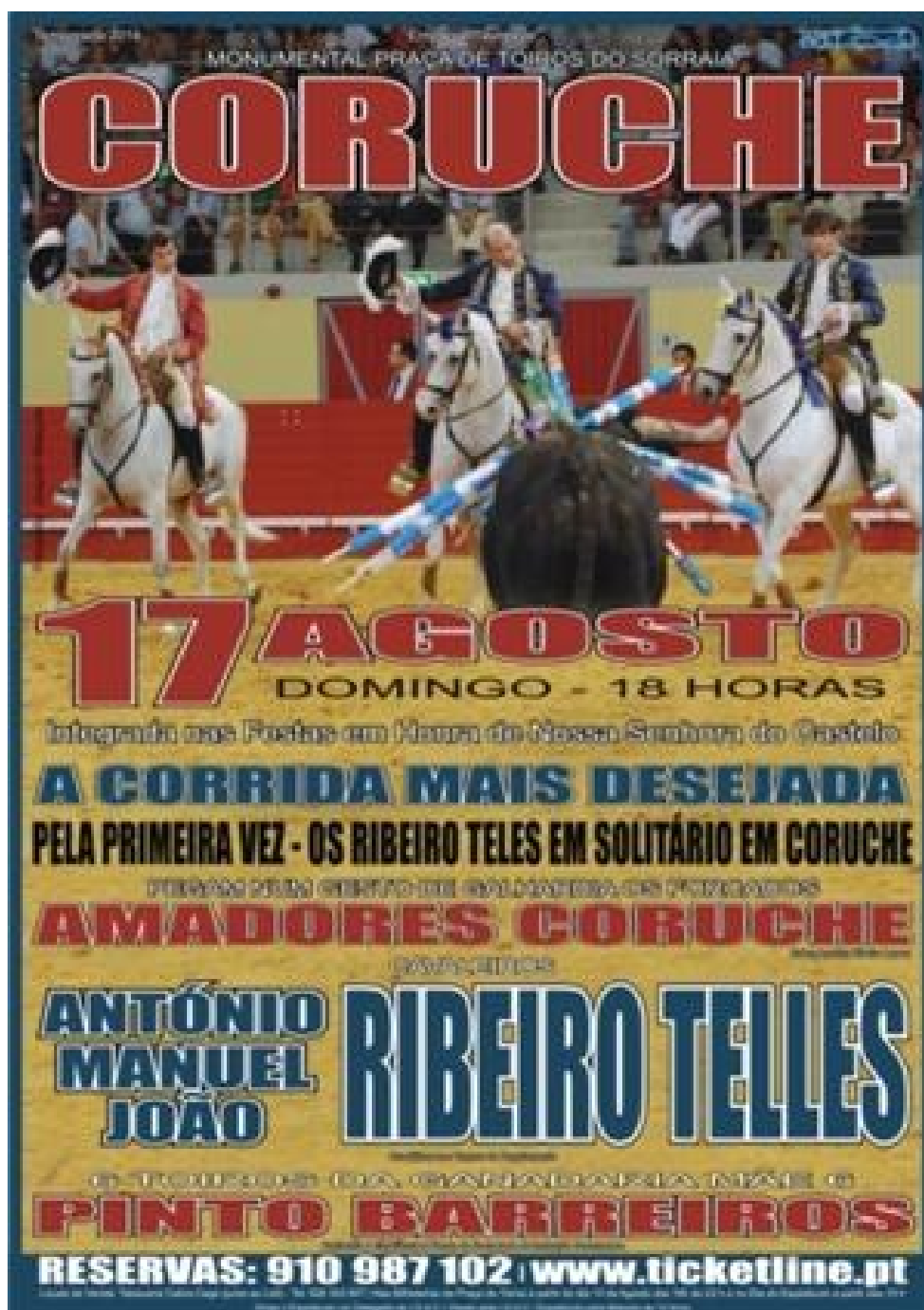
**Apoios:**

2020  
OLISENSE  
GNR  
SUPER ROCK

**Os Espetáculos realizar-se-ão no Pavilhão Gimnodesportivo**

**Organização:**  
FABRICA DA IGREJA PAROQUIAL DE MOURÃO

O Banho de entrada da Festa acontece a favor dos Bombeiros Voluntários de Mourão, entre o dia 2 de Fevereiro pelas 16h30m e favor do Conselho do Festejo de S. Pedro dos Olivais.



MONUMENTAL PRAÇA DE TOIROS DO SORRAIM

# CORUCHE

**17 AGOSTO**  
DOMINGO - 18 HORAS

Inaugurada nas Festas em Honra do Espírito Santo da Cidade

**A CORRIDA MAIS DESEJADA**  
**PELA PRIMEIRA VEZ - OS RIBEIRO TELES EM SOLITÁRIO EM CORUCHE**

PRESENÇA DE UM ESPETÁCULO EXCELENTE DE PARTICIPANTES

**AMADORES CORUCHE**

CONVITES

**ANTÓNIO  
MANUEL  
JOÃO**

**RIBEIRO TELLES**

ENTRADA PARA TODA A GRADUADAÇÃO DA CIDADE DE

**PINTO BARREIROS**

RESERVAS: 910 987 102 | [www.ticketline.pt](http://www.ticketline.pt)

**Anexo II-** Apoios financeiros públicos à tauromaquia por parte do governo dos Açores.

**GOVERNO DOS AÇORES  
ATRIBUI MAIS 2652,5€  
PARA A TAUROMAQUIA**



II SÉRIE - NÚMERO 31

REGIÃO AUTÓNOMA DOS AÇORES  
**JORNAL OFICIAL**

15/02/2016

Tertúlia Tauromáquica Terceirense para apoio à realização de um ciclo de colóquios - 822,50€

Tertúlia Tauromáquica Terceirense para apoio à catalogação e manutenção do acervo histórico - Catalogação e manutenção da documentação e objetos existentes nos núcleos museológicos - 630,00€

Tertúlia Tauromáquica Terceirense para apoio à realização do IV Fórum Mundial da Cultura Taurina: Medalha Comemorativa e Welcome Gift - 1.200,00€

**Anexo III** - Apoios financeiros públicos à tauromaquia por parte da Câmara Municipal de Vila Franca de Xira.



Fl. Livro \_\_\_\_\_  
Fl. Ata - 39  
Reunião de 2016/03/23  
Procº DCTAE.00TM.028.  
Deliberação nº \_\_\_\_\_

**ATA EM MINUTA**

1. Assunto: COLETE ENCARNADO 2016 – CONSTITUIÇÃO DE FUNDO DE MANEIO -----  
-----
2. Resumo: Presente o processo instruído com comunicação interna nº 77/16, de 15/03, do DEC/DCTPM/ST, para aprovação da constituição de um fundo de maneio, no valor total de 3 525,00€, para fazer face a despesas urgentes e inadiáveis, no âmbito da festa do Colete Encarnado 2016, o qual ficará à responsabilidade da Chefe de Divisão, Drª Maria João Carraça.-----



Fl. Livro \_\_\_\_\_  
Fl. Ata - 41  
Reunião de 2016/03/23  
Procº \_\_\_\_\_  
Deliberação nº \_\_\_\_\_

**ATA EM MINUTA**

Assunto: APOIO MUNICIPAL À TEMPORADA TAUROMÁQUICA DE 2016-----  
Presente para aprovação a minuta do protocolo, documento que se anexa e dá por inteiramente reproduzido nesta parte da ata, a celebrar com Paulo Pessoa de Carvalho Unipessoal, Lda, que define os termos do apoio municipal à temporada tauromáquica 2016, no valor de 12 000,00€. -----  
Deliberado, por unanimidade, aprovar a minuta do protocolo de apoio municipal à temporada tauromáquica 2016. -----